

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
LINHA DE PESQUISA: INTEGRAÇÃO, POLÍTICA E FRONTEIRA**

João Davi Oliveira Minuzzi

**UMA IMPRESSÃO A CADA VIAGEM: PERCEPÇÃO DA
NATUREZA DO PAMPA NA VISÃO DE VIAJANTES EUROPEUS
1818-1858**

Santa Maria, RS, Brasil

Abril de 2017

João Davi Oliveira Minuzzi

**UMA IMPRESSÃO A CADA VIAGEM: PERCEPÇÃO DA NATUREZA DO
PAMPA NA VISÃO DE VIAJANTES EUROPEUS 1818-1858**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para a obtenção do título de **mestre em História.**

Orientador: Luís Augusto Ebling Farinatti

**Santa Maria, RS, Brasil
2017**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Minuzzi, João Davi Oliveira
UMA IMPRESSÃO A CADA VIAGEM: PERCEPÇÃO DA NATUREZA
DO PAMPA NA VISÃO DE VIAJANTES EUROPEUS 1818-1858 /
João Davi Oliveira Minuzzi.- 2017.
141 p.; 30 cm

Orientador: Luís Augusto Ebling Farinatti
Coorientador: Carlos Henrique Armani
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em História, RS, 2017

1. História Ambiental 2. Pampa 3. Relatos de Viagem I.
Farinatti, Luís Augusto Ebling II. Armani, Carlos
Henrique III. Título.

João Davi Oliveira Minuzzi

**UMA IMPRESSÃO A CADA VIAGEM: PERCEPÇÃO DA NATUREZA DO
PAMPA NA VISÃO DE VIAJANTES EUROPEUS 1818-1858**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM) como
requisito parcial para a obtenção do título de
mestre em História.

Aprovado em 07 de Março de 2017:

Luís Augusto Ebling Farinatti, Dr. (UFSM)
Presidente/Orientador

Carlos Henrique Armani, Dr. (UFSM)
Co-orientador

Eunice Sueli Nodari, Dra. (UFSC)

José Martinho Rodrigues Remedi, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha mãe, Jurema Fenalte Minuzzi, amante da natureza e que tanto ajudou em minha trajetória. Dedico também à historiadora e amiga Juliana Aires Rieta (in memoriam) que nos deixou tão cedo tendo ainda muito que contribuir com a História.

AGRADECIMENTOS

Os relatos de viagem foram meus companheiros nestes últimos dois anos, pude lê-los em diferentes locais enquanto eles me transportavam para outros momentos, outros lugares e outros tempos. Junto desta leitura vieram as minhas próprias viagens, a maioria delas para eventos cada vez mais distantes de casa. Fui apresentado a diversos desafios, oportunidades, perdas, conquistas e batalhas. A experiência foi muito intensa e também difícil, mas nesta trajetória o aprendizado e o amadurecimento floresceram.

Agradeço aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em História, bem como os graduandos em História, pelo trabalho em equipe desenvolvido, pelas trocas de conhecimento e pela convivência sempre agradável e enriquecedora. Sempre me questioneei se continuar na mesma instituição seria uma escolha correta, acreditava que nada de novo seria aprendido. Hoje tenho a certeza que pude continuar aprendendo e crescendo dentro da UFSM. Agradeço aos colegas da minha turma de mestrado por serem uma turma de grandes profissionais e grandes amigos, pudemos dividir muitos momentos de felicidade e ansiedade juntos e creio que ainda teremos muito que compartilhar ao longo de nossas trajetórias.

Um agradecimento especial ao meu orientador Luís Augusto Farinatti e ao meu co-orientador Carlos Henrique Armani. Ambos me deram segurança e liberdade para desenvolver a pesquisa e auxiliaram com que o resultado final fosse melhor. Agradeço pela coragem de orientarem um trabalho fora de suas especialidades e também por toda a motivação que me passaram ao longo desta jornada. Agradeço ainda por me possibilitarem, desde a graduação, a ver a História e o mundo através de novas perspectivas.

Agradeço aos membros da banca de qualificação e da banca final pela leitura, sugestões e apontamentos sobre o trabalho. Agradeço também aos colegas da História Ambiental que a cada evento só me fazem gostar mais e mais de pesquisar nesta área, um agradecimento especial aos colegas pós-graduandos da IIª Escola da SOLCHA, que nossas parcerias e amizades durem muitos anos.

Agradeço a minha mãe, Jurema, e aos meus irmãos, Luciana e Fabiano, por estarem sempre comigo e batalharem ao meu lado nas dificuldades encontradas. Agradeço a todos os animais com quem estabeleci uma troca de carinho, atenção e cuidados ao longo destes anos, especialmente aos meus companheiros de infância Fofó, Mimoso e Preta, que foram partindo um a um ao longo do mestrado.

Gostaria de agradecer aos amigos que fiz ao longo da vida, pois para mim a coisa mais importante que podemos fazer durante nossos anos de existência são as amizades. Sinto-me abençoado de poder contar com tantas amizades duradoras e especiais. Espero que as aulas, as redes sociais, os eventos, as férias e feriados, as formaturas, os encontros inesperados e os jogos continuem nos unindo e nutrindo nossas amizades. Eu realmente gostaria de agradecer, mesmo que nem sempre demonstre o carinho que sinto por cada um de vocês.

Por fim, gostaria de agradecer as pessoas desconhecidas que trabalham na CAPES e na UFSM e que lutam para a manutenção e expansão da ciência no Brasil, especialmente no que tange o acesso a vagas, a bolsas de estudos e todas as questões de suporte e de infraestrutura que o ensino e a ciência necessitam em nosso país. Que o trabalho de vocês permaneça e reflita em um país melhor.

“E logo as víamos partir... Uma semana depois, seguiam em ritmo lento, fundindo-se inexoravelmente ao horizonte. Rugendas sentiu e comunicou ao seu amigo uma urgência quase infantil de partir, por sua vez, no rastro antecipado das carroças. Para ele, seria como viajar no tempo. No trajeto, feito ao passo rápido dos cavalos, alcançariam carroças que haviam partido em outras eras geológicas, talvez antes do inconcebível começo do universo (exagerava) e ainda as ultrapassariam, indo em direção ao verdadeiro desconhecido. Partiram seguindo este rastro, sobre esta linha. Era uma reta que terminava em Buenos Aires, mas o que importava a Rugendas estava na linha, e não no extremo dela. No centro do impossível. Onde apareceria enfim algo que desafiaria o seu lápis, que o obrigaria a criar um novo procedimento” (AIRA, César. Um acontecimento na vida do pintor-viajante. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p.36-37).

RESUMO

UMA IMPRESSÃO A CADA VIAGEM: PERCEPÇÃO DA NATUREZA DO PAMPA NA VISÃO DE VIAJANTES EUROPEUS 1818-1858

AUTOR: João Davi Oliveira Minuzzi
ORIENTADOR: Luís Augusto Ebling Farinatti

Este trabalho apresenta os resultados da minha pesquisa de mestrado que trata da análise de cinco relatos de viagem. Os relatos escolhidos são dos viajantes Alexander Baguet, Arsène Isabelle, Auguste de Saint-Hilaire, Nicolau Dreys e Robert Avé-Lallemant. O objetivo do trabalho é compreender como estes viajantes percebiam o ambiente do Pampa, um território desconhecido para eles. Estes relatos podem nos propiciar um entendimento mais complexo sobre as relações estabelecidas entre os seres humanos e o mundo natural, especialmente no que se refere ao recorte espaço temporal da pesquisa que é o Pampa na primeira metade do século XIX. Esta região carece ainda de estudos na área e se demonstra interessante por ser um bioma recortado por fronteiras de Estados Nacionais que naquele período se formavam e se consolidavam, disputando influência sobre esta vasta região. Nesta perspectiva, utilizo a história ambiental como referência teórica para realizar a análise das fontes.

Palavras-Chave: Pampa. Relatos de viagem. História Ambiental.

ABSTRACT

ONE IMPRESSION AT EVERY JOURNEY: PERCEPTION OF PAMPA'S NATURE IN THE VISION OF EUROPEAN TRAVELERS 1818-1858

AUTHOR: João Davi Oliveira Minuzzi
ADVISOR: Luís Augusto Ebling Farinatti

This text presents the results of my master's research about the analysis of five travel reports. The reports chosen are from travelers Alexander Baguet, Arsène Isabelle, Auguste de Saint-Hilaire, Nicolau Dreys and Robert Avé-Lallemant. The objective of this work is to understand how these travelers perceived the environment of Pampa, an unknown territory to them. These reports may give us a complex understanding of the relationships established between humans and the natural world, especially with regard to the temporal space of research that is the Pampa in the first half of the nineteenth century. This region still lacks studies in the area and it is interesting because it is a biome divided by borders of States that were formed and consolidated in that period, trying to get more influence in this vast region. In this perspective, I use environmental history as a theoretical reference to perform the analysis of the sources.

Keywords: Pampa. Journey Reports. Environmental History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 - Distribuição espacial do bioma Pampa.....	21
Mapa 2 - Conservação dos biomas brasileiros.....	22
Mapa 3 – Ecorregiões da Argentina.....	23
Mapa 4 - Detalhe de mapa mostrando o encontro entre biomas.....	25
Mapa 5 - Roteiro de viagem de Alexander Baguet 1845.....	33
Mapa 6 - Roteiro de viagem de Auguste de Saint-Hilaire 1820-1821.....	36
Figura 1 - Cardo (<i>cynara cardunculus</i>).....	46
Mapa 7 - Roteiro de viagem de Arsène Isabelle 1830-1834.....	80
Mapa 8 - Roteiro de viagem de Robert Avé-Lallemant 1858.....	83
Mapa 9 - Pontos comentados pro Nicolau Dreys entre 1817-1827.....	84
Figura 2 - Estância de Santana, onde Aimé Bonpland viveu os seus últimos anos..	114

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Visão geral sobre os viajantes	18
--	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. CAPÍTULO 1 - Os relatos de Alexander Baguet e de Auguste de Saint-Hilaire.....	31
2.1. Um olhar sobre a vida de Alexander Baguet e de Auguste de Saint-Hilaire.....	31
2.2. As constantes comparações e o clima da região.....	38
2.3. Sobre a Flora e a importância Madeira.....	43
2.4. Sobre a Fauna.....	49
2.5. Impactos humanos no ambiente.....	55
2.6. Diferentes formas de encarar a natureza.....	58
2.6.1. Exaltação e Depreciação.....	58
2.6.2. Melhoramento e Ordenamento do Mundo Natural.....	67
3. CAPÍTULO 2 - Os relatos de Alexander Baguet e de Auguste de Saint-Hilaire.....	77
3.1. Aspectos de vida e de viagem: compreendendo quem são os viajantes.....	77
3.2. A Flora do “Saara Americano”.....	88
3.3. A variedade da fauna do Pampa.....	91
3.4. Impactos gerados no bioma Pampa.....	101
3.5. Uma rápida passagem pela paisagem da fronteira.....	105
3.6. O macaco e o galo: o guincho primitivo e a trombeta da civilização.....	116
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS.....	133

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), dentro da linha de pesquisa Fronteira, Política e Sociedade. Com auxílio financeiro da CAPES e sob orientação do professor Luís Augusto Farinatti e co-orientação do professor Carlos Henrique Armani. Este trabalho tem como tema os pensamentos ambientais a respeito do bioma Pampa na primeira metade do século XIX. Para realizar a pesquisa as fontes escolhidas foram os relatos de cinco viajantes que serão analisados a partir da História ambiental, são eles Alexander Baguet, Arsène Isabelle, Auguste de Saint-Hilaire, Nicolau Dreys e Robert Avé-Lallemant.

Esta dissertação faz parte de uma rede confusa de interesse pessoal, gostos e caminhos trilhados há um bom tempo, mas também é parte de um contexto histórico de crescimento e amadurecimento da História ambiental brasileira e do interesse público para com os assuntos relativos à natureza. A História ambiental é um ramo muito recente da historiografia, mas isto não significa que a natureza não tenha sido objeto de estudo da História anteriormente. Para o historiador Eric Hobsbawm, “o único elemento observável e objetivo de mudança direcional nos assuntos humanos” ao longo de toda a História da humanidade, é “a capacidade persistente e crescente da espécie humana de controlar as forças da natureza por meio do trabalho manual e mental, da tecnologia e da organização da produção” (HOBBSAWM, 2013, p.53). Hobsbawm (op. cit.) ainda endossa que “qualquer tentativa genuína para dar sentido à História humana deve tomar essa tendência como ponto de partida”, ressaltando a importância de estudarmos a natureza e o seu papel dentro da História humana.

A História ambiental só vem a se constituir “como um campo historiográfico consciente de si mesmo e crescentemente institucionalizado na academia de diferentes países” (PÁDUA, 2010, p.81) na década de 1970, mesmo assim, diversos historiadores e demais pesquisadores tinham explorado faces da História Ambiental sem necessariamente utilizar este termo em suas pesquisas, como é o caso de Crosby (2011), Thomas (2010), Schama (1996) e tantos outros, inclusive muitos que veremos ao longo deste texto. A História ambiental teve início nos Estados Unidos e logo ganhou representantes em diversos países e foi se definindo como um campo de estudo cada vez mais bem delimitado e conectado. No Brasil, alguns estudos começam a ser desenvolvidos na década de 1980, ganhando maior

expressão a partir das décadas seguintes com a criação de grupos de estudos e redes de pesquisa¹.

Segundo Donald Worster (1991), o surgimento da História Ambiental recebeu a influência do movimento ambientalista e da reaproximação que as ciências humanas passaram a ter em relação aos temas ambientais e às ciências naturais, o historiador Reinhart Koselleck (2014) indica que desde o século XVIII a natureza e a História têm se distanciado na Europa. A História ambiental de forma geral insere-se em um movimento que o campo historiográfico vinha realizando desde o início do século XX, que era de diversificar temas, fontes e repensar o fazer histórico, especialmente a partir dos historiadores franceses da chamada Escola dos Annales² e suas contribuições com a interdisciplinaridade. Contribuindo com este debate, levantando os temas ambientais e rejeitando “a suposição comum de que a experiência humana tem sido isenta de constrangimentos naturais, que as pessoas são uma espécie separada e singularmente especial, que as consequências ecológicas de nossos feitos passados podem ser ignoradas” (WORSTER, 2003, p.24), a História ambiental tem se firmado como campo de pesquisa na área.

Podemos estudar a natureza na História, pois as atitudes humanas “para com a Terra e suas reações ao ambiente têm variado através do tempo e ainda variam entre regiões e culturas” (DREW, 2002, p.1), permitindo que possamos analisar este tema de acordo com um recorte espaço-temporal, característica típica de pesquisas históricas, já que o “espaço e o tempo representam, como categorias, as condições de possibilidade da história” (KOSELLECK, 2014, p.77). Além disso, este campo de estudo tem buscado expandir a História criando diálogo com outras áreas da Ciência, em especial com as Ciências Naturais, em um processo interdisciplinar de construção do conhecimento. A expansão ocorre dentro do próprio campo historiográfico, onde “uma das principais contribuições da história ambiental tem sido defender unidades alternativas de análise, como a bacia hidrográfica, que nos

¹Ao longo das décadas de 1990 e 2000 grupos de pesquisa ligados a universidades surgiram no Brasil, como o Laboratório de Imigração, Migração e História Ambiental (LABIMHA) da Universidade Federal de Santa Catarina. Já o Grupo de Trabalho (GT) em História Ambiental da Associação Nacional de História (ANPUH) foi criado apenas em 2013 e conta atualmente com cerca de 160 membros de pelo menos 16 estados brasileiros. Metade destes pesquisadores é oriunda da região sul com destaque para Santa Catarina, o estado com a maior quantidade de historiadores ambientais vinculados ao GT da ANPUH. O Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraíba são outros estados que apresentam uma quantidade considerável de pesquisadores na área. Outra rede importante que atua no Brasil é a Sociedade Latino Americana e Caribenha de História Ambiental (SOLCHA), que aproxima as pesquisas brasileiras com o restante do continente.

²Podemos lembrar de alguns estudos de historiadores da Escola dos Annales que se aproximavam da geografia e traziam a natureza para dentro das suas preocupações históricas, como “O Mediterrâneo” de Fernand Braudel ou “História do clima desde o ano mil” de Emmanuel LeRoy Ladurie.

permitem compreender processos complexos que se estendem para além das fronteiras políticas”³ (ZARRILLI, 2013, p.42, tradução nossa), como é o caso dos trabalhos que estudam o Pampa.

A História Ambiental “lida com o papel e o lugar da natureza na vida humana” (WORSTER, 2003, p.25), tendo como objetivo “aprofundar nossa compreensão de como os humanos têm sido afetados pelo seu ambiente natural através do tempo e,..., como a ação humana afetou o ambiente e quais foram as consequências” (WORSTER, op.cit.). Devido a estas características estudos sobre diversos temas surgiram e os historiadores desta área puderam se debruçar sobre doenças, o clima, biografias de ambientalistas, desastres ambientais, a utilização de recursos, enfim, sobre inúmeros temas que levam em consideração a influência humana na natureza e também a influência desta sobre as sociedades humanas, passando a ver que “a terra e as espécies que nela viviam não foram criadas em benefício da humanidade, mas tinham vida e história independentes” (THOMAS, 2010, p.239).

Neste processo os historiadores ambientais foram atrás de novas fontes e da aproximação com outras ciências, não deixando de revisar fontes já tradicionais na historiografia através de novos olhares. Uma destas fontes é o relato de viagem, utilizado nesta pesquisa. Apesar de ser considerada há muito tempo como uma das principais fontes para a historiografia brasileira, o relato de viagem ganha um novo fôlego ao ser estudado pela História ambiental, especialmente no que se refere ao estudo de paisagens, pensamentos ambientais, constituição ecológica de um espaço no passado e na forma como as sociedades interagiram com o seu ambiente.

Para esta pesquisa será utilizado cinco relatos de viagem com o objetivo principal de analisar as diferentes formas de pensamento existentes nestes textos. Levaremos em consideração que o período temporal escolhido, a primeira metade do século XIX, foi rico tanto na presença de relatos de viagem como em diferentes perspectivas em relação à natureza, possibilitando dados plurais para a discussão. Dentro da História ambiental, possuímos algumas linhas principais de pesquisa definidas por Donald Worster, uma delas, é importante base para este trabalho, é o estudo das “percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação [que] se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um

³ Usaremos a nota de rodapé para colocar as citações em seus idiomas originais, todavia foi feita a escolha de traduzir estes trechos para o português ao longo do corpo do texto com a intenção de deixar a leitura mais fluída. No original: “One of the principal contributions of environmental history has been to champion alternative units of analysis, such as the watershed, which allow us to understand complex process that extend beyond political borders”.

grupo com a natureza” (WORSTER, 1991, p.202). Podemos a partir desta perspectiva identificar quais elementos naturais foram exaltados e quais eram vistos como empecilhos e mal quistos aos olhos dos viajantes, buscando compreender quais eram as visões de natureza destes e ao mesmo tempo ter um maior entendimento de como a sociedade interagiu com a natureza no período e no espaço estudado. Retornaremos em breve a falar do recorte espaço-temporal da pesquisa, o Pampa na primeira metade do século XIX.

Dentre os outros objetivos propostos para este trabalho está a intenção de aprofundar o nosso entendimento de História Ambiental para a região escolhida, levando em consideração a relevância e carência de estudos voltados para esta questão; Identificar quais elementos naturais foram exaltados e quais eram vistos como empecilhos e mal quistos aos olhos dos viajantes; Estudar a relação da espécie humana com outros animais e plantas, tentando compreender como todos interagem entre si e formavam juntos aquele ambiente; Demonstrar elementos que auxiliem na percepção de que as alterações ambientais no bioma pampa são anteriores ao processo de industrialização, pois existe um pensamento muito comum nos dias de hoje de que o homem alterou a natureza somente a partir do processo industrial, o que não é uma afirmativa verdadeira; E por fim, observar como o ambiente do pampa era percebido pelas pessoas que ali viviam e como esses diferentes grupos utilizavam os elementos naturais em termos econômicos, identitários, culturais, políticos e ambientais. Dentro dos limites que a fonte propicia.

A fonte é sempre muito importante em um trabalho de História, é através dela que conseguimos respostas sobre o passado. Pensando isso, o relato de viagem é uma fonte muito interessante, pois oferece ao historiador dados do cotidiano e impressões pessoais sobre um assunto, por isso ao longo da historiografia brasileira, e de outros países, se recorreu a este tipo de fonte para se responder diversas perguntas. Quando um viajante trás uma lista de mercadorias exportadas ou comenta sobre as frutas que viu na feira de uma cidade, ele nos dá indícios sobre a economia, sobre a alimentação e sobre a organização social daquele espaço. Ao relatar uma noite de festejos e descrever as roupas e acessórios utilizados pelas pessoas ao longo da festa, o historiador pode ter uma ideia mais clara sobre a moda, o lazer e até mesmo a religiosidade do período. Outros tantos temas foram e ainda podem ser estudados a partir dos relatos de viagem, como a escravidão, as guerras, as revoltas, a ocupação do território, as imigrações e o modo de vida indígena. A capacidade dos relatos de viagem de responderem as perguntas dos historiadores é catalisada à medida que se cruzam com outros relatos e com outros documentos, como censos, inventários e tantas outras. Os relatos de viagem serviram

não apenas à historiografia, mas no Rio Grande do Sul, por exemplo, suas informações foram apropriadas pela identidade regional que fomentou grupos tradicionalistas gaúchos.

Mas afinal o que pode ser considerado um relato de viagem? A resposta para esta pergunta não é definida ao certo. Para o historiador Temístocles Cezar “o relato de viagem é um gênero literário sem lei. Apesar de sua tradição ser bem estabelecida e sua leitura atravessar o tempo, este tipo de escrita continua avesso a debates teóricos” (CEZAR, 2010, p.28), possuindo uma liberdade de forma e conteúdo que possibilita que muitos textos sejam considerados relatos de viagem mesmo que sejam muito distintos. De forma geral, podemos considerar como relato de viagem um texto de um autor que não seja do mesmo local do qual está escrevendo e que faça descrições e deixe sua impressão sobre a natureza ou sobre a sociedade daquele lugar. Pode ser organizado em forma de diário ou em um relatório geral sobre as experiências vividas, sendo um encontro entre dois mundos distintos, ou seja, a realidade do autor e a realidade do local visitado.

Nesta pesquisa será trabalhado, como já mencionado, com cinco relatos de viagem diferentes que percorrem a mesma região em um período temporal próximo, entre os anos de 1818 e 1858. No quadro 1 podemos ver algumas características que mostram a pluralidade destes viajantes e as informações mais completas sobre cada um deles podem ser encontradas ao longo dos capítulos.

A pluralidade demonstrada no quadro 1 poderá ser vista também na forma, no conteúdo e nas visões dos viajantes, que serão exploradas ao longo do texto. Todos estes textos possuem semelhanças e distinções, o mais diferente de todos é o relato de Nicolau Dreys, pois ao invés de ser um relato a partir de impressões e memórias recentes, é um compilado de memórias da região escrito apenas dez anos depois de sua chegada. Além disso, podemos questionar até que ponto seu texto pode ser considerado um relato de viajante, pois Dreys passa a morar na região e vive ali por este período de dez anos, fazendo parte da sociedade e daquele espaço, por mais que sua origem seja outra. De qualquer forma, resolvemos manter o relato de Dreys como parte deste estudo devido a sua importância, à flexibilidade do conceito de relato de viagem e também por este ser um dos autores mais utilizados em pesquisas históricas que se baseiam neste tipo de fonte.

Quadro 1 – Visão geral sobre os viajantes.

Nome	Nacionalidade⁴	Período de viagem	Motivo da viagem	Profissão
Nicolau Dreys	Francês	1818-1828	Comércio	Militar Comerciante
Auguste Saint-Hilaire	Francês	1820-1821	Missão científica	Botânico Naturalista
Àrsene Isabelle	Francês	1830-1831	Iniciativa própria de explorar	Diplomata Comerciante Jornalista
Alexandre Baguet	Belga	1845	Missão Diplomática – em trânsito	Secretário de diplomata
Robert Avé-Lallemant	Alemão	1858	À pedido do Imperador do Brasil Colonização	Médico

Fonte: DREYS (1990), SAINT-HILAIRE (1987), ISABELLE (2006) BAGUET (1997), AVÉ-LALLEMANT (1980), KURY (2003), RUNDVALT (2016), AMARAL (2003), PEIXOTO (2010), ROSSI; MORETTO (2013), ROSA (2014), SCHWARTSMANN (2008), CEZAR (2010).

Os relatos de viagem oferecem informações e impressões ricas a respeito de um lugar e por isso muitos trabalhos da área utilizam este tipo de fonte em suas pesquisas. Alguns desses estudos são parte da base teórica deste trabalho e inspiraram e auxiliaram a pensar os temas desenvolvidos aqui. O primeiro deles é desenvolvido por Dilson Peixoto que trabalha com relatos de viajantes para o Rio Grande do Sul (PEIXOTO, 2010; PEIXOTO & MORAES, 2014) especialmente no que se refere a quais elementos naturais constituíam o

⁴ Nacionalidade baseada em relação a qual país a cidade de origem destes viajantes pertence nos dias atuais, mesmo que este país não existisse naquele período. O caso mais confuso se dá em relação ao viajante Robert Avé-Lallemant e a explicação detalhada se encontra no capítulo 2.

ambiente naquele período, se valendo de sua formação em História e em Biologia para realizar seu estudo. Peixoto compartilha conosco duas fontes, o relato de Nicolau Dreys e o relato de Auguste de Saint-Hilaire, sendo importante texto de referência.

O historiador Darcio Rundvalt trabalha com relatos de viagem nos campos gerais do Paraná (RUNDVALT, 2016) estando focado em destrinchar o conceito de paisagem⁵ presente nestes relatos. Desenvolve seu estudo a partir de diferentes viajantes, entre eles utiliza o relato de Auguste de Saint-Hilaire para aquela região. Tanto Peixoto quanto Rundvalt partem da história ambiental, ao contrário de Marise Amaral (2003). Amaral é bióloga e em sua tese de doutorado em educação desenvolve uma pesquisa sobre o papel educativo do relato a partir da produção cultural da natureza com o objetivo de verificar “como a natureza é falada, narrada e apresentada na e pela cultura” (AMARAL, 2003, p.39). Para isso utiliza quatro relatos de viajantes, sendo três deles coincidentes com os utilizados nesta pesquisa: Dreys, Isabelle e Saint-Hilaire. Devido à similaridade entre nossas fontes consideramos o trabalho dela como importante para gerar reflexões durante nosso processo de pesquisa, porém não é um trabalho que tenha se consolidado como parte da base teórica principal por ter certo distanciamento teórico e algumas falhas estruturais.

Dentre os vários textos que ajudaram a constituir o referencial teórico-metodológico para esta pesquisa, vou destacar quatro, por aglutinarem os principais elementos que mais ajudaram a pensar o objeto proposto. O primeiro é do historiador americano Franklin Baumer (1977) e nos permite verificar como as visões românticas e neo-iluministas pensaram a natureza no século XIX. Por sua vez, o historiador inglês Keith Thomas (2010) é outro que adquire grande importância, pois seu estudo é sobre como a relação da sociedade moderna inglesa mudou ao longo deste período, chegando até grandes mudanças de pensamento e de atitude no final do século XVIII e início do XIX que refletem nas formas de apreensão do mundo natural dos nossos viajantes. O historiador brasileiro José Augusto Pádua (2002) faz estudo semelhante partindo da história ambiental, mas para a realidade brasileira, permitindo

⁵ Diferente do objetivo de Rundvalt, que é o estudo da paisagem, iremos abordar esta questão de forma secundária. Consideramos paisagem neste trabalho como “o conjunto de elementos concretos de um local que são visualizados, interpretados, compreendidos e depois descritos num documento” (CORRÊA, 2008, p.137), ou seja, “a representação de um cenário que outro indivíduo avistou” (CORRÊA, 2008, p.137), mais especificamente o que os viajantes avistaram, sendo uma representação criada por humanos em relação às suas experiências de vida e de como estão envolvidos com o mundo ao seu redor. (OLSEN, 2003, p.91). Indo além desta classificação, podemos considerar a paisagem a partir dos outros sentidos que não apenas a visão. Paisagem pode ser compreendida ainda como “um espaço que é observado por alguém e que, pelo artifício narrativo, nos faz ver o ponto de vista do observador, e não a partir do ponto de vista do” (RUNDVALT, 2016, p.13-14) leitor.

que tenhamos uma compreensão de como a sociedade brasileira se relacionava com o seu meio durante o século XIX. Por fim, temos um dos principais nomes da história ambiental que é William Cronon (2011), este historiador americano escreve sobre as mudanças ocorridas em Massachusetts devido à ocupação humana, especialmente no que se refere à colonização europeia deste espaço.

O cruzamento dos trabalhos destes quatro autores condensa elementos, presentes também em outras obras, que permitem verificar como estas formas de perceber e interagir com a natureza eram diferentes e como mudaram ao longo do tempo. Para isto precisamos criar um recorte espaço-temporal pensando na disponibilidade das fontes, os relatos de viagem. Escolhemos trabalhar com o Pampa do século XIX pela variedade de viajantes que o percorreram neste período e por ainda existirem poucos trabalhos de história ambiental que voltam sua preocupação para este bioma⁶. Após a escolha espacial foram escolhidos cinco viajantes de acordo com a proximidade temporal e lugares percorridos em suas viagens, então se recortou o período temporal da pesquisa, de 1818 até 1858, que leva em conta o período dessas viagens.

O Pampa, mapa 1, é uma grande região localizada no sul da América do Sul e estranha em relação à percepção dos viajantes europeus que o percorreram, esta característica resultou em emoções e expressões diferentes para cada caso. O ambiente exótico causou estranheza, mas ao mesmo tempo instigou a curiosidade e até mesmo a admiração, sem falar nas inúmeras comparações entre o Pampa e as regiões de origem de cada viajante.

Atualmente três países dividem o controle territorial do Pampa que se estende por todo o Uruguai, pela parte centro-leste da Argentina e pelo extremo sul do Brasil. Assim o Pampa “ocupa uma área de aproximadamente 700 mil km²,..., sendo que no território brasileiro se distribui pela metade sul do Rio Grande do Sul, abrangendo 176.496 km², o que corresponde a 64% do território gaúcho” (SILVA, 2009, p.6). No Brasil, este bioma divide espaço com outros cinco: Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado e Amazônia. O Pampa é um dos menores

⁶ Pude desenvolver esta questão de forma mais aprofundada apresentando os trabalhos de historiadores ambientais sobre o pampa em um artigo (MINUZZI, 2016). O pampa é um espaço que habita o texto de inúmeros trabalhos historiográficos, mas a natureza do pampa é quase sempre personagem secundário destes trabalhos atuando como uma grande tela em branco que nada afeta ou é afetada no meio de disputas políticas, produção econômica e tantos outros temas. Em conversa com outros historiadores verificou-se a falta de trabalhos argentinos e uruguaios que debatam este espaço a partir da história ambiental. Há, claramente, muitos estudos desenvolvidos em outras áreas do conhecimento, especialmente nas Ciências Naturais, que em certa medida dão conta de explicar muitas perguntas sobre o passado da natureza do pampa.

biomas do Brasil⁷ e por este motivo a preocupação em manter suas características naturais e sua biodiversidade⁸ deveriam ser redobradas, todavia se vê um descaso em termos de proteção ambiental para esta região (OVERBECK; et al. 2015) e para outras regiões de campos no Brasil, como podemos ver no mapa 2.

Mapa 1 – Distribuição espacial do bioma Pampa.

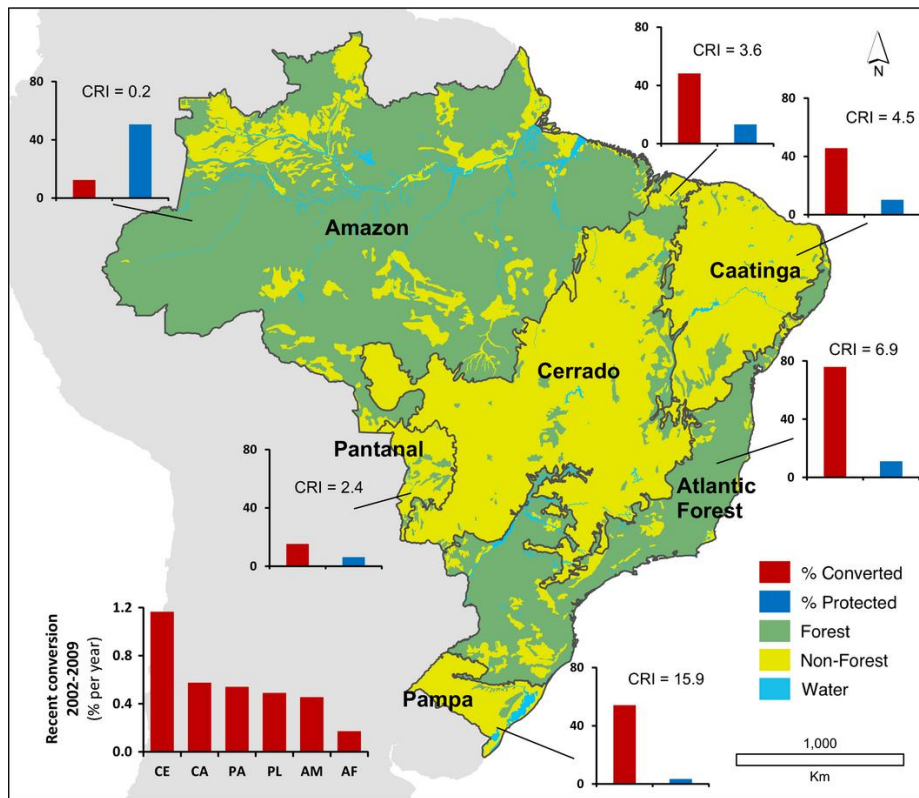


Fonte: SANTINO, 2004, apud. SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p.43. O mapa mostra algumas inconsistências, como estar indicando um avanço do Pampa para a parte setentrional do Rio Grande do Sul, mas mesmo assim é um dos melhores mapas para visualizar este espaço.

⁷ Coutinho (2005) nos elucida a respeito do conceito de bioma, indicando que os pesquisadores não chegaram a uma definição única e que o conceito tem variado amplamente desde seu surgimento, no início do século XX. Para este trabalho levaremos em consideração o bioma como uma grande unidade biológica definida “para designar unidades geográficas contínuas, ainda que sejam compostas por uma miríade de ecossistemas” (SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p.44). Esta unidade que pode ser agrupada a partir de elementos da natureza, tendo “por características a uniformidade de um macroclima definido, de uma determinada fitofisionomia ou formação vegetal, de uma fauna e outros organismos vivos associados, e de outras condições ambientais, como a altitude, o solo, alagamentos, o fogo, a salinidade, entre outros” (COUTINHO, 2005, p.18). Também levaremos em conta a classificação brasileira de biomas (IBGE, 2004) e a descrição do Ministério do Meio Ambiente: “As paisagens naturais do Pampa são variadas, de serras a planícies, de morros rupestres a coxilhas. O bioma exibe um imenso patrimônio cultural associado à biodiversidade. As paisagens naturais do Pampa se caracterizam pelo predomínio dos campos nativos, mas há também a presença de matas ciliares, matas de encosta, matas de pau-ferro, formações arbustivas, butiazais, banhados, afloramentos rochosos, etc”.

⁸ Podemos ter um vislumbre da rica biodiversidade do pampa no livro Campos do Sul (PILLAR; LANGE, 2015), com informações importantes sobre a fauna, flora e demais características do bioma.

Mapa 2 – Conservação dos biomas brasileiros.

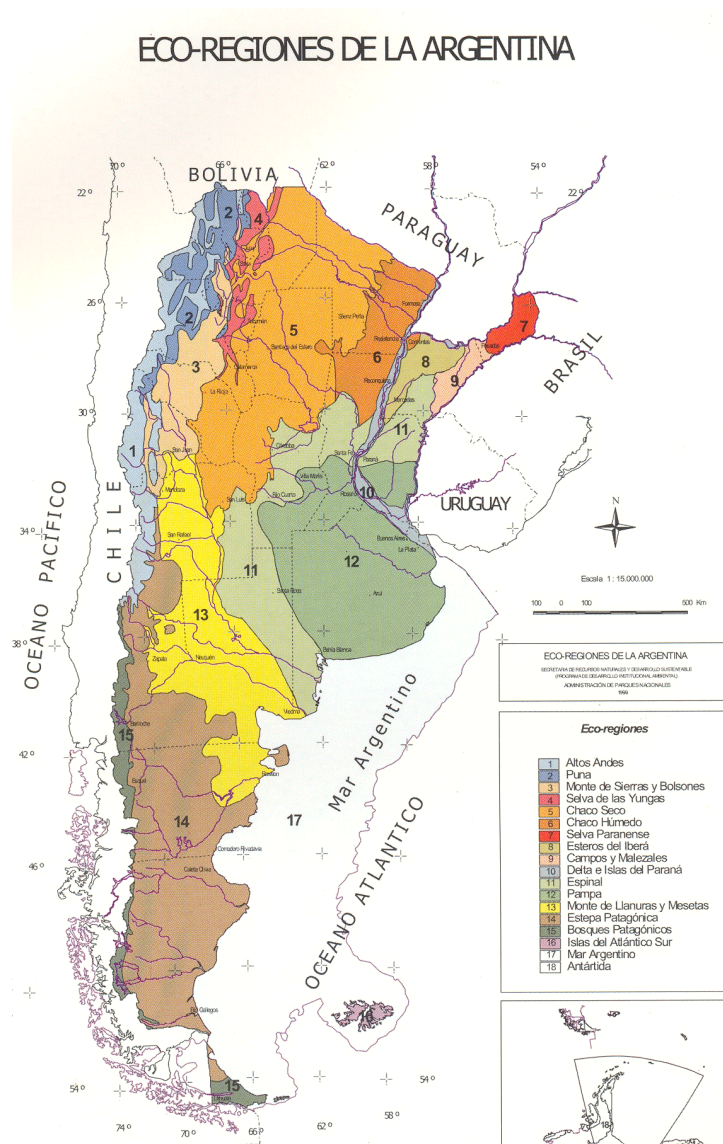


Fonte: OVERBECK; et al, 2015. Biomas brasileiros e cobertura vegetal. Em amarelo regiões predominantemente de campo e em verde regiões predominantemente de florestas. Nos gráficos de cada bioma temos a área convertida, ou seja, já modificada pela ação humana, em vermelho. Em azul é a área protegida, onde o Pampa apresenta a menor taxa de proteção dentre todos os biomas, possuindo um índice de risco de conservação (CRI) de 15.9. A recente taxa de conversão para os anos de 2002 a 2009 mostram que o bioma Pampa foi o terceiro em conversão. Mais informações podem ser obtidas na fonte.

Sobre as características do Pampa, podemos verificar algumas características marcantes, como leves ondulações, uma pequena quantidade de árvores presentes na maioria das vezes próximas aos diversos rios e arroios, um clima subtropical-temperado bem marcado pelas estações e uma paisagem de vastas planícies. Foi neste cenário, que diversos viajantes percorreram campos, navegaram por rios, conheceram as culturas nativas e nos deixaram um rico material de estudo.

O mapa 3 apresenta o atual entendimento dos limites do Pampa para o governo argentino.

Mapa 3 – Ecorregiões da Argentina



Fonte: NOGAR; NOGAR; JACINTO, 2013, p.77. Elaborado pela Secretaría de Recursos Naturales y Desarrollo Sustentable do governo Argentino.

Neste mapa podemos ver que o número 12 se refere ao Pampa e ocupa posição central no país, pois é o bioma onde se encontra a capital. O número 10 representa o delta e as ilhas do rio Paraná e dividem o Pampa em dois. Já o número 11, espinal, e o número 9, campos e malezales (campo coberto de ervas) não fazem parte do Pampa, mas apresentam certas características semelhantes e são considerados muitas vezes como parte do bioma Pampa,

inclusive serão considerados como parte do Pampa neste trabalho⁹. Em uma rápida leitura da bibliografia ou ao olhar os mapas sobre a região, perceberemos que os termos¹⁰ e os limites para definir estas regiões são bastante diferentes de um autor para o outro.

Iremos abordar ao longo do texto o Pampa a partir de um olhar macro, não adentrando nas particularidades de cada região do Pampa. Este bioma apresenta inúmeras subdivisões¹¹, de acordo com as características do relevo e da vegetação, algumas são mais servidas de água, possuindo inúmeros rios, lagos, córregos e sangas, enquanto outras regiões são mais rochosas e com uma altitude um pouco mais acentuada. Estas diferenças afetam o modo de perceber a natureza, mas queremos aqui compreender o panorama de uma maneira geral para que no futuro se possa expandir a pesquisa para estes detalhes.

O último mapa do bioma Pampa, mapa 4, mostra um detalhe de um mapa da época deixando bastante visível o encontro do bioma Pampa ao sul com o bioma Mata Atlântica ao norte, em uma região que permanece com estas características até os dias atuais e onde fica o estado do Rio Grande do Sul. Esta região de encontro de dois biomas foi muito visitada pelos viajantes e é uma das regiões que mais iremos explorar ao longo do texto, especialmente por ser bastante contrastante e gerar diversos comentários a respeito das características distintas de cada local.

Os viajantes aqui trabalhados não utilizam o conceito de bioma que só surge posteriormente e nem todos se referem à região como Pampa, apesar de nos relatos transparecer que este termo era bem recorrente entre a população em geral. Como pode ser percebido no mapa 4, a região estava sendo disputada no início do século XIX pelos Impérios espanhol e português. Ao longo do nosso recorte temporal, muitos acontecimentos importantes ocorreram e refletiram na forma como a sociedade ocupou este espaço. A linha da

⁹ Estamos considerando a região das missões, no noroeste do estado do Rio Grande do Sul, como parte do pampa também, apesar de não ser consenso sua inclusão ou não dentro do bioma pampa.

¹⁰ O pampa pode ser denominado por outros nomes como campos sulinos, estepes, campos, campos limpos, campos sujos, campos do sul do Brasil e outros nomes. Levaremos em conta o conceito de pampa por ser o utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), principal órgão do governo sobre o assunto, além desta definição ser utilizada por alguns dos viajantes e também por ser um termo mais abrangente para a região. O próprio nome pampa carrega uma simbologia e força antiga, sendo uma palavra quéchua de séculos atrás. Uma discussão mais aprofundada sobre sua nomenclatura e condições naturais pode ser vista no trabalho da historiadora ambiental Susana Cesco (2015) ou através de uma abordagem geográfica (OVERBECK, et. al. 2009).

¹¹ Existem algumas divisões do bioma, para o estado do Rio Grande do Sul podemos ver que uma delas separa o bioma em: campo nativo seco, campo nativo úmido, banhado, duna litorânea, praia fluvial, praia marinha, mata nativa, mosaico de campo e mata nativa (HASENACK, et.al., 2006). Pode-se pensar também a partir de outras classificações como: campos da campanha, campos da depressão central, campos sobre areais, campos da Serra do Sudeste e campos do litoral (OVERBECK; et al., 2015, p.38-39).

fronteira foi desenhada e apagada constantemente e inúmeros projetos políticos e nacionalistas surgiram, se espalharam, ganharam força e em alguns casos permaneceram.

Mapa 4 – Detalhe de mapa mostrando o encontro entre biomas



Fonte: A Map of Part of the Viceroyalty of Buenos Ayres 1806. London, Published by A.Arrowsmith, No. 10 Soho Square, 26th November, 1806. Detalhe do mapa. Em verde pode-se ver a parte estremadura meridional da Mata Atlântica, que fica sob a Serra Geral, ou seja, em uma zona de morros. Ao sul desta área verde temos a presença do bioma Pampa. As linhas rosa e amarela definem os limites do Império Espanhol e Português, respectivamente, em 1806. Estes Impérios duelavam pelo controle da região desde o final do século XVIII.

Os primeiros grandes impactos que temos na região foram o processo de independência colonial e os reflexos que o período Napoleônico gerou na bacia do rio da Prata. A Banda Oriental, atual Uruguai, tornou-se independente da Espanha e alguns anos depois foi anexada pelo Império Brasileiro, é neste período que Saint-Hilaire visita o Pampa uruguaio. Anos depois, em 1828, consegue sua independência definitiva, estando sempre nas sombras de seus vizinhos maiores e mais poderosos.

Já as Províncias Unidas do Rio da Prata, que hoje formam a Argentina, conquistaram sua independência em relação à Espanha e passaram a se constituir de diversas províncias semiautônomas que mantinham certo grau de unidade política e econômica em um intrigado jogo de poder. A rivalidade dos projetos políticos, especialmente aqueles relacionados ao centralismo e a unidade da região, moveram conflitos internos e respingaram nos países vizinhos. A expansão territorial interna, expandindo as fronteiras agrícolas em direção as terras indígenas no Pampa meridional e na patagônia, gerou nova onda de conflito, desta vez opondo o governo e os colonos contra os indígenas, como aponta Florencia Mallon (2003).

Neste período a ideia de Pampa como um vazio demográfico e cultural é acentuada e usada como argumento para a marcha governamental de unificação em direção às terras que não pertenciam às zonas importantes para os interesses econômicos de até então, “a utilização da idéia de deserto remete-nos também a outros significados importantes, tais como: a falta de governo, de leis, de educação, de população, de luzes” (MÄDER, 2008, p.265). Domingo Faustino Sarmiento, por exemplo, defende em sua obra *Facundo*, de 1845, que a Argentina precisava ocupar o espaço vazio do Pampa, um deserto que a cercava por todos os lados. Sarmiento acreditava que neste território ainda inexplorado, uma quantidade expressiva de gêneros alimentícios poderia e deveria ser produzida (MÄDER, 2008). A nova configuração política reformula a relação governamental perante os nativos e natureza através de projetos de integração nacional, sem se preocupar com os projetos que os grupos nativos possuíam.

O Brasil também conquistou sua independência neste período, mas diferente de seus vizinhos, recebeu a corte portuguesa e virou centro de um Império que havia perdido suas terras originárias para a coroa francesa de um imperador expansionista, Napoleão. Com essa mudança foi revogada a antiga lei colonial que só permitia navios e comércio entre a colônia e a metrópole. Com a abertura dos portos nossos viajantes puderam desembarcar e se aventurar por terras brasileiras, como é o caso de Dreys que se refugia no país ou de Saint-Hilaire, vindo em comitiva para reatar os laços entre o Brasil e a França após a queda de Napoleão.

Além desta abertura para o restante do mundo, a influência da ciência, bem como o avanço e a popularização do naturalismo e dos livros de viagem, serviram de inventivo para a crescente quantidade de relatos produzidos no início do século XIX. Muitos destes relatos foram influenciados pelas importantes viagens de Alexander von Humboldt e de Aimé Bonpland na virada daquele século. Um exemplo desta grande quantidade de relatos é vista nos campos gerais, neste período eles “foram então visitados por alguns viajantes europeus e os relatos deixados por eles constituem importante conjunto documental para a historiografia paranaense” (RUNDVALT, 2016, p.16).

Podemos ter um panorama mais aprofundado de todos estes movimentos e conflitos no trabalho do historiador César Guazelli (2013), que faz um apanhado sobre estas tensões no mundo platino do século XIX. De forma geral gostaria de destacar a instabilidade política da região, que ainda estava se organizando após o período de independência. As ideias nacionalistas e os jogos de poder moveram guerras e conflitos por toda parte, alianças eram criadas, quebradas e refeitas com o passar do tempo e de acordo com os interesses de cada grupo. A população, especialmente aqueles das classes mais pobres, os escravos e os grupos

indígenas, sofreram com a maior parte do processo. A natureza esteve presente em cada um desses momentos, mas a sua ação em cada um destes momentos da História ainda se encontram nublados, sendo campo fértil para futuros estudos históricos que não a enxerguem apenas como uma tela em branco onde ocorriam os principais jogos políticos.

“A maioria dos intelectuais do século XIX atribuía grande importância à natureza na constituição das características particulares e nacionais de um território, de um povo e de sua história” (MÄDER, 2008, p.263). As características ambientais do Novo Mundo foram importantes durante o processo de criação de identidades regionais e nacionais, especialmente no período de consolidação dos Estados Nacionais recém-independentes do domínio colonial. Os pensadores da nação irão “vangloriar-se e buscar legitimidade não em uma herança histórica ou em uma antiguidade mítica, mas no vigor fecundo da natureza circundante, vigorosa, exuberante, que parecia prometer generosamente, ou mesmo garantir um desenvolvimento futuro ilimitado” (MÄDER, 2008, p.263). Isto se dá especialmente no Brasil que contrapõe sua exuberante natureza tropical em relação à natureza Europeia. O Pampa também é pensado a partir destas construções identitárias.

A natureza pode ter papel de agente da História e não só ela, o estudo das coisas¹² e do espaço precisa ser cada vez mais trabalhado e mais refletido pela historiografia. Nada e nem ninguém vive fora de um espaço e o corpo humano está durante toda a vida em contato direto com algum lugar, algum objeto ou alguma coisa. Estudar a influência que as coisas geram no cotidiano da História é muito importante, pois a humanidade está influenciando e sendo influenciada constantemente pela presença, ou ausência, das coisas. “A vida humana consiste na incessante e variada interação entre pessoas e uma miríade de tipos de coisas” (OLSEN, 2003, p.87), que nem sempre são notadas ou valorizadas. Quando falamos de coisas, falamos de uma profusão de elementos que podem representar seres vivos como plantas e animais; características da paisagem, como montanhas, rios, lagos, grupos de plantas (floresta, campo); objetos inanimados criados pela ação humana como uma cadeira, uma espada, uma casa; coisas que não podemos tocar, mas podemos interagir, ver, sentir ou que precisamos para nos manter vivos, como o ar, as moléculas até os dados virtuais presentes nos computadores.

O estudo das coisas ganhou força na chamada virada ontológica do pensamento contemporâneo que se contrapõe à virada linguística. Este movimento não possui unidade e é diverso, mas de maneira geral apresenta certas características como “uma hostilidade ao

¹² “Coisas” é o termo escolhido para a tradução ao conceito de “Things” utilizado por Bjornar Olsen (2003). As duas palavras são bastante vagas e usualmente evitadas de serem utilizadas em textos acadêmicos, mas aqui expressam uma variedade de elementos que interagem com as pessoas cotidianamente.

antropocentrismo kantiano, a convicção da necessidade de um retorno aos objetos e às coisas em si mesmas e, por fim, a necessidade de se desenvolver novos modos (e desafios) de pensar” (ARMANI, 2015, p.82). Devemos ter em mente que “não existe mundo das ideias (ou mundo do texto) fora de um mundo formado por uma totalidade de entes que se remetem uns aos outros, entre os quais, deve-se levar em consideração entes não humanos que habitam, com os humanos, o mundo” (ARMANI, 2015, p.82), portanto um equilíbrio do estudo dos significados e das palavras deve ser alcançado com o estudo das coisas, do espaço e da natureza. O espaço é mais do que um repositório cultural de significados, como nos ensina o historiador Leif Jerram (2013, p.410), é também uma coisa física que estrutura a ação humana.

No que se refere aos relatos de viagem devemos pensar que os escritos dos viajantes são percepções deles sobre paisagens que eles viram, sentiram, tocaram, cheiraram e que já não existem mais hoje como eram duzentos anos atrás. Em cada descrição há um pouco de materialidade, mesmo que estas coisas não possam ser tocadas por nós, leitores, pois, “por mais que se use a linguagem para descrever e interpretar estas circunstâncias, há algo de extralinguístico nelas” (ARMANI, 2015, p.96). A materialidade dos objetos também pode carregar memórias e moldar experiências, como Bjornar Olsen (2003) nos lembra de que precisamos pensar em como nos movemos pelo espaço, como damos significado as coisas e como estamos entrelaçados com as coisas através de memórias, histórias e sentido de pertencimento.

Pretendemos ao longo dos capítulos fazer um exercício de aproximação com estas ideias, retomando alguns destes pontos ao abordarmos especificamente sobre a questão da ordinariedade dos objetos no cotidiano e da importância da percepção como um todo, diminuindo o valor dado ao sentido da visão. Temos em mente que “uma longa tradição ocidental privilegiou a visão sobre os outros sentidos. Na paisagem tudo converge para esse sentido, tudo se dá no olhar. Temos um extenso vocabulário para descrever o que vemos” (RUNDVALT, 2016, p.11), mas um vocabulário muito restrito no que diz respeito aos outros sentidos. Esta forma de perceber o mundo afeta de forma direta as descrições de viajantes sobre as paisagens, tornando os elementos visuais protagonistas da sua narrativa.

Os estudos históricos podem e devem ter mais de um protagonista, precisamos de uma “brigada inteira de atores: pratos, garfos, lápides, humanos, pilhas de lixo, penicos, livros de

leis, instrumentos musicais, etc., agindo juntos em uma teia relacional”¹³ (OLSEN, 2003, p.99, tradução nossa). Pode então uma mula ser agente da História? Uma planta cheia de espinhos pode ter alguma importância? Os animais podem nos dizer algo? O quanto de memória uma árvore centenária deve carregar? Podemos atravessar um oceano e conquistar um continente inteiro sem barcos? Criaríamos aviões se não houvesse animais que voassem? Como podemos registrar nossos pensamentos e transmitir eles por séculos se estamos no meio do Pampa sem um pedaço de papel para fazer anotações?

Os historiadores podem ler prédios, paisagens e outras coisas como documentos que foram alterados ou construídos pelos humanos (JERRAM, 2013) e que ao se relacionar com a sociedade acabam fazendo parte dos processos históricos em menor ou maior grau. Cada coisa possui seu próprio histórico, “trata-se de histórias que independem da consciência humana, mas só podem ser reconstruídas por meio delas” (KOSELLECK, 2014, p.78), são dados meta-históricos que estão à disposição dos historiadores para que estes reflitam sobre o passado e escrevam sobre a vida das pessoas e sobre a existência das coisas. Sem escrever uma história onde “toda a honra e fama mais uma vez é clamada por um único ator, o sujeito humano, quando na realidade uma completa companhia de atores”¹⁴ (OLSEN, 2003, p.100, tradução nossa) estão agindo para formar o resultado obtido.

Sobre a estrutura desta dissertação, no primeiro capítulo serão analisados os relatos de Auguste de Saint-Hilaire e de Alexandre Baguet, inicialmente iremos apresentar estes viajantes para que possamos compreender melhor quem eles eram e em que contextos estavam inseridos. Logo em seguida vem à análise dos seus relatos divididas nos temas sobre clima, sobre fauna, sobre flora, sobre impactos ambientais e no final do capítulo uma discussão a respeito das formas de pensamento destes viajantes em relação à natureza. No segundo capítulo, trago os relatos dos viajantes restantes: Nicolau Dreys, Àrsene Isabelle e Robert Avé-Lallemant. A estrutura de análise é semelhante, apenas retirando a discussão sobre clima e incluindo um trecho debatendo sobre as questões fronteiriças em relação aos viajantes e à natureza. Baguet e Saint-Hilaire foram agrupados juntos, pois apresentam um contraste de ideias interessante de ser explorado. O relato mais antigo, de Dreys, e o relato mais recente, de Avé-Lallemant, demonstram como o pensamento foi mudando ao longo do

¹³ No original: “whole brigade of actors: plates, forks, gravestones, humans, garbage pits, chamber pots, law books, musical instruments, etc., acting together in a relational web”.

¹⁴ No original: “all the honour and fame is once again claimed by a single actor, the human subject, when in reality a whole company of actors”.

período estudado, já o relato de Isabelle está junto destes, pois além de reflexões importantes possuía certa rixa com Dreys.

2. CAPÍTULO 1 – OS RELATOS DE ALEXANDER BAGUET E DE AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE.

Neste capítulo iremos desenvolver uma análise do relato de viagem de Alexander Baguet presente em seu livro “Viagem ao Rio Grande do Sul” e do relato de viagem de Auguste de Saint-Hilaire em livro também intitulado “Viagem ao Rio Grande do Sul”. Para realizar esta análise, foi dividido em grupos os elementos naturais mais destacáveis, visando uma explicação mais didática. Além de apresentar os autores, serão discutidas questões sobre o clima, a flora e a fauna, além de impactos ambientais gerais que podem ser pensados a partir destes relatos. Sem destacar estes elementos teremos uma compreensão falha do objetivo principal desta pesquisa, que é analisar o pensamento destes viajantes a respeito do Pampa. Estes elementos fazem parte da natureza vivenciada por estas pessoas e não há como dissociar estes elementos da forma como os elas percebem o ambiente em questão.

No trecho final do capítulo iremos analisar o pensamento dos viajantes em relação à natureza do Pampa, buscando compreender quais os pontos positivos e negativos que eram destacados, porque deles serem destacados e relacionar estes relatos a formas de pensar a natureza que estavam presentes no contexto do início do século XIX. Esta pesquisa se desenvolve através do olhar destes viajantes, suas percepções durante suas viagens e estadias no Pampa. Por vezes encontraremos trechos que indicam a percepção de terceiros – outros viajantes, migrantes ou gente nativa, porém foram trechos incomuns nos textos aqui trabalhos. Por isso é importante destacar que de modo algum o estudo a partir dos relatos de viajantes irá esgotar o problema ou trazer um aspecto geral das visões daquela sociedade. A utilização desta fonte irá propiciar o contato com o ponto de vista dos viajantes, que possivelmente era compartilhado por outras pessoas, mas não necessariamente. Este trabalho também não se propõe a ser uma biografia dos viajantes ou pensar a questão apenas a partir desses cinco olhares, procuramos desenvolver uma pesquisa que a partir destes relatos nos faça refletir sobre o quadro geral do pensamento ambiental a respeito do Pampa naquele período. Infelizmente o estudo da História dificilmente propicia respostas completas sobre o passado.

2.1 Um olhar sobre a vida de Alexander Baguet e de Auguste de Saint-Hilaire

Quando se trabalha com relatos de viagem uma das coisas mais importantes é passarmos a compreender quem foi o autor da obra, pois muito além de apenas escrever suas impressões como um viajante, este autor está inserido em determinados contextos, desempenha funções e possui certos objetivos ao realizar sua jornada em lugares distantes de sua terra natal. Por isso, quanto mais conseguirmos conhecer dados sobre este autor, mais rica será a análise dos seus relatos. Nem sempre encontraremos informações disponíveis no nível de detalhamento que desejamos, mas com apenas algumas já podemos ter indicações que nos auxiliem a entender o autor para além da simples categoria de viajante.

Alexander Baguet¹⁵ viaja pelo Pampa no início da primavera do ano de 1845, permanecendo na região por pouco mais de um mês. Após morar cerca de cinco anos na capital do Império Brasileiro, Rio de Janeiro, Baguet passa a trabalhar como secretário de um enviado extraordinário dos Estados Unidos no Paraguai, integrando uma comitiva de viagem pelos países platinos com o objetivo de conhecê-los melhor. Ele inicia esta trajetória chegando ao porto de Rio Grande, cidade da zona sul da província do Rio Grande do Sul e percorre regiões do Pampa brasileiro como podemos verificar no Mapa 5. Ele chega posteriormente na região das missões e dali continua viagem rumo ao seu destino final, o Paraguai (BAGUET, 1997).

O viajante belga partiu do Rio de Janeiro com um misto de entusiasmo e preocupação, ele realizaria uma viagem que há muito tempo buscava fazer, mas deixaria para trás os seus amigos que o advertiram sobre os campos do Rio Grande que eram “um refúgio de bandidos dos quais raramente se escapa” (BAGUET, 1997, p.23), informação esta que ele revela que o deixou tenso durante boa parte da viagem e acabou rendendo diversos comentários ao longo do seu relato sobre a questão da segurança. A preocupação era acentuada porque ele chega à região em agosto de 1845, poucos meses após o final da Revolução Farroupilha (1835-1845), uma revolta que opôs grupos locais em contraposição ao Império Brasileiro em uma longa disputa que envolveu forças e alianças do espaço platino, como demonstra Guazelli (2013).

¹⁵ Alexander Baguet, provavelmente Alexander Nicolas Ghislain Baguet (Nivelles, Reino Unido dos Países Baixos, 1817 – Antuérpia, Bélgica, 1897), nasceu em Nivelles anos antes da Revolução Belga de 1830 que o tornou país independente. As informações encontradas sobre este viajante são escassas e pouco se sabe sobre sua vida. Encontramos informações de nascimento, casamento e morte em um site de genealogias holandês: <http://www.spincemaille.be/Sleebus/g0/p814.htm#i24394>. Estas informações podem ser do viajante que percorreu o pampa ou não, pois o site em holandês dificulta o entendimento dos dados. Podemos supor que estes dados encontrados sejam mesmo deste viajante, já que as informações como nome, origem e nascimento coincidem. Outros trabalhos que utilizam o relato de Baguet como fonte não trazem informações sobre sua biografia, mas indicam que seu nome era Alexander Ghislain Baguet (ROSA, 2014; SCHWARTSMANN, 2008).

Os inúmeros conflitos ocorridos nesta região e neste período refletem no modo como as viagens ocorriam e no modo como eram registrados os pensamentos e aflições dos viajantes.

Mapa 5 - Roteiro de viagem de Alexander Baguet 1845.



Fonte: Google maps, 2016. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas pelo viajante.

Auguste de Saint-Hilaire¹⁶ nasceu em Orleans em 1779 e morreu na mesma cidade francesa no ano de 1853, aos 74 anos. Lorelai Kury (2003) é um dos principais nomes da historiografia brasileira a respeito do uso dos relatos de viagem para a História. Ela pesquisou sobre a vida de Saint-Hilaire e aponta que o viajante vinha de família nobre, que estudou alguns anos na Alemanha e que desenvolvia diversos estudos sobre a História Natural,

¹⁶ Augustin François César Prouvençal de Saint-Hilaire (Orleans, França, 1779 – Orleans, França, 1853). Viajou pelo Brasil entre os anos de 1816 e 1822. Trabalhou no Museu de Ciências Naturais de Paris antes de embarcar em direção ao Brasil. Escreveu sobre diversas províncias brasileiras abrangendo a região centro sul do país. Após sua viagem retornou à França realizando a análise de inúmeras amostras de fauna e flora retiradas de terras brasileiras (KURY, 2003).

especialmente sobre frutos. Era um cientista¹⁷ de certo renome em seu país, tendo prestígio no meio científico da França, atuando no Museu de História Natural deste país.

Saint-Hilaire chegou ao território brasileiro em 1816, aos 37 anos, financiado pelo estado francês e participando de uma comitiva do Duque de Luxemburgo, para criar laços diplomáticos entre Brasil e França, já que os dois países possuíam uma situação diplomática fragilizada devido à invasão de Napoleão Bonaparte a Portugal, que ocasionou a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808. Após o período napoleônico, ainda restava um impasse sobre a posse da Guiana francesa e o Duque de Luxemburgo desembarcou no Brasil em busca da solução deste problema. Esse duque era amigo da família de Saint-Hilaire, o que facilitou a sua viagem, um sonho que o naturalista nutria fazia tempo, segundo nos revela Kury (2003).

A viagem ao novo mundo é realizada na condição de viajante-naturalista do governo francês, onde este deveria coletar material da fauna e da flora brasileira e repassá-los ao Museu de História Natural de Paris, função a qual manteve constante preocupação, pois era extremamente atento com a condição das malas que levavam seus escritos e coleções. Acima de tudo, o objetivo da vinda de Saint-Hilaire era analisar quais “vegetais úteis que crescerão bem em sua pátria” (KURY, 2003, p.7) e qual seria o melhor modo de cultivá-los, tornando em última instância o viajante útil à pátria e à ciência. Para cumprir este objetivo Saint-Hilaire reuniu uma quantidade realmente impressionante de amostras “durante sete anos de viagens penosas e constantes por todo o sul e sudeste do Brasil, colecionou cerca de sete mil plantas, dois mil pássaros e seis mil insetos” (DEAN, 1992, p.10-11). Por outro lado, o trabalho de Saint-Hilaire e de outros viajantes naturalistas do período pode ser visto como uma espécie de biopirataria, que se apropriaria de recursos naturais e de conhecimento nativo para enriquecer nações europeias. Segundo Kury (2003), o viajante via seu trabalho como uma troca e não um roubo.

Analisando uma diversidade de cartas e estudos do viajante, Kury (2003) nos traz informações de que, além de conhecer a produção científica brasileira, Saint-Hilaire tinha certo conhecimento sobre o que encontraria no sul do país, tanto nas disputas políticas quanto na área ambiental. Já sabendo que diversas árvores europeias aclimatavam bem no Brasil

¹⁷ Considero Saint-Hilaire como um cientista, por ter formação em botânica e participar da Academia de Ciências de Paris, além de seu papel como naturalista não deixar de ser uma função desempenhada através de métodos científicos práticos. Sua viagem difere de alguns outros viajantes, como Baguet, exatamente por ser uma viagem com fins científicos.

meridional, ele esperava encontrar plantas nativas que fossem úteis à França. Seus trabalhos no Brasil voltaram-se, principalmente, às plantas conhecidas pelos habitantes das províncias.

Ele desembarcou na província de São Pedro do Rio Grande do Sul no final do outono de 1820 na praia de Torres, aos 41 anos. Uma idade que permitia a ele ter acumulado conhecimento suficiente para analisar o ambiente e ainda manter o vigor para empreender tal aventura. Ele não viajou sozinho, teve a companhia de diversas pessoas durante a viagem, alguns soldados e guias anônimos e outros companheiros mais destacados como era o caso de José Mariano, um tropeiro mestiço de gentil difícil que cuidava dos animais e da caça; o índio botocudo Firmino e o negro liberto Manuel que eram responsáveis pelos animais de transporte; o criado francês Laruotte que parecia ser muito próximo de Saint-Hilaire e também o zeloso soldado Matias. Alguns destes acompanhavam o naturalista há algum tempo, percorrendo outras regiões do Brasil, como apontado pelo próprio viajante em seu relato.

O trajeto (Mapa 6) estabelecido por Saint-Hilaire e seu grupo foi percorrer o litoral norte do Rio Grande do Sul e se deslocar para Porto Alegre, capital da província. Após permanecerem ali no primeiro mês do inverno de 1820 eles atravessam o istmo da Lagoa dos Patos indo pelo litoral em direção a São José do Norte e a destacável cidade de Rio Grande. Visitam a cidade de Pelotas e retornam a Rio Grande, de onde partem rumo ao sul passando por Chuí e chegando a província Cisplatina, atual Uruguai. Lá percorrem todo o litoral, passando por Rocha até chegar a Montevideú. Adentram um pouco ao norte até Santa Lucía e Canelones e partem em direção a Colônia do Sacramento, seguindo pela margem do Rio Uruguai até São Borja, passando novamente pela divisa das províncias da Cisplatina e do Rio Grande do Sul. Após visitar as aldeias que anteriormente formavam os “Sete Povos das Missões”, o viajante passa a percorrer uma zona mais interiorana indo em direção a Santa Maria, descendo a serra da Mata Atlântica e adentrando novamente no Pampa, em uma região onde mantém registros sobre esta zona ecótona entre os dois biomas. Acaba passando pela cidade de Rio Pardo e volta à Porto Alegre, em junho de 1821, e de lá deixa a província rumando até São Paulo e Rio de Janeiro.

Portanto os relatos de Saint-Hilaire e de Alexander Baguet não abarcam o Pampa argentino. Além disto, o viajante francês detém-se em percorrer as regiões mais próximas ao mar e aos mais importantes rios como o Uruguai e o Jacuí, o que o leva a ter uma perspectiva diferente daquela que poderia ter tido se escolhesse qualquer outro caminho por estes campos, como, por exemplo, adentrando no interior do Uruguai. Seu trajeto de viagem também

propiciou que tenha tido experiências na zona de contato entre a parte mais meridional da Mata Atlântica e o Pampa, produzindo sobre ela interessantes passagens. Já Baguet percorre o que poderíamos chamar de interior do Pampa da província do Rio Grande do Sul indo até a região missioneira, sem passar, no entanto, pelo território uruguaio.

Mapa 6 – Roteiro de viagem de Auguste de Saint-Hilaire 1820-1821.



Fonte: Google maps, 2016. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas pelo viajante.

Sobre a estrutura dos relatos, Saint-Hilaire mantém anotações constantes sobre o cotidiano da viagem, geralmente escrevendo durante a noite tudo o que ocorreu de interessante sobre o dia que se passou. Estas anotações ocorrem numa frequência quase diária

e abordam inúmeros aspectos da vida na região. Suas impressões sobre as cidades, o trabalho escravo, a economia das províncias e o modo de vida indígena e dos grupos sociais que ali viveram talvez tenham sido os tópicos mais revisados na historiografia brasileira, onde ele se constituiu como fonte importante e muito presente para se compreender o período. Porém, seu relato acaba sendo ainda mais rico, pois aborda costumes alimentares, formas de habitação, relações diversas da sociedade, a forma de se vestir e de agir presentes naquelas pessoas. Desta forma, permanece até hoje como uma fonte interessante para a historiografia utilizar nas mais diferentes pesquisas. Já Baguet é muito mais sucinto na sua escrita e seu relato é mais breve, mesmo assim apresenta importantes passagens para pensarmos o tema desta pesquisa.

Uma característica interessante dos relatos de Saint-Hilaire é que ele transborda seus sentimentos e não hesita de escrever reclamações ou suas impressões das situações que viveu e das pessoas que encontrou pelo caminho. A pesquisadora Isadora Eckardt, ao estudar os relatos de Saint-Hilaire para a região de Minas Gerais e Rio de Janeiro, considera a escrita deste naturalista como mais impessoal do que pessoal, sendo que este “dá preferência a longas passagens descritivas sobre os elementos da natureza. Em uma narrativa predominante impessoal, o autor apaga a presença humana do relato e até mesmo o próprio narrador, que raramente fala em suas emoções” (ECKARDT, 2009, p.72). Nos relatos no Rio Grande do Sul e Uruguai podemos constatar que seu tom muda completamente e esta forma peculiar de escrever nos permite mais detalhes sobre as suas visões da sociedade e o que mais nos interessa aqui, suas visões sobre a natureza.

Mantendo uma preocupação muito grande em descrever a paisagem, ele normalmente inicia o relato do dia através da descrição do trajeto percorrido e do que encontrou pelo caminho, assim traça um panorama abrangente e relativamente detalhado do território. Os relatos de viagem geralmente são percepções de locais focalizados que tentam a partir de alguns pontos de observação tratar de falar do todo, o que vemos em Saint-Hilaire é que apesar de não percorrer todas as localidades do Pampa ele consegue dar conta de descrever com capacidade sobre os trechos percorridos.

Depois de geralmente descrever os elementos da paisagem, Saint-Hilaire parte para comentar sobre a presença da flora e da fauna e posteriormente a relação da sociedade com aquele espaço, sua forma de ocupação e produção dos campos. Saint-Hilaire não deixa de registrar suas opiniões sobre o que poderia ser melhorado na região, ao mesmo tempo em que

transparece seus gostos e desgostos pelo que vivenciava pelo Pampa. De forma semelhante, Baguet também demonstra abertamente aquilo que estava sentido, apesar de ser muito mais breve em suas anotações. Assim, de trecho em trecho, podemos analisá-los e passar a compreender melhor a perspectiva destes viajantes e as visões da natureza que estavam presentes naquele período.

2.2. As constantes comparações e o clima da região.

Algo constante que ocorre no texto de Saint-Hilaire são as comparações entre diferentes locais. Estas aparecem especialmente na descrição de rios e campos e possibilitam ao autor estabelecer uma base comparativa com aquilo que pertence ao seu mundo, aquilo ao qual está acostumado e aquilo que é novo aos seus sentidos. Isto também propicia a criação de uma referência aos seus possíveis futuros leitores, que mesmo não percorrendo os espaços pelos quais o viajante passou, poderiam ter ideia das dimensões destes locais comparando com aquilo que estão habituados ou que lhes é mais familiar. O rio Uruguai, próximo a Quaraí “pode ter quase a mesma largura do Senna, acima de Paris” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.239) e a relva de Itapeva “mostra-se amarelada, seca, assemelhando-se pelo aspecto das pastagens alagadiças de Sologne (SAINT-HILAIRE, 1987, p.13)”. Estabelecendo conexões entre a natureza do novo mundo e a natureza da Europa, o viajante acaba criando um elo inteligível para que ele próprio consiga compreender os novos espaços que está vivenciando, bem como, transmitir uma imagem para seus futuros leitores.

Estes paralelos estabelecidos nos fazem lembrar que estes viajantes estão observando o bioma Pampa pela primeira vez em suas vidas a partir do conhecimento e das referências sensoriais que eles possuíam, de um olhar europeu. Devemos ter cautela quando se tratam destas comparações, pois é comum que o escritor ressalte os valores positivos de sua terra natal estranhando os elementos que compõe o ambiente que está visitando. Esta opinião acaba se manifestando sobre a população local, pois os viajantes acabam tendo uma tendência à não compreender certas escolhas locais que vão de encontro com as tradições europeias. Podemos ver isto em algumas críticas às formas de produção e ocupação da terra, na prática da coivara e até mesmo em certas formas de interação social.

O caráter qualitativo de comparação está presente no relato destes viajantes, deixando a entender que certas regiões são mais qualificadas que outras. No caso das comparações em relação à Europa, não há passagens que demonstrem uma superioridade ou inferioridade, estas ocorrem mais entre as regiões dentro do próprio Pampa. Em relação à Europa se apresentam comparações mais técnicas e desprovidas de sentimento, a não ser quando os dois ambientes são exaltados em conjunto. Este é um ponto importante, pois naturalistas expressivos e anteriores a Saint-Hilaire, como é o caso do Conde de Buffon, viam a natureza europeia como mais pujante, bonita, próspera e grandiosa (GERBI, 1996). As comparações com a Europa giram mais entorno de passagens como esta feita durante navegação pelo rio Pelotas, onde o viajante aponta que “o aspecto da região recorda tudo o que a Europa tem de mais pitoresco: os pomares, onde só se vêem árvores novas, e as casas recém-construídas dão a estas regiões um ar de frescura e novidade que ainda mais as embeleza” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.80), mais ao sul perto de Chuí o viajante fica “novamente deslumbrado com a semelhança desse bosque com os da Europa, ao início da primavera.” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.100).

Os terrenos planos e cultivados próximos de Porto Alegre e Gravataí também deixam uma boa impressão no viajante que registra que “raramente se encontra passeio mais agradável que o do Caminho Novo; recorda tudo quanto existe de mais encantador na Europa” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.31), assim o viajante deixa expostas certas semelhanças entre os ambientes europeus e o do Pampa, conectando lembranças do que vivenciou no passado com os locais novos que percorria. Alexander Baguet não faz tantas comparações assim e quando relaciona dois lugares é mais um pensamento ligado ao sentimento de saudade. “Aquela vista excitou em minha alma lembranças ao mesmo tempo tristes e doces. Lembrou-me minha pátria, minha família, meus amigos dos quais um mar imenso me separa e dos quais ia afastar-me ainda mais umas centenas de léguas” (BAGUET, 1997, p.34).

O clima é uma comparação recorrente entre Pampa e Europa, com ambos viajantes destacando as semelhanças climáticas que a região meridional brasileira apresenta com a Europa. Esta característica é reforçada em muitos relatos para atrair colonos europeus para as terras do sul do Brasil, sendo este motivo cada vez mais frequente no decorrer do século. O clima da região sul chega a ser considerado mais próximo do clima europeu do que com o restante do Brasil, um país “onde as províncias diferem singularmente entre si pelo clima, pela natureza de solo e pelas produções, e tais diferenças vão naturalmente originando outras, não menos sensíveis, nos costumes dos habitantes” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.376). Mesmo durante dias quentes de verão, as diferenças entre a região do Pampa e das outras províncias

brasileiras mais ao norte eram registradas, como observado na região próxima a Colônia de Sacramento: “Igualmente aos últimos dias, fez hoje um calor excessivo, mas aqui se transpira como na Europa, e o calor não irrita os nervos como na zona tórrida” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.171). A semelhança entre o clima europeu e o do Rio Grande do Sul e Uruguai é também vista no relato de Baguet que entende que:

O clima desta região convém perfeitamente aos europeus; aqui não se conhece nem os calores abrasadores do Rio de Janeiro, nem as noites frias de Buenos Aires e a temperatura no verão é bem suportável; também o solo produz ao mesmo tempo as frutas e os legumes da zona tórrida e os da Europa. (BAGUET, 1997, p.34)

Alexander Baguet defende ainda que a prosperidade da Colônia de São Leopoldo, fundada por alemães em 1824, se deu em boa parte por causa do clima local e que de modo geral “tudo aqui os favoreceu: o clima, o terreno, de fácil desbravamento, e a facilidade de comunicações tanto por terra como por água” (BAGUET, 1997, p.35), indicando neste sentido que “os habitantes não tiveram de lutar com as mesmas dificuldades que em algumas outras províncias” (BAGUET, 1997, p.35), sendo a região propícia à colonização e o clima semelhante ao europeu um dos fatores que contribuía para isto, na visão deste viajante.

Esta semelhança verificada pelos dois também vem a ser utilizada na propaganda para imigração europeia direcionada a estes territórios ainda no século XIX e a construção de identidades regionais que buscam constituir-se sobre uma imagem romântica e glorificada das origens europeias, caso que ocorre no estado do Rio Grande do Sul e motiva certos discursos separatistas e por vezes xenófobos em relação aos outros estados do Brasil até os dias de hoje. Os textos de Baguet e de Saint-Hilaire não foram produzidos com esta finalidade, mas devido à importância destes relatos dentro da História nacional, eles acabaram por auxiliar, de certa forma, na construção desta visão ao longo do século XX.

Além de comparações com o clima da Europa, muitas delas eram feitas em relação a outros locais do Brasil ou entre diferentes partes do Pampa. O Pampa como um bioma não pode ser visto como um todo igual, ele apresenta certas diferenças de uma região para outra e Saint-Hilaire, possivelmente por já ter viajado por muitos lugares, nota certas características locais. Ele aponta, por exemplo, uma região muito mais rochosa próxima ao Rio da Prata ou então uma região mesclada com densas florestas no limite do Pampa com a Mata Atlântica. Porém estas comparações são feitas mais frequentemente devido à qualidade dos campos,

como quando estava viajando entre Salto e Belén e encontrou “pastagens muito ruins, mas depois melhoram; contudo estão longe de possuir a qualidade das de Montevideú” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.219), que considera “as melhores pastagens que vi na América” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.168-169).

Devido a ter viajado pelas províncias de Minas Gerais e Goiás anteriormente, o viajante francês elabora muitas comparações entre estas províncias e as províncias do Pampa. Destaca que as águas de Minas eram melhores, mas os pomares eram menores e muito mal cuidados, sendo que as pastagens do Pampa eram melhores, mesmo que pouco variadas, pois “o aspecto do campo não cansava como os imensos desertos de Goiás e de Minas” (SAINT-HILAIRE, 1987; p.169). Baguet, por sua vez, tecia comparações dos arredores de Porto Alegre com aquilo que conhecia do Rio de Janeiro e da Europa, os campos em torno da capital da província do Rio Grande do Sul “eram os primeiros belos prados verdes que eu via depois de muitos anos; se os arredores do Rio de Janeiro são muito arborizados e montanhosos, a grama lá é rala e queimada pelo sol” (BAGUET, 1997, p.34).

Uma característica que assemelha as províncias meridionais do Brasil com o ambiente europeu era justamente o clima, como visto anteriormente. Por isso, as informações recolhidas por Saint-Hilaire e por Alexander Baguet, poderiam vir a ser importantes para a França, a Bélgica e os Estados Unidos. Neste sentido muitas viagens semelhantes às deles foram incentivadas por vários Estados Nacionais, especialmente os europeus, em busca de um conhecimento maior sobre o mundo natural e procurando nele respostas para o crescimento da nação. O clima no Pampa se aproxima do clima do mediterrâneo, pois tem períodos de intenso calor e de intenso frio, o que permite aclimatar plantas e animais devido a não ter extremos de temperatura durante muitos meses consecutivos e não ser um clima severo e extremo. Assim, Alfred Crosby (2011) define o Pampa como uma Neo-Europa, regiões que possuíam características ambientais semelhantes às europeias, especialmente a região do Mediterrâneo, favorecendo com que as plantas e animais destas regiões conseguissem sobreviver e prosperar mais facilmente ao ambiente dessas Neo-Europas. Estas regiões¹⁸, por apresentarem esta proximidade, acabaram recebendo direta ou indiretamente extratos da flora e da fauna europeias e do velho mundo, o que afetou a forma com que seu ambiente se desenvolveu e como as sociedades passaram a viver neles.

¹⁸ O pampa na América do Sul; costa leste dos Estados Unidos e Canadá; trechos da África do Sul; Consideráveis regiões da Austrália e toda a Nova Zelândia, são consideradas por Crosby (2011) como neo-europas.

Saint-Hilaire registra que há uma grande “irregularidade térmica das estações” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.53) no Pampa e que entre ele e a Europa existe uma “analogia dos dois climas [percebida com] a facilidade com que as plantas da Europa crescem neste país” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.148). O clima era ainda sentido, pois as adversidades do tempo interferiam regularmente no ritmo da viagem, fazendo com que por muitas vezes houvesse reclamações sobre o tempo ou sobre os efeitos que ele trazia, como a proliferação de insetos durante o verão. Baguet faz observações semelhantes sobre a presença de insetos na aproximação do verão.

Um forte período de seca ocorreu enquanto Saint-Hilaire percorria o Pampa, as plantas estavam ressequidas e muitas sangas¹⁹ e arroios quase secos, dificultando a obtenção de um dos elementos essenciais para a vida que é a água. O pasto já não oferecia alimento necessário aos animais que estavam em boa parte “muito magros, encontrando-se diariamente grande número deles mortos pelos campos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.56). Esta situação ocorre desde o final do outono e durante todo o inverno de 1820, período que os moradores indicam ao viajante ser de chuva constante.

Com o passar dos meses a situação vai se normalizando e as chuvas começam a ocorrer em períodos mais regulares na primavera, deixando para trás uma seca que afetava a região a quase um ano. O clima para Saint-Hilaire era muito importante, pois possuía “poderosa influência” e “se manifesta até nos animais” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.73), mudando o comportamento de todos. Devemos considerar que o clima, longe de ser um determinismo geográfico, acaba possibilitando certas atitudes e contribuindo na construção de certos costumes e tradições locais. Porém, mesmo que as condições do clima se manifestem e tragam dificuldades, depende das pessoas tomarem alguma ação. Em certa passagem podemos verificar que certas atitudes não eram realizadas, mesmo que tal característica fosse entendida como um problema para a sociedade, como em relação ao intenso frio que se faz no inverno do Pampa.

Esse frio se repete anualmente; todos se queixam dele, o que é de admirar-se, pois ninguém toma providências para defender-se do inverno; só cuidam de agasalhar o corpo com roupas pesadas,..., ninguém pensa em aquecer os aposentos, trazendo-os bem fechados e neles acendendo uma lareira (SAINT-HILAIRE, 1987, p.35).

¹⁹ Um pequeno veio de água, muito comum por todo o pampa.

Assim, mesmo que o incomodo se repetisse ano a ano, os habitantes locais não pareciam interessados em buscar soluções mais definitivas para afastar o frio. Esta falta de ação acaba influenciando o modo como estas pessoas interagem com a natureza e criando hábitos e pensamentos que modificam o cotidiano local. Também é afetada a percepção dos viajantes sobre a situação, que por vezes irão considerar os moradores como preguiçosos por não se darem ao trabalho de mudarem a situação ou por não seguirem os padrões europeus.

2.3. Sobre a Flora e a importância Madeira

Vimos que, com a seca, a obtenção de água era dificultada, porém nos campos do Pampa não era apenas o acesso à água que criava um problema aos seus habitantes e viajantes. A raridade de árvores - durante todo o ano e não apenas em secas, como o caso da água – era sentida pela população e pelos viajantes. William Cronon (2011, p.19-20) menciona que os viajantes procurarão observar primeiramente itens que sejam valiosos e úteis em suas terras natais, como é o caso da madeira, já o historiador John Perlin (1992) reforça a importância da madeira para as mais diversas sociedades, desde o uso no cozimento de alimentos até o aquecimento das pessoas, passando ainda por uma importante participação na construção de navios, prédios, ferramentas, etc. Portanto “a abundância ou escassez de madeira deve ter moldado, em grande parte, a cultura, o perfil demográfico, a economia, as política interna e externa e a tecnologia das sociedades existentes” (PERLIN, 1992, p.9) no espaço que corresponde da idade do bronze até o século XIX. Este fato não passou despercebido pelos viajantes, especialmente Saint-Hilaire, que além de um texto com mais detalhes, possuía formação em botânica e um olhar atento à presença e características das espécies da flora. Neste item iremos estar focados nos registros do viajante francês, já que Baguet não escreve muito sobre que possamos analisar no momento.

Como as pessoas que moravam no Pampa lidavam com a falta da madeira, um material tão necessário para afastar o frio, que auxiliava nos mais diversos trabalhos e que ainda possuía outras diversas utilidades? Em um terreno com “quase nenhuma árvore nos campos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.53), as árvores eram encontradas mais facilmente na beira dos rios e arroios - “as margens do rio são muito arborizados: vêem-se ali árvores seculares e de uma altura gigantesca, cobertas de plantas parasitas e cercadas de cipós do chão

até o topo” (BAGUET, 1997, p.44) -, apesar de nem todas fontes de água serem margeadas por elas. As árvores eram tão raras que Saint-Hilaire acreditava ser “bem possível que haja no Rio Grande mulheres que nunca tenham visto outras, a não ser algumas laranjeiras, pessegueiros e figueiras selvagens plantadas em seus pomares” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.65). Em uma extensa região do Pampa aos arredores de Chuí a ausência de árvores era gritante e se configura como a região com menor presença de árvores nos registros de Saint-Hilaire, não possuindo boas opções para a fundação de novas vilas, pois “qualquer que fosse o lugar escolhido, de Capilha até aqui, é incontestável, careceria igualmente de madeira” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.114), material necessário para a fundação e manutenção de qualquer localidade.

“Como não há madeira no Rio Grande, ela é muito cara. A que se queima aqui vem de Camaquã, perto da lagoa. Há, de fato, na ilha dos Marinheiros alguma lenha, mas reservada ao consumo do hospital, ao corpo de guarda e a pobres, a quem se permite ir ali cortá-la” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.76). O fato de se reservar madeira ao hospital é algo a ser ressaltado, pois reafirma a importância e ao mesmo tempo a escassez deste material na região. Peixoto (2010) em seu trabalho sobre os viajantes e a natureza do Rio Grande do Sul, já havia destacado esta preocupação presente no relato de Saint-Hilaire. Na época, a comunicação e o transporte, bem como as guerras, dificultavam o comércio, por isso se um material não era encontrado em abundância em uma região, significava empecilhos ao desenvolvimento local e na vida cotidiana das pessoas, especialmente das com menor poder aquisitivo.

A obtenção de madeira pelo governo também era realizada pelo comércio com outras regiões, como Santa Catarina²⁰. Havia ainda cidades do Pampa localizadas próximas às margens de rios que abasteciam o comércio das proximidades, especialmente as cidades maiores como Montevideu e Buenos Aires. Estas cidades acabavam desenvolvendo o comércio madeireiro e muitas vezes possuíam este material como sua principal fonte de renda. Como é o caso de Santa Lucía, que fornecia madeira para Montevideu, mais ao sul. Já a população obtinha madeira do jeito que conseguiam, em Rio Grande:

Perguntei a José Bernardes onde ele se abastecia de lenha e madeira, tendo respondido que acabara de comprar os destroços dum iate, há pouco tempo, naufragado em Capilha, mas que, ordinariamente, ele e seus vizinhos iam procurar

²⁰ Ver lista de mercadorias importadas em 1816 (SAINT-HILAIRE, 1987, p.91). Sobre madeira podemos ver que 81 dúzias de tábuas, 6520 ripas e 414 peças de madeira para construção vieram de Santa Catarina. 500 dúzias de ripas de Santos. 1582 ripas, 184 dúzias de caibros e 206 ½ dúzias de tábuas vindas de Paranaguá. Além disso, outros materiais interessantes como machados, foices, etc. também constam na lista.

lenha as margens do Arroio del-Rei²¹, a dois dias daqui, por viagem de carroça (SAINT-HILAIRE, 1987, p.105).

A busca por madeira era desgastante, mas aproximava os vizinhos que vivam em uma região pouco povoada em termos de densidade e mostrava todo o poder criativo desta população. A lenha como material escasso na região acabava despertando a criatividade das pessoas, que buscavam substituir a madeira por outras coisas que estivessem disponíveis. Usavam-se ossos de gado misturados com lenha para aquecer o fogo, já o couro do gado era utilizado no lugar de portas de madeira em moradias mais desprovidas. Plantas como o espinho-da-cruz²² e o cardo²³ eram utilizadas para acender fogo:

Como não existe lenha nos arredores de Montevidéu, manda-se buscá-la para o consumo a cerca de 10 léguas de distância e queimam-se também os galhos secos da *cynara cardocellus* [cardo], planta que, conforme já referi, cobre área considerável nas imediações da cidade de Montevidéu (SAINT-HILAIRE, 1987, p.162).

O cardo, figura 1, era uma planta exótica ao Pampa. Durante muitos séculos as plantas e animais do velho e do novo mundo não entraram em contato e por isto permaneceram sem estabelecer relações, isto ocorreu devido as barreiras geográficas, como os oceanos, que “limitaram o movimento das espécies nativas” (ESPÍNDOLA; JÚLIO JUNIOR, 2007, p.1). Segundo Crosby (2011), foi a partir das grandes navegações, com altos níveis de atividade antrópica, que estes elementos começaram a se relacionar e apesar de poucos dados sobre esta época, as hipóteses mais relevantes indicam que foi neste período que o material vegetal e animal europeu se instalou e se espalhou sobre as terras do continente americano.

A facilidade com que as plantas europeias se estabeleceram nestes novos territórios foi um dos fatores que auxiliaram o domínio europeu sobre os nativos, neste processo que Crosby define como “Imperialismo Ecológico”, onde tanto as comunidades indígenas quanto a flora e a fauna nativa sofreram impactos consideráveis. O autor acredita que “a flora herbal do México central fosse em 1600 a mesma dos nossos dias: majoritariamente eurásiana, com

²¹ Arroio del rei, hoje no município de Santa Vitória do Palmar, ao sul da cidade de Rio Grande. Cerca de 170 km de distância aproximada.

²² Provavelmente *Xylosma ciliatifolia*, planta nativa do Rio Grande do Sul que pode ser encontrada em outras regiões do mundo. É uma árvore encontrada principalmente na zona de Mata Atlântica/mata de araucária e possui espinhos em forma de agulha em seu caule. (PHILLIPSEN, 2010).

²³ *Cynara cardocellus*, planta mediterrânea também comum nas ilhas da Bretanha, se tornando inclusive símbolo para brasões reais em alguns países. Tornou-se uma espécie exótica e invasora nos pampas, na Austrália e na Califórnia. É uma planta rasteira que possui diversos caules que alcançam até 2 metros de altura e possuem espinhos. Sua flor também possui espinhos e é da cor violeta ou rosa. É uma planta próxima da alcachofra.

predominância de plantas mediterrâneas” (CROSBY, 2011, p.161), que se adaptavam ao clima mexicano. Com o exemplo de tantas plantas do velho mundo que se aclimataram nas Américas, segundo Crosby (2011), só temos três espécies americanas que foram bem sucedidas e são consideradas invasoras na Europa. Os fatores que causaram esta supremacia de um sobre o outro são muito complexos e difíceis de serem explicados, permanecendo desconhecido em muitos pontos, porém já foi utilizado em discursos para afirmar a superioridade do povo e das características da Europa perante a América²⁴. O foco a ser discutido não é este, mas é importante lembrá-lo sempre. Assim como lembrar que muitas plantas americanas foram úteis e vitais para muitos europeus, como o pau-brasil²⁵, que movimentou a economia, e a batata²⁶, que salvou milhares da fome em diversos períodos da história europeia. O que interessa neste momento é saber que algumas plantas exóticas originárias da Europa trouxeram impactos em diferentes níveis sobre o bioma Pampa e sobre a população que ali estava estabelecida. Estando em uma Neo-Europa, estes organismos do velho mundo tiveram suas chances potencializadas de sobreviver pelos campos do Pampa.

Figura 1 – Cardo (*cynara cardunculus*)



Fonte: Foto de um cardo – *cynara cardunculus*, no pampa. (MOURIN, Paula, 201?). Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/348114246171610703/>. Acesso em: 28-04-2017.

²⁴ Como podemos perceber nos discursos do naturalista Buffon estudados por Antonello Gerbi (1996).

²⁵ Pau-brasilia echinata, árvore da Mata-Atlântica que os portugueses comercializaram especialmente no início da colonização do território brasileiro no século XV para a obtenção de madeira e para fins de tingimento.

²⁶ Solanum tuberosum, planta originária dos Andes. Possui um tubérculo muito resistente que auxiliou muitos europeus a sobreviverem à fome durante períodos de crise e guerra.

Uma espécie exótica é aquela proveniente de uma região que acaba sendo introduzida de forma intencional ou acidental em outra região, podendo causar alterações tanto nas características naturais locais, quanto na forma da sociedade interagir com o referido ambiente. As plantas exóticas podem se tornar invasoras, se alastrando sem controle antrópico ou ecológico sobre uma região.

O plantio de algumas plantas europeias foi incentivado pela população do período, enquanto outras não eram vistas com bons olhos, mas mesmo assim se alastraram de modo selvagem, após serem transportadas até o Pampa. Segundo Crosby (2011), muitas espécies exóticas de fauna e de flora se fixaram com sucesso no Pampa, sendo que em 1920, três quartos das plantas que cresciam selvagens pelos campos do Pampa eram exóticas, chegando até aqui e se alastrando nos cascos do gado, nas botas dos europeus, pelos fortes ventos dos Pampas e de outras tantas formas. Segundo Espíndola & Júlio Júnior (2007), as plantas exóticas que conseguem obter êxito no novo bioma, modificam características nesta comunidade e competem com as espécies nativas por espaço, muitas vezes são auxiliadas por animais exóticos que as acompanham, como o caso apontado por Crosby (2011) que indica que a grama nativa da costa leste dos Estados Unidos foi extinta devido a competição com a grama europeia invasora, que já desenvolvera durante séculos mecanismos para sobreviver a predação do gado *vacum* europeu, ali também introduzido.

Dilson Peixoto (2010) elenca uma variedade muito grande de plantas exóticas ou possivelmente exóticas que são registradas no diário de Saint-Hilaire. A maioria delas podendo ser encontradas nos pomares, onde passavam pelo controle humano, como era o caso das laranjeiras e dos pessegueiros, extremamente comuns nos relatos. Ainda é muito incipiente saber quais foram os reais impactos que as plantas exóticas desempenharam no bioma Pampa, na economia da região e nos hábitos alimentares e culturais da população local. “As provas que temos das mudanças da flora nas pradarias da região do rio da Prata são episódicas, tópicas, longe de científicas” (CROSBY, 2011, p.170), contudo, a presença delas era realmente impressionante e “o pioneiro do Pampa foi uma espécie de Midas botânico, que mudava a flora ao toque de sua simples presença” (CROSBY, 2011, p.169). O que sabemos é que a estrutura natural do Pampa veio sendo alterada pela presença do ser humano ao longo dos séculos em diferentes níveis de intensidade.

Uma planta que chama muito a atenção de Saint-Hilaire é o cardo, que no Pampa é localizado por ele apenas nos campos da província Cisplatina, sendo encontrada na província

do Rio Grande do Sul por outros viajantes, como Avé-Lallemant. A comitiva de Saint-Hilaire acabou passando por “imensos campos de cardos que dificultaram muito nossa caminhada” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.180), devido aos espinhos da planta. A presença massiva desta planta é comentada até mesmo por Charles Darwin, que duvidava que existisse outro caso no mundo de uma invasão de uma planta sobre as aborígenes igual ao caso do cardo como ocorria no Uruguai, onde “tornara centenas de quilômetros quadrados impenetráveis para o homem e o cavalo” (CROSBY, 2011, p.169).

Apesar de ser uma planta que causava muito incômodo, o cardo passou a ser utilizado para substituir a madeira como lenha e também como alimento para o gado que se nutria dela esporadicamente. Saint-Hilaire levanta a hipótese de esta planta ter se espalhado de forma tão intensa devido à diminuição da quantidade de gado nas pastagens durante a guerra.

Esta planta, outrora, era mais rara, porque os animais ruminavam as hastes quando ainda novas; mas hoje já não há gado nas pastagens, e os cardos multiplicam-se em plena liberdade. Não se pode atravessar, a pé ou a cavalo, os campos de que tomaram conta, o que é muito incômodo para os agricultores que continuamente devem correr atrás dos cavalos e do gado. Entretanto vê-se bem que este vegetal não é inútil; os cavalos e os bois gostam dos brotos, comem também suas flores com prazer, enfim, como já disse várias vezes, suas hastes secas substituem a lenha para queimar, propiciando um pequeno comércio, mesmo em Montevidéu. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.178).

Assim, o cardo forma uma relação ambivalente com a sociedade, possuindo aspectos negativos e outros positivos, mas com certeza deixando sua marca no Pampa. “sob diversos aspectos, esta planta, apesar da sua utilidade, causa extremo prejuízo, mas é evidente que já não poderá mais ser destruída. Ela representará um triste sinal das discórdias civis que abalaram esta região” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.191) e também um sinal da ocupação europeia sobre este espaço.

Crosby, baseando-se nestes relatos, expõe que “onde quer que o europeu ou o pioneiro mestiço construíssem sua pequena habitação, surgiam malvas, cardos e outras plantas, mesmo que não houvesse tais espécies num raio de trinta léguas” (CROSBY, 2011, p.169), isto ainda no século XVIII, onde “era suficiente que o homem da fronteira frequentasse uma estrada, mesmo sozinho com seu cavalo, para que essas plantas passassem a aparecer à beira do

caminho” (CROSBY, 2011, p.169), como era o caso do *echium*²⁷ e da aveia²⁸, ambas mencionadas por Saint-Hilaire. Sendo que “a avena sativa [aveia] nº2207 é de tal forma comum nas pastagens, que seremos tentados a considera-la indígena” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.169), o que não é correto, já que assim como a *echium* ela é exótica.

Plantas exóticas que proliferaram são um registro constante, Baguet não volta a sua atenção a flora e raramente fala sobre plantas em seus escritos, como já mencionamos. Por outro lado, Saint-Hilaire parece estar sempre atento às espécies presentes no ambiente, fazendo muitos registros de plantas exóticas durante sua viagem pelo Uruguai. Algumas delas possuíam origem africana, mas a maioria era europeia, como o *echium*, que podia ser encontrado ao longo das estradas das redondezas de Montevideú até as localidades as margens do rio Uruguai.

O Pe. Larrañaga viu, pela primeira vez, há dez anos, um pé de *myagrum*²⁹ nº2.217; e hoje, cobre, só com ele, quase todo o espaço que se estende entre a cidade e os arredores. As plantas europeias são aqui tiranos que tomam conta de extensos terrenos e expulsam as espécies indígenas. As que na sua terra natal se encontram isoladas, tais como a *echium* nº2173, apenam-se, por assim dizer, aos passos do homem, aos arredores de sua habitação, bordam os caminhos por onde eles passam e recobrem as pastagens, crescendo aqui em harmonia com outras. (SAINT-HILARE, 1987, p.148).

Diferente do cardo, algumas plantas não aparentavam prejudicar a vida das pessoas diretamente, mas estavam afetando o equilíbrio dos ecossistemas e desta forma poderiam vir a ser um problema para as pessoas da região.

2.4. Sobre a Fauna

²⁷ *Echium* é um gênero de planta com diversas espécies, elas são originárias do mediterrâneo e se tornaram invasoras na Austrália, na África do Sul e na Califórnia. São plantas semelhantes ao cardo em suas cores e estruturas, mas não apresentam espinhos e suas flores são pequenas e mais numerosas, formando cachos.

²⁸ *Avena Sativa*, conhecida como aveia comum ou apenas aveia. É uma das plantas mais famosas do mundo sendo utilizada na culinária. Também é exótica ao pampa, tendo sua origem na região do crescente fértil.

²⁹ É um gênero de plantas herbáceas muito diversas. Possuem tamanho médio e apresentam pequenas flores. É originária da Europa e da Ásia.

Assim como as plantas, diversos animais exóticos foram introduzidos no Pampa, entre eles os mais influentes sobre este bioma foram o gado vacum e o gado cavalari³⁰. Estas espécies encontraram nas planícies do Pampa uma vasta área de pastagem, ambiente ideal para sua reprodução. As pessoas auxiliaram a propagação inicial destes animais, pois eles geravam benefícios econômicos importantes e garantiam facilidades nas guerras, na locomoção e na alimentação.

Com o passar do tempo, muitos jumentos, bovinos e cavalos acabaram se alastrando pelos campos e se tornaram parte de manadas selvagens, encontrando grande quantidade de alimento e poucos predadores. Saint-Hilaire verifica que durante a Guerra contra Artigas³¹, muitos desses animais se espalharam pela Banda Ocidental e deixaram de ser marcados, sendo uma fonte de alimento para qualquer um que por aqueles campos passasse. Porém, a relação entre homens e animais não era apenas voltada para o consumo alimentar, havia uma grande importância no transporte pelas províncias. Uma senhora que vivia em uma casa afastada nos arredores de Porto Alegre se admira ao saber que Saint-Hilaire chegou a sua casa caminhando, pois “nesta região, toda gente, mesmo pobre, inclusive os escravos, não dão um passo sem ser a cavalo” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.52). Exagero ou não por parte desta senhora, sua fala não deixa de ressaltar a importância destes animais para a sociedade que vivia naquele espaço.

Peça importante da conquista da América, os cavalos foram um recurso muito útil nas mãos dos conquistadores europeus. Segundo Saint-Hilaire, no século XIX, estes animais estavam tão presentes no cotidiano da sociedade do Pampa que eles muitas vezes eram maltratados ou não recebiam a devida atenção, “todos possuem grande número de cavalos; mas não se lhes dispensa o menor cuidado; não lhes dão milho e, nesta estação, com as pastagens secas, estes animais ficam magros e fracos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.50). O seu preço era tão barato que facilitava a renovação constante destes animais, talvez por isto, recebiam poucos cuidados, sendo deixados nos campos para se alimentar do que o campo dispusesse e constantemente eram utilizados diversas vezes até a exaustão em viagens. O viajante discordava do tratamento dado a estes animais e exhibe um quadro bastante chocante:

³⁰ Gado é um conjunto de animais domesticados pela humanidade, neste caso o vacum é relacionado aos bovinos como bois e vacas. O cavalari aos cavalos e éguas, ainda falaremos de outros como o gado ovino (ovelhas) e o gado muar (mulas), este bastante importante na estrutura econômica da província do Rio Grande do Sul.

³¹ Guerra contra Artigas (1816-1820) guerra do Império Brasileiro para anexar a região da Cisplatina, atual Uruguai.

A facilidade com que os habitantes podem renovar seus cavalos impede de se afeiçoarem a estes, podendo impunemente trata-los sem piedade alguma; vivem, por assim dizer, em matadouros; o sangue dos animais corre incessantemente em torno deles e, desde a infância, se acostumam ao espetáculo da morte e dos sofrimentos. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.66-67).

Os conquistadores europeus levaram os cavalos para todas as regiões da América³², em algumas destas regiões eles prosperaram e multiplicaram-se. No Pampa a presença destes animais causou imensas mudanças para o ambiente e para a sociedade que ali se constituiu.

Cavalos em tamanha profusão, selvagens ou domesticados, inexistem em qualquer outra parte do globo. A sua abundância moldou a sociedade dos Pampas mais firme e permanentemente do que a descoberta de ouro seria capaz. O metal não teria durado muito, ao passo que as gigantescas manadas de cavalos selvagens, elemento indispensável da cultura dos gaúchos, perduraram por dois séculos e meio. (CROSBY, 2011, p.195).

Baguet percebera esta influência e admirava-se do contato que as pessoas daquela região tinham com os cavalos. Ele observou que crianças muito pequenas já galopavam em alta velocidade e sem equipamento algum, além disso, percebeu que os indígenas “têm um conhecimento tão profundo a respeito dos cavalos que quem não pode verificar por si mesmo custa a acreditar. Basta-lhes lançar um olhar sobre a tropa para distinguir se tal ou qual corcel foi domado, enumerar seus defeitos, suas qualidades e seu andar” (BAGUET, 1997, p.66). O conhecimento dos moradores locais perante estes animais denota a proximidade que acabaram estabeleceram com eles.

Saint-Hilaire escreve sobre outros animais, sempre dando prioridade para os animais de maior porte ou para aqueles que eram domesticados. Na região, as pessoas deveriam estar preparadas a trabalhar com diferentes níveis de domesticação, como aponta Farinatti (2012) em artigo sobre a domesticação na região da campanha ao longo do século XIX. Os animais domesticados eram muito úteis na produção no campo, mas não eram os únicos. Os não domesticados também poderiam ser aproveitados no processo produtivo das estâncias e ainda

³² Sabe-se que estes animais chegaram à América do Norte apenas em 1620, após um longo período onde os colonos permaneceram sem animais domésticos como ovelhas, cabras e porcos. (CRONON, 2011, p.24; CROSBY, 2011, p.193). No pampa o gado cavalari e muar chegou antes, no ano de 1580 (CROSBY, 2011, p.194) ou ainda antes, pois no relato de Isabelle aparece que o ano de entrada destes animais no pampa foi 1568 (ISABELLE, 2006, p.112). Os cavalos na Califórnia chegaram em 1770 e na Austrália sete indivíduos chegaram em 1788, em 1810 totalizavam 1134 e uma década depois o seu número já havia quadruplicado. Os cavalos selvagens na Austrália, os Brumbies, eram estimados entre 8 a 10 mil no ano de 1960 (CROSBY, 2011).

existiam os animais alçados, que eram aqueles que haviam sido domados, mas por algum motivo, como o abandono em período de guerra ou por terem se agrupado com manadas selvagens, já não conviviam com a presença humana frequentemente.

Assim, os trabalhadores do campo realizavam seu trabalho com diferentes níveis de domesticação, sempre procurando manejar a quantidade de animais domesticados, alçados e selvagens. Havia interesse em manter animais não totalmente domesticados, pois eles diminuía a exigência de mão de obra e assim os custos em se manter a produção eram mais baixos. Por outro lado, a domesticação era também visada e possuía como objetivo “a modificação das espécies de modo a potencializar características úteis aos seres humanos e a eliminar as que lhes são um entrave” (FARINATTI, 2012, p.73), atuando sobre “aspectos fundamentais da vida animal e vegetal: proteção, nutrição e reprodução” (FARINATTI, 2012, p.73), ela acabava assim aumentando o preço dos animais, pois o trabalho realizado para domá-los facilitava a lida posterior. Desta forma, havia uma dinâmica peculiar e móvel na lida com estes animais.

No grupo de Baguet, um animal ganhou notoriedade e salvou os membros da comitiva de alguns perigos. Este animal era a experiente mula *Negrinha*, que foi muito importante para o avanço do grupo sobre os campos alagadiços do Pampa. Eles constantemente percorriam estes banhados e por vezes estas áreas se tornavam constante entrave para a locomoção, oferecendo riscos reais tanto aos cavaleiros quanto aos animais que os acompanhavam. Certa vez, eles passaram pelo banhado de Butuí, próximo de São Gabriel, e tiveram dificuldades de prosseguir sem a ajuda de *Negrinha*.

Enorme lodaçal que chega até o joelho dos cavalos, *Negrinha* (a nova mula) se conduziu com tanta inteligência que o guia nos aconselhou a segui-la. ‘Já vi mais de um cavalo morrer aqui, asfixiado pelo lodo’. Efetivamente, *Negrinha*, com sua sagacidade habitual, fez-nos atravessar aquele pântano em meia hora, sem nenhum acidente (BAGUET, 1997, p.59).

Negrinha continuou sendo muito útil ao grupo, em outro momento já próximos de Alegrete “ela se recusou a atravessar o arroio. Primeiro entrou na água tateando, mas o instinto a fez recuar e ela se pôs a andar ao longo do riacho até que a perdemos de vista atrás de um conjunto de árvores” (BAGUET, 1997, p.71), o guia Leopoldo resolveu procurá-la enquanto os outros tentavam salvar as bagagens e os cavalos do meio do perigoso banhado

onde corriam risco de se “asfixiarem”, o guia “Leopoldo ficou muito espantado ao encontra-la pastando calmamente a grama do outro lado. Ela encontrara um vau que nossos esforços e busca não tinham conseguido descobrir” (BAGUET, 1997, p.71), após sair da situação difícil os integrantes do grupo foram “forçados a reconhecer,..., a superioridade do instinto sobre a inteligência” (BAGUET, 1997, p.71).

Casos como da Negrinha são bastante interessantes, pois mostram uma aproximação entre as pessoas e os animais, até mesmo uma valorização dos seus feitos e serviços prestados. O grupo ainda dependeu dos instintos de seus animais mais uma vez durante um forte temporal noturno, onde era muito difícil prosseguir pela baixa visibilidade e seguindo o conselho do guia Leopoldo, “pusemos-lhes as rédeas no pescoço e deixamo-lhes o cuidado de nos conduzir” (BAGUET, 1997, p.73), deste modo os cavalos do grupo conduziram todos em segurança no meio da tempestade. Novamente os humanos confiaram em seus animais para tomar as decisões, mostrando uma faceta bastante interessante da relação que eles estabeleceram com estes animais.

Outros animais chamaram a atenção de Baguet enquanto fazia sua viagem, na realidade uma grande quantidade deles é mencionada. O viajante belga não mantém muita atenção para a flora em seu percurso, mas constantemente menciona a presença de animais, ao contrário de Saint-Hilaire. Em algumas passagens ele nota a presença de urubus que comem os animais que morreram de doença ou aqueles que não escaparam de queimadas. Em certo momento, um dos charqueadores faz interessante fala sobre os urubus, nas palavras dele estes animais são “uma providência para nosso país” (BAGUET, 1997, p.45).

Ninguém se arriscaria a matar um só destes pássaros: eles nos livram dos dejetos dos animais que matamos aos milhares anualmente. Às vezes a doença leva um grande número por dia e se os urubus não se alimentassem deles nos campos, doenças pestilentas pavorosas não tardariam a aparecer em um país onde o calor é tão forte. (BAGUET, 1997, p.45)

Os Cães, as onças, as emas, os veados, as codornizes e as ovelhas são descritos em certas passagens. Os peixes tem pouquíssimo destaque, enquanto os répteis e anfíbios tem papel ainda menos representativo dentro dos textos de ambos viajantes. Os insetos são

bastante comentados, especialmente os moscardos³³ que infernizam a vida dos viajantes e dos animais durante os meses de verão. A lechiguana, uma espécie de vespa, mereceu páginas inteiras, pois Saint-Hilaire e alguns dos seus companheiros sofreram alucinações e passaram mal após comer do seu mel.

A caça é por vezes mencionada, especialmente quando relacionada à alimentação das comitivas de viagem e não tanto sobre a alimentação cotidiana das províncias. Sobre as emas, erroneamente chamadas de avestruz pelos viajantes, é interessante cruzar o relato de Saint-Hilaire com o de Baguet, o primeiro as avista sob uma grande extensão de terras que perpassa todos os campos do litoral uruguaio até a região de Santana do Livramento e Quaraí. Por vezes estes animais pastavam ao lado de grupos de veados, assim como observado por Baguet vinte e quatro anos depois, porém nos relatos de Saint-Hilaire as emas parecem ser muito menos arredias: “eles não fugiram à nossa aproximação” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.121)... “os veados andam sempre em bandos. Como jamais são caçados, deixam-se ficar bem pertos de nós, e os avestruzes igualmente não se mostram mais selvagens” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.226). Já Baguet vivencia situação diferente, ele encontra uma grande quantidade de emas “pastando em liberdade entre o gado e os veados. Dificilmente alguém consegue aproximar-se delas, é preciso muita habilidade para conseguir capturá-las, são apanhadas por meio das bolas³⁴” (BAGUET, 1997, p.60).

Certa vez Saint-Hilaire chegou a ganhar duas emas de presente, estes animais eram “tão domesticados, que iam correr de dia ao campo, mas vinham dormir na casa do seu (antigo) dono” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.197). Daqui surgem algumas hipóteses para tentar explicar porque neste espaço de tempo as emas se tornaram menos próximas dos humanos e mais arredias na sua presença. Deixo claro, são hipóteses, pois a partir das fontes estudadas não se pode tirar conclusões, mas seria importante que esta questão seja um dia respondida por outras pesquisas.

Segundo Saint-Hilaire, os índios minuanos/charruas não fazem nada além de bolear cervos, avestruzes e cavalos pelos campos, podendo este ser um dos motivos que estes animais com o tempo passaram a temer a presença humana. Outra hipótese é que as sucessivas guerras tenham afetado o comportamento destes animais, que tinham seus ovos consumidos e muito provavelmente eram também caçados. O viajante fala sobre *tigres*, muito

³³ Tabanidae, inseto que no Brasil é mais conhecido pelo nome de mutuca, um tipo de mosca em que as fêmeas se alimentam de sangue.

³⁴ Boleadeiras, espécie de funda muito utilizada na região, sua origem é indígena.

provavelmente alguma espécie de felino nativa dos Pampas que outrora “eram muito comuns nesta região, mas durante a guerra o movimento das tropas afugentou a maioria deles” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.126), situação semelhante pode ter afetado as emas. Não é certo, mas é interessante notar que em poucos anos estes animais apresentavam comportamento diferente perante o homem. As emas também podem ter deixado de ser tão presentes devido a grande competição por comida entre elas e os diferentes tipos de gado introduzidos no Pampa, como poderia sugerir os estudos de Alfred Crosby (2011).

Uma última questão que podemos levantar sobre a fauna é a origem do nome da Lagoa dos Patos. Baguet deixou registrada duas hipóteses para a nomeação desta lagoa, “alguns autores afirmam que este lago deve seu nome a uma antiga tribo indígena, os Patos; outros, que os espanhóis à sua passagem deixaram ali alguns patos que se teriam multiplicado ao infinito...” (BAGUET, 1997, p.31). Apesar de ele não ter encontrado nenhum destes animais na região, esta hipótese não pode ser descartada, pois como vimos o Pampa sofreu grandes alterações com a colonização espanhola e portuguesa e a introdução de novos animais neste ambiente.

2.5. Impactos humanos no ambiente

Aproveitando o tema, podemos encontrar nos relatos de viagem vários indícios de alterações ambientais, desde a larga introdução de animais como o cavalo e o gado até plantas como o cardo ou ainda costumes europeus que chegam até este canto da América. “As mudanças mais drásticas correspondem normalmente às tentativas, bem sucedidas ou não, de melhorar a produtividade da terra – por exemplo, recorrendo a fertilizantes, imigração ou drenagem” (DREW, 2002, p.45), mesmo que hoje possuamos o senso comum de uma visão da industrialização como a grande responsável pelos problemas ambientais, e assim, acabamos esquecendo todas as ações humanas anteriores que resultaram em impactos consideráveis para o meio. Ligado a isto, vem a “impressão de que os períodos anteriores foram de estagnação e de uma economia quase natural, que pouco ou nada teria produzido do ponto de vista técnico e que também não haveria interferido de modo significativo no ambiente” (FARINATTI, 2012, p.64). A população que se estabeleceu sobre o Pampa, desde os primeiros grupos de

hominídeos até os indígenas e os europeus, todos alteraram o bioma Pampa em menor ou maior escala.

Um dos impactos percebidos por Saint-Hilaire e por Baguet, foi a queimada. Prática comum em boa parte do território brasileiro³⁵, esta técnica herdada de grupos indígenas consistia em queimar a vegetação, buscando eliminar plantas indesejáveis, renovar e limpar o solo para o próximo plantio. Apesar de oferecer alguns resultados a prática usada excessivamente poderia esgotar o solo, causar desequilíbrios ecológicos (DEAN, 1996), sendo apenas uma “fertilidade temporária provocada pela queima de sua biomassa” (PÁDUA, 2002, p.41). Durante sua execução, a queimada poderia tornar-se um incêndio de grandes proporções como observado por Baguet nas redondezas de Alegrete. A queimada chamava atenção destes viajantes exatamente por ser uma prática adotada pelos locais e que não era utilizada na Europa, onde era costume a rotação de culturas, sendo a queimada uma atitude e um acontecimento bastante atípico para estes europeus.

Outros impactos de menor escala são observados por este viajante, como a busca por construir um canal no rio Uruguai, para poder atravessar o Salto Grande³⁶, ideia esta que vem a se concretizar, mas apenas durante o século XX. Há outras mudanças menores de curso de água devido à ação humana ou de seus animais domésticos, desta vez observada por Saint-Hilaire. A caça aos animais nativos e toda a disputa silenciosa travada por espécies nativas e exóticas. As guerras e conflitos provocavam inúmeros efeitos na ordem da região. Com muitas casas abandonadas nos campos, os animais passaram a viver sem cuidados dos humanos se tornando alçados, dentre os exemplos citados por Saint-Hilaire estão os porcos, cavalos e bois. Em outros locais estes animais:

foram abatidos durante a guerra, e as pastagens menos sacrificadas retomaram o seu primitivo vigor. Naquelas que os animais reduziram a gramado uma quantidade de plantas,..., se destroem, e algumas gramíneas mais fortes que podem suportar as repetidas pastagens assenhoram-se do terreno (SAINT-HILAIRE, 1987, p.225).

³⁵ Cronon (2011, p.28-29, p.49) também verifica a presença de fogo natural e induzido pela ação humana – indígena e europeia - em Massachusetts.

³⁶ Uma elevação no rio Uruguai que junto com o Salto Chico formavam uma zona de difícil percurso fluvial devido sua formação rochosa, cachoeiras e correntezas. Após a construção da Represa de Salto Grande, já na metade do século XX, o Salto Grande ficou submerso em um lago artificial.

Assim, a rápida alteração do número de animais nos campos, devido a guerra, provocou efeitos na flora destes campos, como vimos esta pode ter sido a causa do alastramento do cardo e de outras plantas pelo Uruguai. Estes impactos registrados por Saint-Hilaire demonstram que as alterações que o ser humano provoca no meio são anteriores ao período de industrialização, visto erroneamente nos dias de hoje como o período do início destas alterações no meio.

A usurpação da biota nativa do Pampa já devia ter começado no fim do século XVI, quando animais da Europa chegaram, vicejaram e se propagaram em enormes rebanhos. Seus hábitos de alimentação, seus cascos atropeladores, seus excrementos e as sementes das plantas que carregavam com eles, tão estrangeiras na América quanto eles mesmos, alteraram para sempre o solo e a flora do Pampa (CROSBY, 2011, 169).

A ocupação do território do Pampa por grupos indígenas já iniciou este processo de alteração do meio, sendo potencializado com a chegada dos europeus que dispunham de “instrumentos mais rápidos e potentes no abate dos animais” (PEIXOTO; MORAES, 2014, p.214), na construção de moradias e de estradas, bem como de toda uma forma distinta de perceber e interagir com a natureza, se apropriando de seus espaços e tratando os animais “como seres a serem constantemente submetidos” (PEIXOTO; MORAES, 2014, p.214). Assim, a natureza americana já se apresentava muito diferente quando os europeus chegaram ali, como nos indica Cronon (2011, p.7) e mais diferente ainda de quando o processo de industrialização iniciou neste continente. As sociedades que habitaram o Pampa acabaram influenciando e sendo influenciadas ao longo deste processo histórico. Os relatos de viagens nos permitem vislumbrar um pouco sobre este passado e juntar algumas peças para que possamos compreender melhor como se deu a ocupação do território do Pampa, como era a relação deste com as pessoas que o ocuparam e quais impactos ambientais ocorreram.

Ainda é muito difícil estabelecer respostas para os problemas de mudanças ambientais na História, pois é complicado dizer o que mudou se não se sabe exatamente como tudo era anteriormente a estas mudanças. Baseando-se em Donald Worster, William Cronon aponta que um provável estágio clímax de um ecossistema passa a ser alterado quando uma fonte de perturbação o afeta, e geralmente esta fonte está relacionada à ação antrópica neste ambiente, mas isto “implica que a humanidade era de alguma forma fora do ideal de comunidade

clímax”³⁷ (CRONON, 2011, p.9, tradução nossa) de um ecossistema. A partir do estudo de Cronon podemos verificar que não há tempo histórico onde a natureza permaneceu estática, “florestas tem sido transformadas por doenças, secas e fogo, espécies se tornaram extintas, e paisagens tem sido drasticamente alteradas pelas mudanças climáticas sem qualquer intervenção humana”³⁸ (CRONON, 2011, p.11, tradução nossa), mas isto não afasta a importância do fator antrópico na velocidade e intensidade destas mudanças.

2.6. Diferentes formas de encarar a natureza.

Muito do que é escrito pelos viajantes pode ser considerado uma expressão de sentimento, eles atribuem qualidades e defeitos a diversas características do bioma Pampa e dessa forma transmitem a nós sua forma de pensar a natureza, possibilitando que tenhamos uma compreensão de como a natureza era percebida naquele período, quais eram os elementos naturais valorizados e quais não eram tidos como importantes, por vezes, até mesmo como obstáculos que deveriam ser transpostos. Iremos debater estes pontos nos próximos itens, destacando em primeiro momento passagens sobre beleza e posteriormente questões referentes a melhoramento e ordenamento do mundo natural, perpassando questões centrais como a da monotonia da paisagem e a da ocupação do território.

2.6.1. Exaltação e Depreciação.

Uma viagem para um país distante, em uma zona conturbada de fronteira com campos a perder de vista e uma população pequena e esparsa. Com isto em mente poderíamos esperar que Baguet ou Saint-Hilaire destacassem uma visão muito comum do Pampa, a visão dele como deserto despovoado de cultura e pessoas em meio a sua vastidão, “o Pampa aparece quase sempre associado à idéia de deserto, de barbárie, de selvageria, de ausência de ordem e de governo” (MÄDER, 2008, p.265). Este pensamento acaba se tornando presente nos relatos de viagem e em grande parte se fortalece devido a acontecimentos

³⁷ No original: “implying, that humanity was somehow outside of the ideal clímax community.

³⁸ No original: “forests have been transformed by disease, drought, and fire, species have become extinct, and landscapes have been drastically altered by climatic change without any human intervation”.

recentes na história da região. É o caso da Guerra contra Artigas (1816-1820) onde o Império Brasileiro enfrenta a Liga dos Povos Livres, lideradas por Artigas, e acaba anexando a Banda Oriental, transformando-a em Cisplatina. Breves meses após seu término, Saint-Hilaire encontra um território marcado pela presença do recente conflito, a instabilidade e insegurança estavam no ar e muitos campos haviam sido abandonados por gente em busca de locais mais seguros. Iremos explorar a presença desta guerra no final do texto, mas é importante apontá-la aqui, pois a mesma fortalece um cenário de tristeza e abandono notado pelo viajante. Tirando particularidades, Baguet encontra uma província saída de situação semelhante, desta vez era a Revolução Farroupilha que durou dez anos (1835-45), acabando poucos meses antes da viagem empreendida pelo belga.

Com o horizonte a perder de vista, Saint-Hilaire reclamava constantemente de encontrar um ambiente repetitivo e que, por ter diversos campos não cultivados pelo trabalho humano, era visto de forma depreciativa sendo taxado como monótono, um grande deserto de cultura, um deserto populacional. Esta forma de perceber o Pampa não era exclusiva de Saint-Hilaire e aparece em diversos discursos sobre a região até os dias de hoje, incluindo outros relatos de viagem, como o de Baguet, que ao achar abrigo em meio a um temporal, comemora que “há estâncias no campo, como oásis no deserto” (BAGUET, 1997, p.73), são poucas no meio da vastidão e oferecem um porto seguro para onde o viajante pode refugiar-se e recuperar-se até voltar a seguir seu rumo. Zarth e Gerhardt (2009) apontam que a concentração de latifúndios pastoris no Rio Grande do Sul já naquele período dificultava o crescimento demográfico. Aliando a baixa densidade populacional e os grandes latifúndios pastoris, surgem às primeiras referências do Pampa como um deserto, sendo a ideia presente pelo menos desde 1785, encontrada por estes historiadores em relatório do general João Francisco Roscio.

O conceito de deserto segundo Souza (2015, p.111) foi alimentado “a partir de um investimento discursivo-visual da literatura e das artes plásticas, tornando-se a encarnação da ausência, da barbárie, do vazio e, como resultado, servindo de subsídio argumentativo para o projeto estatal de dizimação dos indígenas”. Mesmo em passagens mais inocentes os viajantes acabam construindo e reforçando ideias sobre a natureza e sobre a região, sendo ainda, “sem dúvida, mediadores na legitimação do projeto europeu”³⁹ (CILIBERTO, DUPUY, PRINCIPI, 2009, p.70, tradução nossa) e também parte dos “projetos orientados a dar entidade e identidade a um novo estado nacional”⁴⁰ (CILIBERTO, DUPUY, PRINCIPI, 2009, p.71,

³⁹ No original: “sin duda, mediadores en la legitimización del proyecto europeo”.

⁴⁰ No original: “proyectos orientados a dar entidad e identidad a un nuevo estado nacional”.

tradução nossa). Este papel fica ainda mais claro quando o viajante está intimamente relacionado ao governo de seu país de origem, como é o caso de Saint-Hilaire.

Em viagem pelo trecho entre Paissandu e Salto a mesmice da paisagem e a solidão nos campos são reforçadas por Saint-Hilaire, tendo nesta viagem o agravante da agênia do intenso verão que deixava tudo com aspecto de secura. “O terreno continua ondulado, sempre cardos e grama seca por causa do sol causticante” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.203) e esta descrição segue por dias, “a região que percorri continua ondulada, com pastagens excelentes, mas quase inteiramente ressequidas” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.205). A ausência de casas, ou o encontro apenas com ruínas da guerra, marcam as passagens: “a partir da Estância de Guabiju, nem sinal de casa, e desde Sandu apenas um campo de milho plantado pelos índios, como único vestígio de cultura” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.210). Esta região do oeste uruguaio é a mais marcante para este tipo de relato, Saint-Hilaire justifica a ausência de uma maior presença humana devido a recente guerra, pois “a região desde Rio Negro não era antigamente tão deserta como agora. Grande número de espanhóis, a maioria deles europeus eram aí estancieiros onde criavam gado e cultivavam trigo” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.219). Também é notada pelo viajante uma ausência de trilhas e uma presença muito maior de vida selvagem, com veados, avestruzes, gado selvagem e até mesmo felinos nesta parte do Pampa, que ia do Rio Negro, ao sul, até a atual localização da cidade Uruguaiana, ao norte. Talvez isto ocorresse por mera coincidência ou pelo histórico de ocupação desta região somada aos efeitos que a guerra provocou ali.

Outros trechos durante o livro de Saint-Hilaire trazem passagens semelhantes que se arrastam por dias e tocam nos aspectos da mesmice dos campos e da sua monotonia, como é o caso quando a comitiva do viajante excursiona pelo litoral entre os campos de Viamão e a cidade de Rio Grande, “continua a mesma planície, sem a menor ondulação de terreno, com muito poucos capões”, (SAINT-HILAIRE, 1987, p.53) “continua a mesma planície, quase nenhuma árvore nos campos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.53), “continuamos a percorrer uma região muito plana e arenosa, coberta de pastagens muito magras” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.54), “o terreno é sempre uniforme e arenoso” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.56). Esta repetição constante demonstra como era importante para o autor registrar os elementos das regiões que ele percorria, por mais repetitivos que eles pudessem ser. Diferente de Alexander Baguet, que formulou um relato muito pontual onde estas passagens pouco aparecem, no relato de Saint-Hilaire, há essa forte ideia de querer criar um panorama fiel à realidade, para talvez vir a ser referência sobre um local até então muito mal cartografado. Sua tentativa é até

mesmo elogiada por outros viajantes, como seu compatriota Arsène Isabelle que em livro publicado no ano de 1835 escreve: “O sr. Auguste Saint-Hilaire, viajante erudito e consciencioso, fez dela [da província do Rio Grande do Sul] um bom esboço, mas não se estendeu, nem podia fazê-lo” (ISABELLE, 2006, p.14). Assim, o esforço realizado por Saint-Hilaire de empregar esta viagem e manter anotações, e, talvez com isto criar um registro duradouro sobre o território por ele percorrido parece ter tido bons resultados.

A monotonia da viagem pelos campos do Pampa por vezes era muito grande, era “preciso ter viajado durante semanas inteiras nestes vastos campos da monotonia, para poder apreciar o poderoso meio de distração que oferece o fumo àquele que adquiriu o hábito” (BAGUET, 1997, p.77), assim, formas de se distrair e amenizar a dureza da viagem eram encontradas em vícios como o fumo. As longas distâncias sem avistar presença humana e em trilhas sem estrutura alguma faziam das viagens bastante cansativas, como foi relatado por ambos viajantes.

O deserto do Pampa não causava apenas monotonia e tédio, por vezes havia apreensão. Certa vez sofrendo alucinações após ter ingerido mel, Saint-Hilaire e seus companheiros se preocuparam de não conseguir ajuda nas redondezas, “iremos morrer juntos neste deserto” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.241) disse Laruotte para Saint-Hilaire, que confirma a preocupação ao sentir que iria “morrer neste deserto, longe de minha família e de meu país” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.241). Em outra situação complicada, passando pelos campos de Quaraí e avistando um raro bosquete, Saint-Hilaire decidiu herborizar, mas sem parar a viagem. Então um dos seus funcionários ficou de olho na carroça que seguia caminho pelo meio da campanha, enquanto ele colhia amostras de plantas do local. Porém, a carroça após subir uma colina acaba sumindo no horizonte, fazendo com que ele e seu funcionário acabem ficando perdidos na região. A preocupação tomou conta dos dois, pois ele “sabia que esta região é completamente deserta e, por conseguinte, estava claro que, avançando mais, teríamos a chance quase certa de não reencontrar a casa e morrer de fome (SAINT-HILAIRE, 1987, p.226)”. O Pampa com poucas habitações, bosques, florestas e outros marcos geográficos como montanhas e rochas, não oferece muitos pontos de referência, sendo necessária para o avanço da comitiva de Saint-Hilaire, a presença de um vaqueano. Este era uma espécie de guia, conhecedor do local que os levava entre as aldeias, era “pelos acidentes do terreno e por alguns outros indícios que os guias conhecem seu caminho” (BAGUET, 1997, p.55). Função que possivelmente era muito comum em toda a região, pois possuía utilidade em viagens de grupos comerciais, grupos militares ou de grupos como o de Saint-

Hilaire e de Baguet, “era frequente que estes grupos fossem guiados por homens experientes nos caminhos e conhecedores da região chamados vaqueanos.” (COMISSOLI, 2015, p.30). Indicando os melhores caminhos a serem percorridos, os vaqueanos facilitavam a viagem e aumentavam a segurança das comitivas, sem sua atuação poderia ser muito fácil se perder em um local sem caminhos bem traçados e com uma população tão esparsa como era o Pampa.

O vazio dos campos não era a única coisa que incomodava Saint-Hilaire, ele achava que a região litorânea era carregada de tristeza, pois os ventos espalhavam areia por todos os lados, não havia flores nos campos que por sua vez eram tratados como muito inferiores aos de outros locais. No caminho entre Viamão e Rio Grande ele expõe que “pouco terei a acrescentar ao que já escrevi sobre esta região. As pastagens continuam cinzentas e secas; nunca se vê uma flor” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.51). Os campos muito parecidos e as invasões de areia para dentro das construções deixavam tudo com um aspecto de profunda tristeza, e até mesmo a cidade de Rio Grande é vista deste modo:

Nada se iguala à tristeza desses lugares. De um lado, o bramir do oceano; e do outro, o rio. O terreno, extremamente plano e quase ao nível do mar, é todo areal esbranquiçado, onde crescem plantas esparsas, principalmente o senecio. As choupanas, mal conservadas, só anunciam miséria: destroços de embarcações semi-enterradas na areia recordam pungentes desgraças e nossa alma se enche, pouco a pouco, de melancolia e terror. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.70)

Baguet encontrou cenário semelhante e destaca não haver “nada de verde, nada de sombra, nenhum passeio, a vista se perde nas areias que as rajadas de vento erguem e encrespam, como a brisa suave encrespa a superfície da água” (BAGUET, 1997, p.29-30). Acrescenta afirmando que “a areia e a água são os dois flagelos de Rio Grande: do lado do mar a água invade as casas e a areia sem cessar ameaça sepultá-las” (BAGUET, 1997, p.30). Já Saint-Hilaire acreditava que se Rio Grande não tivesse a alfândega, provavelmente já teria sido abandonada, pois está “situada em terreno estéril, no meio de pântanos e areais, ameaçada constantemente de ser aterrada pelas areias” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.61), e seu progresso era muitas vezes barrado pelo clima, pois se ventava muito forte as areias invadiam o ar e todas as lojas e vendas fechavam⁴¹. O clima passava também a influenciar muito o humor e a percepção do viajante, pois ele percorreu o litoral desde o final do outono até a

⁴¹ Saint-Hilaire permanece nas redondezas de Rio Grande por um mês e meio entre Agosto e Setembro de 1820, no final do inverno. Baguet fica menos tempo na cidade, mas exatamente na mesma época do ano, final do inverno de 1845.

metade da primavera. E posteriormente no verão onde as pastagens ficavam ressequidas e habitadas por inúmeros insetos, as reclamações persistiam. “Foi preciso descarregar a carroça; com o calor estafante, todos estavam de mau humor” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.201)⁴². E realmente, para quem empregava uma viagem tão longa e num lugar tão distante, as intempéries do clima por vezes deveriam frustrar planos e até mesmo provocar desafios, desde ter dificuldades para atravessar arroios e rios cheios por causa da chuva, até ter que permanecer dias sem avançar esperando as tempestades passarem. Não era difícil de vê-lo reclamar que “o tempo está hoje horrível” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.86)⁴³ ou sobre como era horrível ficar “retido durante três dias no meio de um deserto e, até agora, com um tempo horrível” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.237)⁴⁴. Baguet encarou diversos temporais durante sua travessia pela província, inclusive pernoitando sob condições adversas onde “o vento, que soprava em rajadas, era acompanhado de uma chuva fina glacial que fazia nossos membros tremerem; contudo, fomos obrigados a passar a noite ali” (BAGUET, 1997, p.49)⁴⁵ sob a tempestade.

Estando expostos ao tempo em uma viagem muito cansativa, até certo ponto é compreensível as reclamações a respeito dos efeitos do tempo, mesmo porque o clima da região como um todo é elogiado ao longo da viagem, pois ele favoreceria o cultivo de muitos tipos de plantas. O belo para Baguet e especialmente para Saint-Hilaire, assim como para muitos naquela época, era também o produtivo. Difícilmente uma paisagem seria bela se dela nada se pudesse aproveitar, “uma vez que a mais bela paisagem precisava ser animada pela presença e trabalho do homem” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.15). Durante bom tempo na sociedade europeia, esta ideia foi compartilhada, para as pessoas “uma paisagem domesticada, habitada e produtiva era bela. Faziam seu o antigo ideal clássico, que associava beleza e fertilidade. Nos séculos XVI e XVII era sempre o cenário fértil e cultivado que os viajantes admiravam” (THOMAS, 2010, p.361). E o cenário encontrado por Saint-Hilaire no Pampa foi bastante dicotômico, pois ele apresentava zonas com campos não cultivados, onde o vazio era sentido e Saint-Hilaire buscava explicá-los pela falta de mão-de-obra que pudesse trabalhar a terra, pela cultura do povo local que preferia a lida com os animais a agricultura, pelas estâncias abandonadas no período da guerra contra Artigas e até mesmo pela ideia que o viajante tinha, considerando o povo muito preguiçoso, uma herança dos povos indígenas que,

⁴² Próximo à Paisandu no atual Uruguai, no primeiro dia do ano de 1821, verão.

⁴³ Em Pelotas, no final do inverno. Fazia muito frio e chuva.

⁴⁴ No final de Janeiro, verão, próximo à Quaraí.

⁴⁵ Em Cachoeira do Sul, início da primavera.

segundo ele, não pensavam no futuro. Porém, também se encontrava por todos os lados “lindos campos cobertos de excelentes pastagens” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.130), muitos deles cultivados e “como o clima desta região se assemelha muito ao da Europa, as plantas de Portugal aqui devem medrar, todas as vezes que suas sementes são plantadas, ou mesmo quando casualmente lançadas à terra” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.86). Deste modo, mesmo com tantas reclamações sobre ele, o clima podia ser também belo, pois a região era interessante aos olhos da pátria francesa e muitas plantas poderiam ser adaptadas aqui ou levadas para território francês.

Não só os campos com produção agrícola se tornavam belos por serem produtivos no olhar civilizador dos viajantes, mas os campos tomados por animais também eram enaltecidos, especialmente quando estes animais estavam domesticados e sendo cuidados. Próximo a atual cidade de Santo Antônio da Patrulha, os campos de Pitangueiras eram considerados mais bonitos que os campos de Curitiba e muito semelhantes às planícies de Beauce, não havendo

nada de monótono no aspecto desse campo: grande quantidade de animais, cavalos e mulas estão espalhados nestas extensas pastagens; notam-se aqui e ali grupos espessos de plantas; de quando em quando, se observa trechos de um lago,...., o horizonte é limitado pelas montanhas da Serra Geral (SAINT-HILAIRE, 1987, p.20).

A paisagem estava animada pela presença destes animais, que possibilitavam uma perspectiva de uso através do trabalho humano. Elogiar os campos cheios de pastagem e animais é algo recorrente na visão da época, ao mesmo tempo em que se têm as montanhas como um local de difícil acesso e que ocupa um espaço que poderia ser utilizado para a criação de algo rentável. “As montanhas improdutivas foram tradicionalmente vistas como desprovidas de atrativos físicos” (THOMAS, 2010, p.364).

Saint-Hilaire fará novamente uma descrição semelhante quando passar pela região central da província do Rio Grande do Sul, valorizando os campos como alegres e desvalorizando a Mata Atlântica como sombria, localizada sobre uma montanha que barrava o campo de visão e era coberta por essas espessas florestas, dificultando o cultivo desta região. “De um lado, avista-se uma alegre planície, revestida de pastagens e de tufo de capim; do outro lado, a vista é limitada por montanhas cobertas de florestas sombrias e espessas”

(SAINT-HILAIRE, 1987, p.338). Nesta região, foi fundada a cidade de Santa Maria que se estabelece em uma zona ecótona, ou seja, uma zona de encontro entre dois biomas, a fronteira do Pampa com a Mata Atlântica. Ao adjetivar cada bioma de uma maneira, o viajante estava pondo em prática o pensamento europeu que se solidificou por séculos, que acreditava que a natureza deveria ser domada e conquistada. Para Sale (1992), que escreve sobre o mundo medieval europeu, as florestas sombrias, locais de marginais e criaturas fantásticas se uniam às montanhas que impediam viagens mais rápidas e eram moradia de selvagens, as duas pouco importavam – no sentido econômico e no sentido sensível - para a sociedade, que vivia no e do campo. Para Saint-Hilaire as árvores não eram necessariamente ruins, ele até sugere o plantio de algumas pelas estradas nos arredores de Porto Alegre e em uma praça de Rio Grande, porém ele privilegia aquelas que dão frutos e rendem, assim, mais do que apenas madeira, sombra e beleza. José Augusto Pádua (2002) destaca que a atenção dada à natureza no período era devido a dois tipos de olhar: o valor político e instrumental para o progresso e o valor sensível, podemos ver esses dois pensamentos coexistindo em Saint-Hilaire e de forma menos marcante em Baguet. Ambos vivendo em um período de transição das formas de se pensar a natureza como apontam Thomas (2010), Pádua (2002) e Baumer (1977).

Esta visão mais sensível está aproximada do pensamento romântico, ainda muito fresco na sociedade ocidental de início de século XIX. Segundo Baumer (1977), o movimento romântico de uma forma geral passa a valorizar a natureza selvagem e suas formas originais, vendo estes espaços como propícios à contemplação e aproximação divina. Entre estes dois viajantes, Baguet parece estar muito mais conectado ao pensamento romântico, pois além da sua escrita poética ele possuía um olhar sobre as paisagens muito mais focado no belo e inusitado do que nas questões de melhoramento, que discutiremos em breve. Durante um jantar, o viajante e seu grupo acompanharam uma apresentação de escravos que dançavam e jogavam capoeira sob a luz da lua e da fogueira.

Aquela cena totalmente primitiva tinha alguma coisa de pitoresco; o silêncio da natureza, interrompido pelo canto dos negros e o grito dos pássaros noturnos, o vento agitando as árvores, o rio correndo silenciosamente a nossos pés, o reflexo das chamas nas figuras de ébano dos africanos, sua dança bizarra e extravagante, a massa imponente da floresta, tudo isso lembrou-me uma das cenas tão magistralmente descritas pelo célebre Fenimore Cooper⁴⁶ (BAGUET, 1997, p.44)

⁴⁶ Escritor americano de diversos livros de inspiração romântica, dentre eles o célebre “O último dos Moicanos” publicado em 1826.

A noite, segundo Baumer (1977) era definitivamente o mundo dos românticos, em contraposição a luz do dia que trazia o esclarecimento do Iluminismo e do pensamento Neoclássico, além disso, o pitoresco e o selvagem atraíam os olhares românticos que buscavam uma natureza mais crua. Os românticos tinham “uma tendência para o misterioso e davam importância ao sentimento e expressão individuais” (BAUMER, 1997, p.24), não muito diferente do olhar curioso e estilo de escrita poético que Baguet constantemente apresentava. A própria citação sobre os escritos de Cooper denotam a aproximação de Baguet com as leituras e com o pensamento de romancistas do período. Apesar de não ser claramente romântico, podemos ver algumas influências desta forma de pensamento também nos escritos de Saint-Hilaire, “aí cresce uma erva de um verde belíssimo; o cardeal saltita de galho em galho, exibindo seus trinados, a mansa capivara vem pastar aos pés dos viajantes. Nossos campos não são mais vivos e pitorescos, nem possuem mais frescura que esses daqui” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.171). Passagens estas que valorizam um local como belo apenas por motivos estéticos.

Com folhagem muito bonita, ramos tortuosos que, em pequeno número, causam um efeito encantador. Abaixo desses bosques, crescem gramíneas espessas de um verde fascinante. Eu me sentei sobre essa vegetação, para trabalhar, à sombra de uma árvore copada, as suas flores de pouca aparência embalsamam o ar com seu perfume. Cardeal repercute o seu gorgueio pelos ares. Não vendo o arroio, escuto seu murmúrio por entre as árvores. Estes pequenos lugares maravilhosos lembram os recantos mais deliciosos da Europa. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.170)

Porém estas passagens são pouco frequentes em seus relatos, por mais que ele venha a enaltecer muitos locais por onde passa, geralmente o faz por relacionar a produtividade do local com a beleza que ele transmite, diferente de Baguet que geralmente não está interessado no valor econômico daquilo que está vendo. Talvez por estar apenas de passagem e a região não ser sua finalidade, o viajante belga não se interessa muito em pensar quais os benefícios futuros a região poderia desenvolver. Em outro trecho Saint-Hilaire se alegra com a paisagem que encontra, “descortinei uma vasta planície coberta de pastagens, onde havia muitos animais e vi, além, os cumes da Serra Geral coberta de neveiro esbranquiçado. A natureza possuía um ar de vida e de alegria como nunca tinha visto, desde que estou no Brasil” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.21).

Sobre os lagos, podemos ver que eles chamam a atenção do viajante francês e parecem servir apenas de embelezar o local, pois ele não destaca qualquer outra utilidade para estes

espaços que não o fim estético. Já para os rios a visão é diferente, pois eles oferecem um meio de transporte e comunicação eficaz e seus caminhos sinuosos acompanhados de bosques é sempre uma visão valorizada pelo viajante. “O vale é totalmente embelezado por um riacho, cujas sinuosidades são definidas por uma orla de árvores cerradas e um bosque verdejante” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.208). A sugestão de Saint-Hilaire é que as aldeias ou as habitações deveriam ser construídas sobre alguma elevação de terreno de onde se possa avistar as belas pastagens da redondeza e o percurso sinuoso de algum rio que tenha suas margens tomadas de bosquetes, pois é o “belo rio que serpenteia majestosamente essas duas fileiras de árvores frondosas, (que torna) esses campos uma delícia” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.216). Estar perto do rio era sinônimo ter uma vista agradável, além de uma importante fonte de água potável para a comunidade e ligação desta com outras regiões.

Saint-Hilaire tem visões de beleza que dialogam com algumas variedades de pensamentos ambientais do período, mas predomina em seus relatos aquelas descrições que valorizam uma região pela sua beleza produtiva. Na visão do viajante, um lugar poderia ser encantador, mas sua beleza estaria ainda mais ressaltada se nele houvesse a presença da ação humana sobre a natureza ou ao menos a perspectiva de explorá-lo. Já Baguet aparenta uma aproximação muito mais forte com o romantismo, procurando a beleza da natureza selvagem e os traços inusitados que ele poderia desvendar em cada paisagem nova visitada.

2.6.2. Melhoramento e Ordenamento do Mundo Natural.

Saint-Hilaire via muitas possibilidades para a província e acreditava que o potencial da região estava longe de ser aproveitado. Em seu diário de viagem deixa muitas sugestões e opiniões de quais seriam os usos corretos para a terra e como ela poderia ser melhorada. Por melhoramento entendemos a tentativa humana de aperfeiçoar a natureza em busca de atingir a capacidade plena de uma região. Em algumas das fontes utilizadas e em alguns pesquisadores consultados⁴⁷ este termo é utilizado e por vezes está relacionado às ideias de progresso. O melhoramento é pensado, por exemplo, para se aprimorar as produções alimentícias ou ainda transformar o fluxo de um rio permitindo que ele se torne navegável e conectado às demais rotas fluviais da região.

⁴⁷ Como no relato de Robert Avé-Lallemant (1980, p.176, 271, 297, 330) e na obra de William Cronon (2011, p.56) com o uso do termo “improve”.

Com ideias sobre como aumentar a produção e incentivar o comércio da província como um todo, o viajante acaba desenvolvendo um discurso sobre a natureza que era muito comum no período. Segundo Thomas (2010), olhar a natureza como recurso a ser explorado em prol da nação era a corrente de pensamento majoritária do período, entendendo os elementos naturais como criações divinas para a utilização da sociedade humana, chegando a enxergar os animais como as máquinas, se alimentando de energia e a serviço dos homens. A partir desse pensamento, com influência cristã e iluminista, as pessoas partiram para conhecer melhor o mundo natural e assim poder utilizá-lo da melhor forma, período onde a História Natural esteve em seu auge e viagens de naturalistas e outros intelectuais reviraram os territórios do Novo Mundo, da África, da Oceania e em menor parcela a Ásia. Ao longo destas viagens foram desenvolvendo ideais de ocupação do mundo. A passagem a seguir representa de forma sintética a visão de Saint-Hilaire.

Não haveria nada mais delicioso no mundo, se as margens do Jacuí ou do Uruguai fossem habitadas por homens trabalhadores; se um dia as casas de campanha e jardins margeassem esses rios e se, no meio das árvores que cobrem essas ilhas de que falei, avistássemos plantações e moradias. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.222)

A forte presença dos ideais europeus de trabalho e de progresso estão enraizadas neste pensamento, o trabalho levaria ao desenvolvimento local e a presença humana alteraria as paisagens para melhor, trazendo sua cultura e civilidade ao Pampa. Suas construções, jardins e todas demais alterações possíveis de serem feitas. O cultivo da terra tornaria os campos úteis, produtivos e belos. Porém, o ideal desejado por Saint-Hilaire quase nunca representava a realidade presente nos caminhos que ele percorria.

Aqui desfrutamos esta magnífica vista, e a choupana, junto à qual estivemos parados, se localiza à margem do lago. Este lugar seria delicioso se os arredores do lago fossem cultivados e povoados de casa, uma vez que a mais bela paisagem precisava ser animada pela presença e trabalho do homem. Entretanto mal se vêem, de longe em longe, algumas miseráveis choupanas (SAINT-HILAIRE, 1987, p.15).

Assim, por mais que observasse um futuro promissor, a ocupação atual do território ainda estava devendo, ela necessitava da presença da figura humana e do seu trabalho para atingir sua plena capacidade através do melhoramento de suas condições naturais. Não encontrava nenhum animal, cultura ou habitações em muitos dos campos, as paisagens deles

até poderiam ser consideradas bonitas, mas não haviam sido trabalhadas e alteradas pela ação antrópica. O que poderia ser feito, segundo Saint-Hilaire, já que a região possuía características ambientais interessantes, e que misturavam um pouco dos trópicos com um pouco de uma zona temperada que lembrava a Europa.

Esta Capitania é, certamente, uma das mais ricas de todo o Brasil e das mais favorecidas pela natureza. Situada à beira-mar, é atravessada por lagos e rios, que facilitam os meios de transporte. A terra produz, com abundância, trigo, centeio, milho e feijão; e várias experiências têm demonstrado que todas as árvores, legumes e cereais da Europa produzirão igualmente bem, se forem cultivados (SAINT-HILAIRE, 1987, p.65).

Alguns locais pareciam estar mais avançados neste sentido, como em Rio Negro onde “a paisagem do rio está enriquecida com a presença de pequenos navios de guerra portugueses e de alguns navios mercantes” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.188), já em Santa Lucía os “quintais não estão inteiramente inaproveitados; vêem-se neles árvores frutíferas e principalmente figueiras, notáveis por sua grandeza” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.166). Assim, a presença humana parecia estar, aos poucos, preenchendo o Pampa com suas coisas, suas invenções, seu trabalho e suas produções. Os navios eram mais constantes e traziam consigo mercadorias diversas, as pessoas construía casas, cultivavam o solo e limpavam seus jardins e pomares, deixando a paisagem mais viva e menos vazia, de acordo com os ideais que Saint-Hilaire carregava e que muitos deviam compartilhar. Ao observar um campo, o viajante procura pela presença humana neste espaço, quando não a encontra, é como se este espaço fosse um vazio ou um verdadeiro deserto. E isto nunca era sinônimo de um bom sinal, pois “o deserto seria a impossibilidade de qualquer ordenamento e a origem da barbárie” (SOUZA, 2015, p.119). Baguet também nos faz refletir sobre este assunto, exaltando a presença do humano sobre as paisagens, como no trecho a seguir.

Quem deseja gozar de um verdadeiro panorama do novo mundo precisa apenas dirigir-se à cidade alta, no ponto mais elevado da colina. Descobre-se ali, de um lado, a cidade e a baía e, do lado oeste, a vista se estende sobre campos verdejantes, ligeiramente ondulados, embelezados por casas de lazer com seus quintais plantados de laranjeiras, bananeiras, palmeiras, cercados de sebes sempre verdes e semeados de flores de todos os matizes. O ar é tão puro e transparente que avista-se ao longe, a cerca de quinze léguas de distância, a Serra Grande. (BAGUET, 1997, p.34)

Dali de cima da colina da cidade de Porto Alegre ele avistava “os primeiros belos prados verdes” (BAGUET, 1997, p.34) que via depois de muitos anos. Neste trecho, o viajante belga admira a natureza, mas pontua aspectos de embelezamento criados pelos humanos, como as casas, os jardins e o plantio de plantas que não apenas embelezam o espaço, mas que servem como produtoras de alimento, deixando clara na sua visão a importância do útil e produtivo na beleza da paisagem de uma região.

Porém, mesmo com o avanço que algumas localidades aparentavam possuir, outras ainda estavam distantes de apresentarem o progresso esperado. E isso era explicado por Saint-Hilaire devido à natureza do povo que ocupava a terra. Em seu olhar carregado de preconceito ele comenta que “os portugueses que se estabeleceram no Brasil, [são] quase todos ignorantes e sem educação, retardam muito a civilização deste país em vez de fazê-la progredir” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.88). A província estava muito mais próxima de uma natureza primordial devido à falta de ação da população que ali vivia, uma população sem conhecimento e educação em níveis adequados e deste modo, distantes da civilização da qual Saint-Hilaire estava acostumado em Paris. Assim, o que faltava para aquelas populações e campos era a presença da cultura e do cultivo, tornando o país mais civilizado e menos natural, em direção ao progresso.

O viajante traz para a América um olhar eurocêntrico que considera as soluções e a civilização europeia como as mais corretas e desenvolvidas, por isso ele negativa tanto os hábitos diferentes com os quais passa a ter contato no Pampa. Ele não considera que as pessoas que habitam estes campos têm outras culturas e outras formas de percepção do mundo, algumas das soluções e interações que são estabelecidas com o meio são respostas muito mais eficazes do que aquelas propostas pelo viajante europeu. Suas críticas a posturas de negros, índios e espanhóis aparecem em alguns momentos do seu relato. Os charruas “não fazem absolutamente nada, senão correr pelos campos, bolear os cervos, os avestruzes e os cavalos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.218) e os guaranis não escapam de suas críticas, sendo vistos como preguiçosos e inocentes, vivendo na região das missões em meio a maior pobreza e sendo muito mal administrados⁴⁸.

⁴⁸ Não podemos julgar a visão de Saint-Hilaire com a nossa percepção atual, pois estaríamos caindo no anacronismo, mesmo que condenamos estas ideias preconceituosas que o viajante possui sobre outras culturas, devemos entendê-las que elas eram consideradas normais para aquela época, por mais erradas que elas sejam consideradas nos dias atuais. O mesmo vale para o pensamento ambiental que ele possuía, era impossível – levando em conta o contexto histórico – que ele possuísse um pensamento semelhante ao dos dias atuais, é uma cobrança que não podemos fazer.

A apatia e indiferença apresentada pelo viajante sobre a população local reforçam as ideias de que a região era vazia e inferior, tanto em relação à sua natureza quanto ao seu povo. A “sua suposta falha em ‘melhorar’ aquela terra era uma prova não de sua escolha de modo de vida mas de sua preguiça”⁴⁹ (CRONON, 2011, p.55, tradução nossa). Mesmo que o Pampa apresentasse capacidade de prosperar tendo um bom clima, bons rios e grande oferta de animais e de plantas, ele ainda não se desenvolvia como esperado. “Como pôde uma terra ser tão rica e seu povo tão pobre?”⁵⁰ (CRONON, 2011, p.33, tradução nossa), era o que se perguntavam muitos viajantes e colonialistas em Massachusetts, o que de certo modo também está presente nos relatos sobre o Pampa. Cronon indica que “relatos seletivos, exageros, e completas mentiras poderiam ser todas ferramentas uteis na realização desta tarefa”⁵¹ (2011, p.34, tradução nossa), que era descrever tudo da melhor forma para incentivar a ocupação destas terras. Negativar o comportamento dos grupos étnicos locais era uma maneira de justificar a retirada de tantos exemplares de plantas e animais com a finalidade de fazer melhor uso deles através do estudo científico. Era também uma maneira de incentivar novas formas de ocupação deste território, seja por parte de colonos ou de uma reestruturação partindo do Estado.

Apesar de fazer comentários negativos a todos os grupos, Saint-Hilaire identificava diferenças entre eles, como nos usos da terra. E apesar da apatia destacada dos nativos dessas províncias, via-se que alguns tinham maior preocupação em cultivar e melhorar suas propriedades. O viajante ainda faz comparações entre os hábitos de soldados rio-grandenses e demais brasileiros, acreditando que os primeiros preparavam muito pouco a terra, especialmente pela atenção voltada à criação de gado e ao consumo excessivo de carne que mantinham desde a infância. De modo geral, o viajante nota uma falta de vontade de se trabalhar a terra como um todo.

Ao lado dessas choupanas miseráveis há, geralmente, um galpão onde se penduram nacos de carne; de vez em quando, vêem-se também, em volta dessas cabanas, pés de milho, abóboras e melancias. Raramente se dão ao trabalho de roçar todo o terreno, onde semearam essas plantas de que já mencionei, mas, em meio a um terreno baldio, abriam buracos, um ao lado do outro, e ali, lançaram grãos que não param de germinar, prova da intensa fertilidade do solo. Aliás, não só os índios plantam desta maneira. A exceção das hortas dos soldados portugueses, entre o

⁴⁹ No original: “Their supposed failure to “improve” that land was a token not of their chosen way of life but of their laziness”.

⁵⁰ No original: “how could a land be so rich and its people so poor?”.

⁵¹ No original: “Selective reporting, exaggeration, and outright lies could all be useful tools in accomplishing this task”.

Rincão das Galinhas e o Salto, isto é, num espaço de cinquenta léguas, deparei apenas uma quadra de terra cultivada; era uma cultura de milho pertencente aos índios de Sandu (SAINT-HILAIRE, 1987, p.216).

É importante notar que Saint-Hilaire vem de uma Europa superpovoada, onde cada metro de terreno cultivado podia ser a diferença entre a segurança alimentar de uma família ou seu perecimento pela fome. E ele chega à América com um contexto totalmente diferente, onde a cultura dos povos nativos e a disponibilidade de terras e alimento eram bastante diferentes. Nesta perspectiva, o trabalho era muito valorizado na visão do viajante, pois era a partir dele que se cultivava a terra e uma pessoa poderia demonstrar seu caráter. Todavia, Saint-Hilaire estava ciente da falta de mão de obra e sabia que mesmo que as terras fossem propícias para o cultivo, nada era produzido nelas, como relatou um proprietário local a ele, comentando que “não tinha quem lavrasse a terra,..., havendo ainda animais na região, cada um se abastece de carne, ou trabalha só o necessário para se vestir, comprar cigarro e mate, passando a maior parte da vida na ociosidade” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.203). Na região próxima ao arroio de las víboras, ao norte da Colônia do Sacramento, havia antigamente muito gado vagando pelos campos e as pessoas não trabalhavam e se alimentavam desses animais. Com eles rareando “começa-se a sentir a necessidade de desenvolver a agricultura” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.181), mostrando um choque cultural entre o viajante francês e a população local, que viam o trabalho e o uso da terra de formas diferentes.

Uma passagem que parece irritar Saint-Hilaire é quando se encontra com Dom Isidoro Mentraste, recebedor de impostos e “uma das pessoas mais importantes do Uruguai”, segundo Saint-Hilaire, “possui um rebanho de carneiros bastante razoável” que foram poupados durante a guerra “pelo menos tem o que comer, enquanto seus vizinhos morrem de fome, ou para subsistir acabam por matar os animais que ainda lhes sobram”. Destroem toda a lã, pois na região ninguém conhece esta “indústria”. Apesar de Isidoro conhecer a indústria têxtil e Saint-Hilaire indicar a ele que venda lã em Montevidéu onde “venderia com facilidade” e “seus carneiros tosquiados suportariam melhor o calor e engordariam muito mais”, Isidoro parece achar a ideia muito trabalhosa e Saint-Hilaire demonstra insatisfação por um dos homens mais esclarecidos do país não desejar o progresso. “Até a que grau de inércia eles chegaram?” (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 184). Infelizmente não temos acesso à versão de Isidoro sobre esta situação, mas podemos imaginar que estabelecer um novo comércio necessitasse de uma aprendizagem de uma área específica, de materiais para tosar as ovelhas e armazenar o produto, além de acordos de transporte e de venda. Atividade que não parecia

valer a pena para um contador que aparentemente não estava diretamente relacionado aos setores de produção agrícola ou comercial e que possivelmente estivesse satisfeito com o seu padrão de vida e a manutenção de sua criação de ovelhas como atividade secundária.

Retomando Thomas (2010) e seus pensadores ingleses, veremos que a tradição de aproveitamento do solo era desde o século XVII muito marcante, cultivar a terra era importante do ponto de vista da existência da civilização. Um terreno não cultivado era o símbolo da natureza degenerada e o fator de desgraça para um país. Além disso, ocorria um ideal de simetria, de colocar ordem no caos da natureza, por exemplo, “a prática de plantar cereais ou vegetais em linhas retas não era apenas um modo eficiente de aproveitar espaços escassos; também representava um modo agradável de impor a ordem humana ao mundo natural desordenado” (THOMAS, 2010, p.362). Nestes espaços a tendência humana é “de sistematizar o caminho e impor um padrão mais regular sobre ele”⁵² (CRONON, 2011, p.32, tradução nossa). Quando Saint-Hilaire encontra pomares ele não deixa de observar a simetria ou a falta dela. Ao visitar o pomar do Sr. Justino próximo à vila de Rio Grande, Saint-Hilaire se espanta com a grande extensão que o pomar possui, além das características de simetria e organização da natureza:

Em Minas Gerais e Goiás, um pomar quase sempre configura apenas uma nesga de terra, onde se acumulam, sem ordem, laranjeiras, cafeeiros, bananeiras, para os quais não se toma nenhum cuidado. Os pomares que conheci até agora na Capitania do Rio Grande, em nada se assemelham, é verdade, àqueles lugares deliciosos, onde, em nosso país, a arte embeleza a natureza e onde tudo é consagrado ao prazer dos olhos; porém ao menos aqui, se encontram ordem e simetria; vêem-se poucas flores, mas as árvores frutíferas e várias hortaliças exóticas, tais como diversas espécies de couves, alfaces e ervilhas, são muito encontradas; no pomar do Sr. Justino, as árvores estão dispostas em quincôncio e muito bem alinhadas; os próprios legumes são plantados com simetria e o terreno, bastante limpo. O Sr. Justino observa, para com suas árvores frutíferas, uma prática digna de elogio e que não pode deixar de ter felizes resultados – é a de enxertar as mesmas espécies umas nas outras (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 97).

Assim o trabalho, a povoação do território, o aproveitamento máximo dos recursos disponíveis e a visão de ordem, estão intimamente ligados ao progresso de uma região. A inércia de Dom Isidoro chegava a chocar o viajante, que via potencial na região, mas acreditava que não estava sendo aproveitado de boa forma. Medidas para organizar e limpar quando associadas ao trabalho e dedicação nunca poderiam deixar de trazer resultados

⁵² No original: “to systematize the pathwork and impose a more regular pattern on it”.

prazerosos, mais renda e mais beleza. “Durante todo o século XVIII e algum tempo ainda, os aprimoradores continuaram a louvar essa paisagem uniforme de opulência e produtividade e a deplorar as vastidões não cultivadas” (THOMAS, 2010, p.363), sendo Saint-Hilaire um herdeiro dessa visão, sempre atento aquelas plantas que tivessem sido plantadas “sem nenhuma simetria” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.167), ele elaborou muitas sugestões e ficou atento sobre o que poderia ser melhorado pelo trabalho humano e sobre como poderia ser explorado aquele ambiente de forma mais adequada, garantindo assim importantes informações para a ciência e para a sua pátria.

Este pensamento de ordem ganha terreno não apenas na produção de alimentos, mas também na própria ocupação dos espaços. A oposição entre caos e ordem é transferida para a relação campo e cidade, onde “o primeiro é concebido como sinônimo de vida natural, mas também de atraso e ignorância, e a segunda, como a ‘forma distintiva da civilização e do progresso’”⁵³ (CILIBERTO, DUPUY, PRINCIPI, 2009, p.70, tradução nossa). As cidades eram vistas como “centros de realizações” (WILLIAMS, 2011, p.11) centros intelectuais, comerciais e onde a vida humana era plena, ordenada e planejada. Já o mundo fora das cidades, as florestas, os campos, montanhas e demais lugares estavam a mercê das inúmeras formas da natureza, em meio a um caos que não fazia sentido para o mundo ordenado dos humanos, era ainda um local “associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples” (WILLIAMS, op.cit). Estas ideias ainda se relacionam com a dicotomia civilização e barbárie que “pode ser considerada um dos eixos centrais da representação da nação nas Américas, no século XIX” (MÄDER, 2008, p.262).

Segundo Williams (2011) a dicotomia criada entre o espaço do campo e o espaço da cidade faz com que os modos de vida se distanciem e inúmeras associações e imagens sejam criadas e perpetuadas através dos séculos. Para a realidade do Pampa de nossos relatos podemos ver que estas ideias de oposição entre estes espaços existem, mesmo que as cidades sejam realmente pequenas e extremamente relacionadas ao mundo rural. Talvez o viajante que deixe mais claro as distinções entre estes dois espaços seja Arsène Isabelle. Ao descrever em detalhes a estrutura e a sociedade de Buenos Aires ele vai nos levando desde o centro desta cidade com seus museus, grandes praças e porto até os bairros afastados onde as casas já são mais afastadas umas das outras, a população mais pobre e simples, a economia mais

⁵³ No original: “el primero concebido como sinónimo de vida natural, pero también de atraso e ignorancia, y la segunda, como la ‘forma distintiva de la civilización y el progreso’”.

relacionada ao meio rural. Neste trajeto o gradiente de cidade e campo vai mudando e vamos vendo com clareza estes aspectos até ele partir em sua viagem interior adentro.

As percepções sobre o campo e a cidade, bem como as percepções sobre a natureza em geral, estavam em constante mudança no século XIX, já em fins do século XVIII:

A antiga preferência por uma paisagem cultivada e dominada pelo homem conhecia uma contestação radical. Encorajadas pela sua facilidade para viajar e por não estarem diretamente envolvidas no processo agrícola, as classes educadas vieram a atribuir importância sem precedentes a contemplação da paisagem e à apreciação do cenário rural (THOMAS, 2011, p.316-317).

Desta forma, Saint-Hilaire parece herdar influências de diferentes lados, apesar de ainda ser mais marcadamente relacionado à visão mais antiga que buscava ordenar e melhorar o mundo através da interferência humana no ambiente. Podemos verificar que Baguet possui uma aproximação mais forte com o romantismo, mesmo que o seu relato não seja tão profundo, alguns elementos nos levam a crer nesta aproximação. É difícil comentar sobre o relato de Baguet, pois o mesmo faz um relato curto e sem muitos detalhes em uma viagem realmente rápida. Sem querer julgá-los ou classificá-los como mais ou menos antiquados, busco aqui demonstrar o quão rico foi este período para o pensamento ambiental, onde diversas correntes disputavam território e muitos pensadores, como é o caso de Saint-Hilaire, pareciam beber de ambas fontes.

3. CAPÍTULO 2 – OS RELATOS DE ARSÈNE ISABELLE, NICOLAU DREYS E ROBERT AVÉ-LALLEMANT.

Continuaremos neste capítulo a análise dos relatos de viagem, dando enfoque aos textos “Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul” de Arsène Isabelle, “Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)” de Robert Avé-Lallemant e “Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul” de Nicolau Dreys. Estes viajantes serão priorizados na análise deste capítulo, porém os viajantes já analisados poderão ser retomados quando as comparações forem pertinentes. Os três viajantes a serem trabalhados neste capítulo mostram a riqueza e a variedade dos relatos de viagem, pois apresentam inúmeras diferenças e características específicas que iremos detalhar ao longo do texto. Além disso, Dreys escreveu na introdução de seu relato uma crítica à Isabelle, afirmando que este não havia percorrido todos os lugares que afirmava ter estado presente.

3.1. Aspectos de vida e de viagem: compreendendo quem são os viajantes.

Este trabalho não visa criar uma biografia dos viajantes, mas é necessário explorar alguns elementos básicos para termos em mente quem eram estas pessoas que viajaram para locais tão distantes de suas moradas e, ao percorrerem o Pampa, registraram impressões das mais variadas sobre a experiência que ali tiveram. As seguintes informações podem nos auxiliar a compreender melhor quem foram os autores destes relatos, auxiliar a situá-los dentro de seu contexto histórico e até mesmo de compreender o porquê de certas opiniões que estes possuíam.

Arsène Isabelle⁵⁴ foi um francês nascido na cidade portuária de Le Havre por volta do ano de 1800. Ao longo de sua vida exerceu diversas funções sendo um misto de comerciante, diplomata e até jornalista por um período. Isabelle possuía uma afinidade muito grande com os naturalistas, sendo fã confesso das viagens e da literatura de viagem. Logo na introdução

⁵⁴Arsène Isabelle (Le Havre, França, ?? – Le Havre, França, ??), as datas são imprecisas e as fontes consultadas mostram datas discrepantes, todavia é sabido que nasceu na virada do século XVIII para o XIX, alguns anos mais ou a menos. Acredito que as datas mais corretas de nascimento e morte sejam 1796 e 1884, baseando-se em Marcos Witt (2014), mesmo que suas contas estejam erradas. Após suas viagens se estabelece no Uruguai e participa do meio científico, explorando a botânica, retorna à França como diplomata uruguaio até a sua morte.

de seu livro ele transparece querer se aventurar em terras distantes para vivenciar as experiências com as quais já possuía familiaridade através das páginas de livros, iniciando sua escrita dizendo que “sempre tive uma inclinação pelos livros de viagem, dos quais devorei um grande número” (ISABELLE, 2006, p.3). Ele demonstrava ansiar por fazer parte daquele momento único para a ciência, onde esta revirava os quatro cantos do mundo em busca de descobertas. Os livros de História Natural estavam sempre em sua companhia para consulta na “esperança de enriquecer o domínio das ciências naturais” (ISABELLE, 2006, p.8), com sua viagem ele buscava “estabelecer uma espécie de paralelo entre o caráter brasileiro, o dos orientais uruguaio e o dos argentinos, como a de conhecer algumas das produções naturais dessas paragens” (ISABELLE, 2006, p.12), tendo o objetivo de “tornar conhecido o estado atual dos lugares que visitei” (ISABELLE, 2006, p.14). O mesmo aparentava temer críticas e se enfurecia ao ouvir de seus compatriotas que sua viagem não possuía sentido, como podemos identificar na introdução de seu relato. Porém, ele acreditava que poderia realizar uma contribuição muito grande para a ciência e para seu povo, registrando informações úteis e fazendo medições de locais destacáveis, inspirando-se na História natural e no trabalho dos naturalistas que estavam no auge de sua produção científica. Foi durante o final do século XVIII e início do século XIX que muitas viagens foram empregadas ao Novo Mundo, especialmente por naturalistas que procuravam descobrir novas espécies de plantas e animais que contribuíssem para o progresso de suas nações e de seus países.

Diferente de outros viajantes que vinham para a América financiados por governos, Isabelle parte por conta própria, mas com interesses de auxiliar seu país e a ciência. Sua ideia inicial era viajar por uma grande extensão de terra, conhecendo todas as províncias da Confederação Argentina, pelos Andes e por diversos países da América meridional. Ele planejava encontrar em Mendonza, no interior argentino, um amigo chamado Anatole com que iria continuar viagem. Porém, nem tudo ocorreu como o esperado e de forma muito singular ele apresenta os problemas que enfrentou e os erros que cometeu em Buenos Aires. Uma revolta civil estourou na cidade e ele não pôde continuar viagem, ao mesmo tempo em que temia permanecer no local porque a revolta acirrou os ânimos entre os habitantes locais e os estrangeiros. Refletindo melhor, decidiu permanecer na cidade, pois já havia perdido metade do dinheiro que possuía e não tinha até aquele momento conhecido absolutamente nada da região.

Como saída, fundou uma fábrica de velas para iluminação, inspirado em uma nova técnica que conhecera na Europa. Foram “inúmeras dificuldades que tive de vencer no

exercício de uma indústria completamente nova para mim, em um país cujo idioma e cujos costumes eu ainda ignorava” (ISABELLE, 2006, p.10). Passou os próximos três anos gerindo a fábrica com altos e baixos, até que a mesma entrou em falência. Seu amigo Anatole havia morrido durante a revolta civil e ele já não tinha o que fazer em Buenos Aires. Buscou empregar uma viagem menor, mas possível, onde buscaria “estabelecer uma espécie de paralelo entre o caráter brasileiro, o dos orientais uruguaios e o dos argentinos, como a de conhecer algumas das produções naturais dessas paragens” (ISABELLE, 2006, p.12). Isabelle queria ainda ser útil ao seu país, a França, conhecendo novos produtos que poderiam se tornar riquezas nas mãos francesas que apresentava, segundo ele, um comércio naquela região relativamente inferior às demais potências marítimas globais.

Acreditava que conhecer uma região era criar poder sobre ela, pois as informações adquiridas sobre um lugar trariam possibilidades de progresso. Reclama diversas vezes que a região que iria passar a percorrer era muito pouco conhecida, com raros estudos e mapas, além de ter sido arrasada frequentemente pela disputa entre portugueses e espanhóis. Neste sentido procura fazer de seu relato de viagem uma importante referência para a região, buscando inspiração nos naturalistas que lia e considerando a sua obra como “uma espécie de apêndice às dos senhores Auguste Saint-Hilaire, no interior do Brasil, e Alcide d’Orbigny, em Entre-Rios e Corrientes” (ISABELLE, 2006, p.18), para a compreensão e aprofundamento das características deste território.

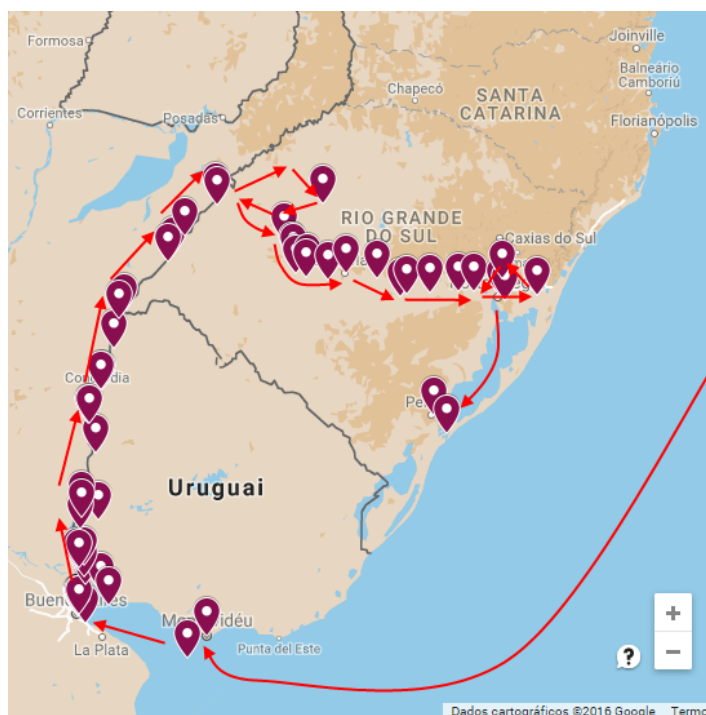
Após alguns anos morando em Buenos Aires⁵⁵ e de muitas visitas aos seus arredores, Isabelle planeja novamente o seu roteiro de viagem, ver mapa 7, e contrata um barco partindo em direção a São Borja, navegando pelas águas do rio Uruguai e parando em suas margens. Depois de desembarcar na cidade visita outras localidades das missões durante dois meses e parte rumo ao centro da província do Rio Grande do Sul seguindo a partir dali o curso do rio Jacuí até Porto Alegre, na fronteira do Pampa com a Mata Atlântica. Esta viagem foi empregada do final de setembro de 1833 até março de 1834, compreendendo o período de primavera-verão.

Realizando a viagem por conta própria e com o objetivo pessoal de conhecer o mundo ao mesmo tempo em que poderia auxiliar no avanço de seu país e da ciência, Isabelle criou um relato de viagem cheio de descrições, detalhes e impressões que transparecem sinceridade,

⁵⁵ Ele chega na cidade em Março de 1830 e permanece nela até 25 de Setembro de 1833 quando parte em viagem para Porto Alegre chegando nesta cidade em 20 de Março do ano seguinte.

mesmo que aparentasse certo receio de ser julgado. Como destaca Witt (2014), o viajante francês, anos depois de escrever e publicar seu relato, acaba trabalhando no processo de colonização pelo Rio Grande do Sul e pelo Uruguai. Por conhecer a região e ter um olhar econômico bem desenvolvido ele acaba posteriormente escrevendo uma obra focada na colonização, discutindo de forma ampla a ocupação do território em tom de propaganda para o processo colonial do século XIX. Além disso, Isabelle se mostrou durante a sua passagem pela América ser uma pessoa bastante dinâmica e com muita capacidade de estabelecer contatos. No final de sua vida, regressa a França, passando a atuar como cônsul e acabando cometendo suicídio já em uma idade avançada, provavelmente aos 88 anos.

Mapa 7 - Roteiro de viagem de Arsène Isabelle 1830-1834.



Fonte: Google maps, 2016. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas pelo viajante.

Assim como Isabelle, outro viajante que excursiona pelo Pampa por conta própria é Robert Avé-Lallemant⁵⁶. Nascido em 1812 na cidade portuária de Lübeck, este alemão⁵⁷ exercia a função de médico, tendo estudado em diferentes cidades como Kiel, Paris e Berlin, indo morar posteriormente no Rio de Janeiro por muitos anos. Nesta cidade, além de suas funções profissionais, auxiliava no que podia os alemães recém-chegados ao Brasil assim estabeleceu uma grande rede de contatos. Seu irmão era o administrador da Igreja Evangélica do Rio de Janeiro e mesmo sendo de outra religião veio a se tornar padrinho de diversas crianças católicas da cidade (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.145-46). Estas informações são interessantes, pois demonstram como os viajantes podiam estabelecer relações e ampliar suas redes de sociabilidade em pouco tempo circulando por diferentes esferas sociais. O caso de Avé-Lallemant é notável, pois encontra durante a viagem muitos colonos alemães que o conheceram ou foram tratados por ele no Rio de Janeiro, acabando sendo reconhecido até mesmo pela voz, segundo o que conta.

Avé-Lallemant deixa registrado em seu relato a sua rede de contatos estabelecida na Europa. Era amigo do geólogo austríaco Virgil von Helmmeidren (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.268) que viajou pelo Brasil e pelo Paraguai. Possivelmente era amigo do naturalista Hermann Burmeister (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.264) que viajou pelo Brasil e Argentina. Sua família tinha acesso a uma vasta rede de contatos e recursos, seu irmão mais velho, Theodore, seguiu a profissão do pai e do avô e se tornou músico, sendo amigo de músicos influentes na Europa como o casal Schumann, Brahms e Tchaikowski, vale salientar aqui que estes eram nomes expoentes do romantismo. Enquanto isso, o irmão mais novo, Friedrich Christian, se tornou um criminologista e atuou na reestruturação policial de cidades do norte da Alemanha, passando a escrever literatura policial quando aposentado. Já o irmão do meio, Friedrich, se tornou líder religioso na cidade do Rio de Janeiro, como mencionamos.

Após morar no Rio de Janeiro, Avé-Lallemant retornou para a Alemanha onde ficou poucos anos até ter a oportunidade de viajar em uma expedição austríaca de volta ao mundo

⁵⁶ Robert Avé-Lallemant (Lübeck, 1812 – Lübeck, 1884), foi um médico formado pela Universidade de Kiel, veio ao Brasil onde dois de seus irmãos moravam e viajou pelo país, seu principal feito aqui foi um trabalho sobre a febre amarela publicado em 1837. Além disso trabalhou promovendo a imigração e colonização alemã, já demonstrando preocupação sobre esta questão em seu relato.

⁵⁷ Um ano antes de Lallemant nascer, Lübeck havia sido anexada pela França de Napoleão, sendo parte do Império Francês até o ano de 1815, onde se assina o Tratado de Viena e a cidade passa a ser considerada uma Cidade-livre, um tipo de classificação muito comum na estrutura política germânica. A unificação administrativa da Alemanha só viria a ocorrer a partir do ano de 1871, onde Lübeck passa a ser parte integrante deste novo Estado. Pensando nestas questões, nos referimos a Robert Avé-Lallemant como um alemão por dois motivos: a cidade em que nasceu atualmente pertence à Alemanha e acima de tudo, ele se considerava alemão como diversas vezes é referenciado no texto.

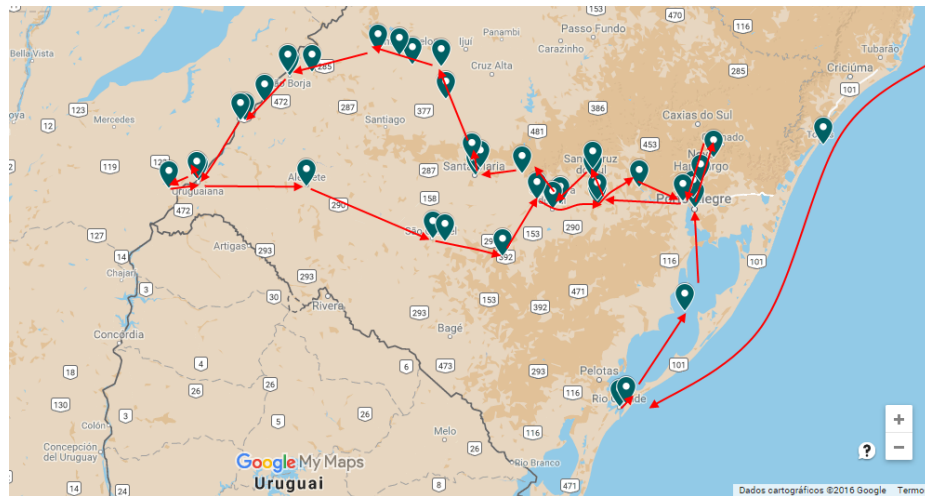
sob a função de médico da tripulação. Porém, precisava de recomendação e a conseguiu com ninguém menos que Alexandre von Humboldt, um importante naturalista e muito influente tanto na Alemanha quanto no Brasil. Desta forma, o relato de Lallemant inicia com a sua partida do porto de Trieste e toda a viagem pelo Mediterrâneo passando por Gibraltar e pela ilha da Madeira. Ao chegar ao Rio de Janeiro, ele se desentende com os seus comandantes e permanece na capital do Império Brasileiro, voltando ao seu trabalho na Santa Casa do Rio de Janeiro e um ano depois iniciando uma série de viagens pelo Brasil⁵⁸.

Na província do Rio Grande do Sul, viajou na companhia de um veterano de guerra francês que chamava apenas de Spahi, nome que remetia tanto ao seu antigo regimento dentro do exército francês como membro da cavalaria leve quanto a sua possível origem étnica, já que os Spahi normalmente eram árabes do norte da África que participavam do exército imperial francês. Este Spahi era especialista em veterinária e havia lutado contra as forças argelinas de Abdelkader El Djezairi possuindo a experiência de 20 anos dentro do exército francês (AVÉ-LALLEMANT, 1980). Ele era o único companheiro de viagem permanente de Avé-Lallemant, mas ambos puderam viajar com o auxílio esporádico de alguns guias, moradores locais, soldados ou de vaqueanos. O roteiro de viagem deles, como pode ser visto no mapa 8, abarca, a princípio, apenas a província do Rio Grande do Sul, com uma pequena e muito significativa visita ao lado argentino do rio Uruguai.

O espaço percorrido abrange em grande parte a zona ecótona entre a Mata Atlântica e o Pampa, nos permitindo trabalhar com inúmeras passagens sobre o contraste destes dois biomas. A viagem foi empregada em grande parte montada em cavalos, animais estes que iam sendo trocados de tempos em tempos pelos locais que passavam, e também por navegação pelos principais rios da província. Estes meios de transporte eram os mais recorrentes para se percorrer a região e podem ser vistos sendo utilizados por outros viajantes também. A viagem de Avé-Lallemant ocorreu de maneira muito rápida entre fevereiro de 1858 e maio do mesmo ano, percorrendo uma grande região em pouco tempo para os parâmetros da época, permanecendo na maioria dos locais por no máximo um dia.

⁵⁸ O seu livro “Viagem pela província do Rio Grande do Sul (1858)” foi publicado pela primeira vez na Alemanha no ano de 1859 com o nome “Reise durch Süd-Brasilien im Jahre 1858”, no ano seguinte publica um segundo livro sobre o Brasil, mas a respeito de sua viagem pelas províncias do norte.

Mapa 8 - Roteiro de viagem de Robert Avé-Lallemant 1858.



Fonte: Google maps, 2016. Elaborado e editado pelo autor. Os marcadores indicam o local aproximado de algumas localidades frequentadas pelo viajante.

Diferentemente dos outros viajantes deste estudo, Nicolau Dreys⁵⁹ não cria um diário de viagem, mas uma “reunião de impressões de anos de permanência e deslocamento pelas terras do Rio Grande do Sul,..., Dreys realiza a organização de um compêndio” (AMARAL, 2003, p.153), onde inúmeros dados levantados ao longo destes anos são expostos com alguns comentários pessoais. Desta forma, o Mapa 9 não é um roteiro de viagem, apenas aponta locais que Dreys comenta em seu texto e onde provavelmente esteve, já que não fica claro se ele visitou todos estes locais ou apenas escreveu baseado nas informações que obteve de terceiros. Aliás, Dreys acusa Isabelle e outros viajantes de escreverem sobre histórias deduzidas e de não terem realmente percorrido os lugares que dizem ter percorrido (DREYS, 1990, p.35). Porém, ironicamente, ao lermos ambos os relatos é mais fácil pensar isto do relato de Dreys do que de Isabelle que descreve diariamente seu trajeto pelo Pampa e com detalhes.

O seu relato apresenta um nível de opiniões e de detalhes muito menor do que o dos demais viajantes, especialmente pelo seu afastamento dos acontecimentos em relação à época de escrita. É interessante pensarmos que a questão da memória pode modificar a forma como nos expressamos e relatamos um acontecimento, no caso Dreys não explora os detalhes de como viajou, quanto tempo ficou, quais objetos viu, o que comeu, o que sentiu e mais uma

⁵⁹ Nicolau Dreys (Nancy, França, 1781 – Rio de Janeiro, Brasil, 1843). Não há muitas informações sobre a sua vida além das apresentadas em seu livro, informações estas, que veremos ao longo deste capítulo.

É mais uma questão de respeitar as diferenças entre cada tipo de relato e considerar que a memória interfere no modo de registrar, assim como todas as alterações feitas posteriormente ao primeiro registro. Devemos sempre desconfiar das informações presentes nas fontes e não encará-las como verdadeiras em uma primeira leitura. Devemos ter cuidado ao trabalhar com estas informações, o uso de outros relatos pode auxiliar neste tipo de trabalho porque oferece outras visões nos ajudando a escapar de um juízo apressado sobre algum assunto presente nestes textos.

William Cronon (2011) ainda aponta que nos relatos de viajantes estão presentes muitas concepções e ideologias e questiona “o quanto é evidente que William Wood deseja promover o Massachusetts?”⁶⁰ (CRONON, 2011, p.5, tradução nossa). Isto nos lembra de que muitos destes viajantes estavam empregando estas viagens com o intuito de conhecer estes territórios e promover a colonização dos mesmos, tecendo assim elogios em tom de propaganda da fertilidade do solo, da amenidade do clima e da felicidade geral das pessoas que ali passaram a cultivar a terra. O próprio texto de Avé-Lallemant nos mostra a sua intenção de promover a colonização alemã no Brasil, chamando a região de São Leopoldo de uma “Nova Alemanha” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.126) e destacando os aspectos positivos das colônias alemãs sempre que possível. Tanto Avé-Lallemant quando Isabelle, depois de terem seus relatos publicados, irão participar mais efetivamente desta propaganda colonial, atuando e escrevendo sobre as suas características na província do Rio Grande do Sul e no Uruguai. De toda a forma, “mesmo se nós pudéssemos remover a maior parte dos preconceitos ideológicos para descobrir o que um viajante realmente viu, ainda teríamos que reconhecer que cada viajante visitou apenas uma pequena fração da região”⁶¹ (CRONON, 2011, p.5, tradução nossa).

Compreendendo a singularidade deste relato frente aos outros, precisamos conhecer melhor seu autor. Nicolau Dreys é francês nascido em Nancy em 1781, veio para o Brasil com mais ou menos 30 anos de idade não por vontade própria ou incentivo diplomático-científico, como os outros, mas devido a questões políticas que levaram ele e sua família ao exílio. Apoiador de Napoleão Bonaparte⁶², sendo militar e funcionário do Estado Francês teve que

⁶⁰ No original: How much did William Wood’s evidente wish to promote the Massachusetts?

⁶¹ No original: “even if we can remove most of these ideological biases to discover what it was a traveler actually saw, we must still acknowledge that each traveler visited only a tiny fraction of the region”.

⁶² O mesmo que invadiu a cidade natal de Robert Avé-Lallemant em 1811. É interessante notar como Napoleão e seus seguidores impactam a vida desses viajantes, mesmo sendo personagens tão distintos e de origem tão diferentes. Saint-Hilaire embarca para o Brasil em 1816 junto com uma comitiva do novo governo francês para reatar a diplomacia com o Império Brasileiro, muito desgastada durante o período Napoleônico. Não podemos

deixar sua pátria e buscar abrigo no Brasil. “Servindo às forças da província contra as tropas uruguaias de Artigas” (PEIXOTO; MORAES, 2014, p.205) e estabelecendo um comércio em Porto Alegre entre 1817-1825 e depois em Rio Grande até 1827, partindo para o Rio de Janeiro onde viveu o resto de sua vida, Dreys nutre laços com a nova pátria. Devido a esta ligação com o Brasil, seu livro tem uma peculiaridade de ter sido publicado diretamente em português no ano de 1840.

Como dito acima, o relato de Dreys não é organizado de forma de diário e se assemelha ao início do relato de Arsène Isabelle, que faz um apanhado dos anos vividos na região. Porém, Dreys organiza o texto de outra forma, dividindo seu relato em uma análise topográfica com os elementos do relevo, da hidrografia, da agricultura, mineralogia, zoologia, entre outras. Após esta primeira parte escreve sobre a administração política e sobre as cidades da província, terminando o texto com o seu olhar sobre a demografia e algumas outras notas. Ele se posiciona como um historiador lendo a região e não como um naturalista. Além disso, demonstra ao longo do texto ter uma ideia de que haverá um público leitor de seu relato.

Dono da escrita mais elaborada e possivelmente com o olhar mais economicista dentre os viajantes deste estudo, Dreys não se refere a muitos escritores e nem mesmo as pessoas que conheceu durante sua estadia na província. Ao contrário dele, Isabelle e Avé-Lallemant demonstram mais a sua carga de leituras. Avé-Lallemant, por exemplo, leu John Seume, um viajante alemão (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.249) além de Friedrich Schiller (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.344), um dos marcos do romantismo. Assim como Alexandre Baguet, Avé-Lallemant cita James Fenimore Cooper (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.246), romancista americano. Estas referências românticas e o provável contato com românticos europeus, como os músicos amigos de seu irmão, dão um tom mais poético a sua narrativa, que frequentemente apresenta descrições rebuscadas de adjetivos. Já Isabelle mostra constantemente que leu outros autores e viajantes, se posicionando como um leitor de naturalistas que busca contribuir nesta área de estudo.

fazer uma História baseada no que poderia ter ocorrido e não ocorreu, mas mesmo assim não deixa de ser interessante pensar que se o projeto de Napoleão tivesse continuado dando certo, a vida destes viajantes teria mudado completamente, Dreys poderia permanecer na França, Saint-Hilaire nunca conseguisse pisar no Brasil em nome do governo francês e Lallemant talvez ter crescido em uma cidade ocupado pelo exército francês.

O relato de viagem de Arsène Isabelle presente em seu livro “Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul”⁶³, é um rico exemplo deste gênero textual. Ele propicia uma variedade de informações e impressões sobre o período e sobre região percorrida, tendo como auge uma detalhada descrição de Buenos Aires, cidade onde Isabelle viveu durante alguns anos antes de empregar viagem pelos arredores. As impressões pessoais de Isabelle são frequentes e transparecem uma sinceridade e espontaneidade bastante destacáveis, sendo dentre os viajantes estudados o que mais insere em seu texto pensamentos que expõem ao leitor suas impressões, dúvidas e incertezas sobre os acontecimentos durante sua viagem.

Como pode ser verificado através dos mapas apresentados aqui, não apenas a forma de escrita do texto, mas também o roteiro da viagem poderia variar muito de um viajante para outro. Apesar dos três viajantes ressaltarem muito a província do Rio Grande do Sul eles percorrem diferentes rotas e regiões, o que interfere na forma destes perceberem o ambiente, fato já apontado por Dreys ao mencionar que “o ponto de vista da Província varia segundo o ponto de vista em que se coloca o viajante” (DREYS, 1990, p.17). No trajeto destes três viajantes estaremos focados sobre o Pampa da província do Rio Grande do Sul, já que os relatos se atêm sobre esta região, mas poderemos explorar alguns aspectos sobre o Pampa no entorno de Buenos Aires e sobre as paisagens das margens do rio Uruguai. De todo modo, não iremos ter muitas referências a respeito do Pampa na região uruguaia, região à qual Isabelle dedica um capítulo, mas que aparenta ter escrito mais o que ouviu do que aquilo que presenciou. Utilizarei algumas citações referentes à área de Mata Atlântica visitada por estes viajantes, principalmente as passagens de Avé-Lallemant. Esta escolha se deve a possíveis comparações entre estes dois biomas que poderão ser feitas e por neste trecho de viagem Avé-Lallemant deixar muitas pistas sobre sua concepção de natureza. De todo modo estes trechos estarão assinalados para que o leitor não se confunda.

É possível notar ainda, que os viajantes que serão estudados durante este capítulo oferecem uma gama variada de tipos de escritas, origens, profissões, objetivos e também de roteiros de viagem. No decorrer das próximas páginas, iremos descobrir o que eles destacaram sobre a natureza desta região e verificar quais eram suas percepções de natureza.

⁶³ A primeira edição é datada de 1835 e publicada na cidade portuária de Havre com o título: “Voyage à Buénos-Ayres et a Porto-Alègre, par la Banda-Oriental, les Missions d’Uruguay et la Province de Rio-Grande-do-Sul (de 1830 a 1834)”.

3.2. A Flora do “Saara Americano”

Passando do Piratini ao Sul, a cena vai pouco a pouco perdendo de seu interesse, e não se encontram já senão campinas ilimitadas, distribuídas em zonas mais ou menos abertas, por assombrados rios e úmidas macegas, e balizados de distância em distância por alguns capões, únicos matos que então aparecem, e para os quais, o viajante dirige sua marcha no meio desse Saara americano (DREYS, 1990, p.48)

Na visão do viajante Nicolau Dreys, a região não possuiu muitos frutos silvestres e que, em certo ponto, ela pode ser considerada um Saara americano, se referindo dessa forma ao Pampa como um local vazio de elementos naturais e de cultura. Todavia, ele percebia que ali poderia vir a dar “com profusão todos os (frutos) que lhe pede a cultura” (DREYS, 1990, p.52) devido ao bioma se situar em uma zona climática de transição que favorece o plantio tanto dos produtos equatoriais quanto dos produtos europeus. Para Dreys, aquele vazio espacial ainda possuía uma capacidade de ser ocupado e melhorado se fosse cultivado por mãos humanas, produzindo a partir do trabalho humano uma variedade de plantas. Porto Alegre, por exemplo, já recebia “das chácaras vizinhas todas as qualidades de frutas, de hortaliças, e de verdura que produz a vegetação indígena, ou que brotam das sementes exóticas, que as mãos do sábio cultivador souberam naturalizar num solo estrangeiro” (DREYS, 1990, p.69). Este território do Novo Mundo não apenas era ocupado por um povo e por uma cultura exótica, mas era ocupado também pelas mais variadas plantas que de pouco em pouco foram alterando a fitogeografia e as paisagens da região.

Em uma análise geral, podemos verificar que a flora do Pampa ganha destaque nos relatos desde o seu uso na vestimenta das mulheres até sua importância na agricultura e na alimentação das pessoas. Muitas plantas se encontravam em estado selvagem enquanto outras eram cultivadas com zelo em jardins e pomares, servindo de sombra, de alimento ou de pura contemplação e forma lazer. Notamos ao longo dos relatos que tanto as plantas nativas quanto as exóticas são mencionadas pelos viajantes.

As casas de veraneio na parte sul de Buenos Aires são:

chamadas quintas, cujos jardins são ornados de uma vegetação européia. Vêm-se ali, com prazer, árvores frutíferas dos nossos pomares, legumes das nossas hortas, sombreados em certos pontos por oliveiras e por laranjeiras cujos frutos de ouro se distinguem de longe, no meio das flores purpúreas da romeira ou dos frutos cor de violeta da figueira. E, como para aumentar os contrastes, uma vegetação equatorial

cerca a maioria desses jardins e das pequenas propriedades: são as piteiras e os cactos. (ISABELLE, 2006, p. 87-88)

Estas piteiras⁶⁴ e cactos, neste contexto, servem como cercas e protegem as quintas e “valem muito mais do que muros num país exposto à pilhagem dos índios e dos gaúchos” (ISABELLE, 2006, p.88), devido a suas características biológicas apresentarem espinhos ou folhas espetadas que afastam qualquer tentativa de contato. É também interessante destacarmos que as plantas europeias são tratadas com um sentimento de pertença e que é um prazer para o viajante poder reencontrá-las em um local tão distante de casa, enquanto as plantas nativas geram em um primeiro momento um sentimento de estranheza.

Há ênfase para a presença de plantas exóticas vindas da Europa e adaptadas ao local, desde aquelas produzidas nos pomares até o caso do cardo, uma planta que se alastrou pelos Pampas como Saint-Hilaire (1987) e até mesmo Charles Darwin noticiaram. Em Paissandu, no Uruguai, Isabelle ficou “surpreendido de ver aqui, como em Montevideu e em Buenos Aires, a vegetação indígena invadida, numa superfície considerável, por planta exótica, cuja propagação vai sempre crescendo” (ISABELLE, 2006, p.167), referindo-se ao cardo da Espanha ou cardo de Castilla “que infesta atualmente esses campos, a ponto de cobrir centenas de léguas de superfície” (ISABELLE, 2006, p.167). Contudo, o viajante aponta alguns benefícios que a planta trazia para a população, servindo como alimento para pessoas ou para o gado, e ainda como substituto da escassa madeira. Na região das missões, a flora campestre exalava perfume e apresentava uma quantidade incrível de plantas e também de insetos, “especialmente das abelhas e borboletas. As matas abundam em colmeias” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.254) e muitas abelhas pousavam sobre as flores dos cardos, sendo esta a referência mais setentrional da presença de cardos.

Plantas nativas também eram encontradas frequentemente, especialmente quando estas possuíam uma importância comercial, como o caso da quinoa⁶⁵ e do yuyo colorado⁶⁶, utilizados na produção de sabão nas províncias argentinas. Outra planta muito marcante pelo seu valor comercial é a erva-mate⁶⁷, frequentemente citada, pois serve como uma espécie de chá tradicionalmente tomado em toda a região. Apesar de ser encontrada para uso e comercializada nos locais percorridos, a sua distribuição fitogeográfica não abrange os

⁶⁴ Provavelmente uma *Furcraea foetida*, arbusto de grande porte nativo das Américas.

⁶⁵ *Chenopodium quinoa Willd.*, planta sul-americana provavelmente introduzida no pampa ainda por grupos indígenas.

⁶⁶ Herva nativa dos pampas, *Amaranthus quitensis*.

⁶⁷ *Ilex paraguariensis*, gênero catalogado por Auguste de Saint-Hilaire.

territórios do Pampa, sendo nativa das vizinhas zonas de ervais da Mata Atlântica. Avé-Lallemant primeiramente não compreendia como se consumia tanto mate, mas depois se via impressionado com a “multidão de consumidores” e passava a não compreender “de onde vem tanto mate” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.291). Um estudo aprofundado sobre esta planta pode ser visto na tese de doutorado do historiador Marcos Gerhardt (2013) que parte da história ambiental para estudar a interação que a erva-mate teve com a sociedade ao longo dos anos.

Excetuando o botânico Saint-Hilaire, Avé-Lallemant é o viajante que mais volta sua atenção para a flora, ele tem o hábito de escrever sobre as espécies de plantas que encontra em cada local, podendo ser o relato dele uma boa fonte para quem busque analisar a permanência destas espécies em uma região. Muito do que escreve sobre as plantas da região do Pampa e da região da Mata Atlântica é referente ao cultivo e sua utilização para a alimentação e comércio, trazendo dados das plantas nativas e exóticas que produzem bem. Seu objetivo parece ser associar estas terras com a produtividade e assim realizar propaganda de sua prosperidade.

Apesar de trabalhar muito com os dados de produção, seu relato se torna interessante exatamente por manter também uma atenção especial para plantas pequenas ou que não possuem atrativo econômico, como é o caso de líquens, musgos, bromélias, orquídeas e plantas parasitas como a erva-de-passarinho. Estas últimas, quando se penduram em uma árvore tomam conta e chegam a atingir “toda uma parte da floresta e muitas árvores são sugadas por elas, como nos laranjais onde,..., é um hóspede temido e mata as melhores árvores. Ou será neste caso, como é tão frequente na natureza, que o parasita é a consequência da doença e não a sua causa?” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.211-212). Avé-Lallemant, em um tom de ensaio de análise de biodiversidade, acaba trazendo informações sobre plantas que são muito difíceis de terem sua história estudada, seja pela falta de documentação, seja pelas características biológicas destas espécies. Um caso marcante é o das orquídeas que às vezes são “raras e locais,..., e podem se originar e morrer rapidamente sem deixar vestígios” (WILSON, 2012, p.270) além de apresentarem dificuldade de fossilização, tornando o estudo de sua história muito complicado. Elencando as espécies presentes em cada localidade ou formulando breves comentários, Avé-Lallemant nos deixa um material que pode contribuir para o nosso entendimento de como a fauna do Pampa era constituída no século XIX.

O Pampa não possuía muitas árvores e a oferta de madeira não era muito grande, como vimos no relato de Saint-Hilaire. Podemos notar este fato também no relato de Isabelle, este

em viagem pelo rio Uruguai comenta que as árvores crescem apenas nas margens dos rios e que os campos em volta não apresentam quantidade significativa delas. Apesar da escassez de árvores em alguns locais do Pampa, elas “são destruídas à medida que o país se povoa” (ISABELLE, 2006, p.168) sendo em seguida substituídas por outras árvores, em especial pelo pessegueiro. De toda a forma, a presença de madeira nas redondezas era uma preocupação observada por Isabelle no estabelecimento de novas vilas. Não é de se estranhar, já que a madeira se constitui como elemento essencial no aquecimento, no cozimento de alimentos, na fabricação de certos materiais como barro e vidro, no transporte terrestre e marítimo, na construção de casas, no mobiliário e na fabricação de ferramentas importantes para o trabalho, como aponta Perlin (1992) em seu livro sobre a história e a importância da madeira na sociedade. Corroborando com Saint-Hilaire, Nicolau Dreys escreve que a ilha dos Marinheiros e a ilha de Torotama em Rio Grande oferecem água e madeira para a cidade, possuindo matos que abasteciam a cidade há muitos anos “sem diminuição sensível” (DREYS, 1990, p.47), destacando também a importância de zonas de abastecimento de madeira para cidades maiores, como a encontrada por Avé-Lallemant (1980, p.162) em Rio Pardo servindo de abastecimento para os barcos que navegavam pelo rio Jacuí.

De modo geral, os três viajantes inserem em seus relatos informações sobre as plantas do Pampa, mas não dão grande destaque para elas. Mesmo Avé-Lallemant não chega a elaborar passagens mais detalhadas sobre a flora, restringindo-se a passagens mais descritivas do que analíticas. A tentativa e o gosto de Isabelle de se aproximar dos naturalistas não acompanha o seu relato sobre a flora que é extremamente superficial e se assemelha mais ao relato de Dreys e de Baguet, ao passo que se encontra distante da descrição de Saint-Hilaire, que por ser botânico escreve sobre o assunto com mais minúcia. De modo diferente, iremos passar a ver as descrições sobre a fauna, onde os viajantes parecem se encontrar mais à vontade.

3.3. A variedade da fauna do Pampa.

Um dos elementos que mais se destaca para a percepção de um viajante em terras do Novo Mundo é a presença de animais pelas terras, ares e águas da região visitada. “Visitantes e colonos ficaram impressionados com os animais que estavam ausentes na Nova Inglaterra

como também por aqueles que estavam presentes.”⁶⁸ (CRONON, 2011, p.23, tradução nossa), sempre buscando comparar aquilo que conheciam com a realidade encontrada neste novo ambiente. As paisagens e as plantas chamavam atenção de quem desembarcava no Novo Mundo, mas talvez os animais exercessem um espaço de destaque por interagirem de forma mais dinâmica e intensa com os humanos. Desta forma os animais exóticos e os nativos, aqueles que foram domesticados, os que estavam em estado selvagem e também os animais alçados, todos foram destacados pelos viajantes em seus relatos.

Assim como Saint-Hilaire e Baguet tanto ressaltam, o gado presente no Pampa é alvo de protagonismo nos textos dos outros viajantes. Para Isabelle “a propagação fácil do gado é uma fonte inesgotável de riquezas” (ISABELLE, 2006, p.135) e Dreys acrescenta que “as imensas manadas de gado, são as minas de ouro que ali se tem explorado com incessante lucro” (DREYS, 1990, p.51). Era a opinião da maioria dos especialistas, “excetuando algumas posições raras e transitórias” (DREYS, 1990, p.51), que a riqueza da província do Rio Grande do Sul estava sobre a superfície da terra e não enterrada nela. Esta visão se propagou ao longo dos séculos e ditou o rumo econômico de todo o Pampa, bem como acabou influenciando diretamente na cultura do povo que diariamente fazia a lida dos campos. Isabelle a expõe ao destacar que:

A surpreendente reprodução de cavalos e bois europeus,..., nessas imensas planícies e o uso quase exclusivo de carne como alimento, devem naturalmente ter exercido uma influência direta e permanente sobre o caráter, os hábitos e as inclinações dessa gente, imprimindo-lhe uma marca de originalidade que conservará ainda por muito tempo (ISABELLE, 2006, p.112).

Ainda referente à alimentação das pessoas da região, Dreys indica que a grande disponibilidade de carne de gado não motivava as pessoas a se darem ao trabalho de cultivar a terra, de exercitarem a paciência pescando ou de caçarem os animais silvestres. Inclusive nas estâncias o cultivo era visto como “incompatível” (DREYS, 1990, p.56) com a criação de gado, pois os dois disputavam espaço e este era frequentemente destinado ao trato dos animais, um empreendimento mais lucrativo. Este olhar pejorativo sobre a produção de alimentos é bem frequente nos relatos de viagem estudados e motivam um olhar negativo do viajante em relação às populações que habitavam o Pampa, pois estes viajantes vinham de uma Europa que prezava o trabalho, o cultivo e que havia vivenciado inúmeras crises

⁶⁸ No original: “Visitors and colonists were impressed by the animals that were absent from New England as by those that were present”

alimentícias, o que tradicionalmente provocou uma preocupação em garantir a alimentação das pessoas e não arriscar de deixar terras improdutivas.

Com um olhar de economista, Dreys ressalta que no Rio Grande do Sul nada falta quando o quesito é a existência de animais, lá estão muitas aves sobrevoando os céus, muitos peixes nos inúmeros rios e arroios da província e acima de tudo, o gado pastando pelas coxilhas. A natureza ali “está na plenitude de suas operações, produzindo e reparando incessantemente, à medida que o homem se esmera em consumir” (DREYS, 1990, p.60). Este pensamento sobre a natureza ter a capacidade de repor infinitamente seus recursos não está claramente presente em nenhum relato, a não ser por esta passagem. Por outro lado, a abundância e a capacidade da região apresentar benefícios tanto do clima temperado quanto do tropical são constantemente ressaltadas, sendo que a presença das manadas exóticas de gado, tanto do vacum quanto do cavalariço, é um elemento natural que sustenta a argumentação desta abundância, pois estes viajantes frequentemente observavam a grande quantidade destes animais pelos campos do Pampa.

Um ponto bastante específico sobre a lida do gado que aparece na obra dos viajantes é a utilização do sal na alimentação destes animais. Ele é apontado como um elemento importante para a alimentação e a sua ausência capaz de acarretar dificuldades na criação do gado e no seu pleno desenvolvimento. Isabelle expõe a falta de sal em algumas regiões, “o campo está cheio de pastagens, todas aproveitadas. São de uma boa qualidade – ainda que a falta de sal se faça sentir em algumas localidades.” (ISABELLE, 2006, p.50). Portanto, mesmo que apresentasse boas condições, o campo por vezes não era explorado pela falta do acesso ao sal. Os animais, quando em falta de sal, procuravam lambe-los uns aos outros na tentativa de retirar um pouco de sal da transpiração, tal fato foi presenciado por Avé-Lallemant que comenta que “nas terras elevadas da região do [rio] Uruguai falta às plantas certo teor salino”, que é presente na região do Jacuí. Quando faltava esta qualidade no solo de uma região, os criadores deveriam providenciar a compra de sal para complementar a alimentação de seu rebanho, o que nem sempre era simples, pois o transporte era difícil e percorria caminhos com pouca infraestrutura.

Viam-se abundantes pastagens, capinzais espessos, mas desprovidos de sabor e de qualidades nutritivas, pois os habitantes das montanhas são obrigados a dar, quatro a cinco vezes por ano, rações de sal aos animais para incitá-los a comer. Vimos vacas e bois acompanharem longamente nossas carretas, lambe-los de todos os lados, como se quisessem mostrar a necessidade urgente que tinham de comer sal. Os moradores da serra, depois das rações de sal, costumam dar aos animais a cinza de vegetais alcalinos queimados. Este processo os purga e os dispõe a engordar. (ISABELLE, 2006, p.203)

Estes trechos se referem na região entre os rios Iguariçá e Jaguari, na região centro-oeste da província onde hoje encontramos cidades como Jaguari e Santiago. Esta região fica na zona ecótona entre o Pampa e a Mata Atlântica e os relatos se referem especialmente sobre campos do planalto que ficam sobre a serra geral. Em alguns lugares, ali, as pessoas “não podem criar muito gado, devido à dificuldade de conseguir o sal necessário à sua alimentação” (ISABELLE, 2006, p.204), este “inconveniente,..., é geral em toda a parte alta do Brasil, assim como em certas regiões da Banda Oriental” (ISABELLE, 2006, p.204). Já o restante da província do Rio Grande do Sul acaba apresentando uma disposição mais adequada de sal, e Isabelle sugere que se melhore os sistemas de transporte para que se consiga ligar esta região com escassez de sal ao rio Uruguai ou ao rio Jacuí, permitindo assim que se possa trazer sal e ali surgirem estabelecimentos para a criação de animais, especialmente os muare.

Próximo dali, a oeste, a falta de sal não é sentida nos arredores da aldeia de São Vicente, apontado como um local que possui barro, que de acordo com Isabelle é uma alternativa ao uso de sal em toda a província e também no sertão de Minas Gerais, informação que este retirado dos escritos de Saint-Hilaire. E falando de Saint-Hilaire, este brevemente indica que na cidade de Rio Grande “falta sal” (SAINT-HILAIRE, 1989, p.77) e os cavalos na região do litoral “não acostumados a comer sal nem milho,..., querem apenas as pastagens, que secas não lhes dão resistência alguma” (SAINT-HILAIRE, 1989, p.108).

Dreys possui um tom menos preocupado sobre a situação, pois “no Rio Grande não existe necessidade de dar sal ao gado, como se pratica periodicamente em Curitiba e nas regiões internas do Brasil” (DREYS, 1990, p.96) sendo a região costeira a mais beneficiada pela sua proximidade com o oceano e sua água salgada. No interior da província faltava mais sal, mas Dreys comenta isso apenas sobre os costumes alimentícios da população, não indicando a falta de sal para a criação de gado (DREYS, 1990, p.120; 130-131). É interessante notarmos que Dreys, Isabelle e Avé-Lallemant apontam praticamente as mesmas regiões como escassas de sal ou com a presença do mesmo, a maior diferença de informações se encontra nos relatos de Saint-Hilaire e de Dreys sobre o sal nos arredores da cidade portuária de Rio Grande. De toda forma podemos verificar certa importância que os viajantes dão a esta questão e também conhecermos um pouco melhor da preocupação das pessoas com o gado e a sua alimentação, mesmo que voltada para a produção.

A lida com o gado é, de certa forma, o foco de observação dos viajantes. Isto se deve especialmente à importância econômica e cultural que estes animais exóticos exerceram sobre o espaço pampeano. Vimos anteriormente a partir do relato de Saint-Hilaire que a profusão de cavalos era tão significativa que as pessoas não dispensavam maiores cuidados aos seus animais, podendo conseguir novos com certa facilidade. O número excessivo destes animais levava as pessoas a matar o maior número possível de éguas e cavalos selvagens evitando que estes interferissem na manada domesticada, como aponta Farinatti (2012, p.84), o mesmo ocorria para as manadas de cães selvagens. Todavia a partir de outros relatos, em especial do relato de Arsène Isabelle, podemos constatar um tipo diferente de tratamento estabelecido entre as pessoas e os animais, uma relação que não se dava apenas na esfera produtiva. Algumas passagens demonstram a sensibilidade da sociedade em relação a estes animais como em Buenos Aires, onde havia um grande circo destinado a luta de touros, mas que foi demolido, pois “somente o feitio bárbaro dos espanhóis pode autorizar semelhantes divertimentos” (ISABELLE, 2006, p.93), e mesmo que reestabelecido posteriormente a população local logo deixou de acompanhar as atividades referentes a este espetáculo tido como cruel.

Em outro trecho do relato, Isabelle conta uma tocante história de cavalos que se negavam a abandonar os arredores do túmulo de sua dona, uma menina indígena que havia recentemente morrido. Estes animais “tinham ficado, no meio do deserto, para chorá-la e dar ao viajante que passasse junto à sepultura um exemplo de fidelidade e gratidão inspirado pela natureza” (ISABELLE, 2006, p.182). Estas passagens demonstram a força da sensibilidade para com os animais presente naquela sociedade, estabelecendo vínculos muito fortes com alguns deles, especialmente aqueles que recebiam nomes e estavam mais próximos de seus donos.

Avé-Lallemant certa vez trocou seus cavalos cansados da viagem por outros, situação frequente nas viagens daquele período, porém os animais recebidos já estavam velhos o que acabou provocando “funda compaixão” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.311) e uma reflexão sobre continuar viagem com ou sem eles. O cavalo foi um dos principais elos de aproximação entre as pessoas e os animais do Pampa, sendo introduzidos neste bioma “desde o ano de 1568” (ISABELLE, 2006, p.112), eles eram companheiros de viagens e úteis no transporte, na lida do campo e na guerra. Pessoas das mais diferentes origens adotaram no Pampa o cavalo como seu aliado, destaque mereceram os charruas, um grupo indígena que em pouco tempo adotou o uso do cavalo em seu cotidiano e em suas táticas de guerra, na região a habilidade dos indígenas no trato destes animais geralmente é mencionado, Isabelle destaca que

indígenas recrutados para os exércitos da região eram muito capazes, pois “o índio maneja um cavalo com tanta habilidade que parece duplicar as faculdades desse animal inteligente” (ISABELLE, 2006, p.104-105).

Apesar do grande destaque dado aos diferentes tipos de gado, que os viajantes ressaltavam sua presença constantemente, outras espécies foram mencionadas ou ganharam certa importância nos textos. É o caso da ema, que por vezes é chamada erroneamente de avestruz⁶⁹, pois os colonos comumente aplicavam nomes de animais europeus ou conhecidos deles para animais nativos das Américas e de modo geral as nomenclaturas utilizadas por colonos e viajantes podem ser bastante imprecisas, como nos indica William Cronon (2011). Em um momento, Avé-Lallemant busca criar um paralelo entre os animais europeus e os do Pampa, faz isso comparando o quero-quero com o pavoncino⁷⁰ e os urubus com os corvos, porém ao pensar na ema acaba revelando que “não sei de ave nórdica que se pudesse considerar como tal” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.196). Ao se encontrarem em uma nova região, os colonos passam a observar a natureza a sua volta em busca de elementos que garantam a sobrevivência e o desenvolvimento da região, esta observação é realizada na tentativa de decifrar a natureza local, verificando potencialidades e perigos. A atenção dos viajantes se volta para elementos semelhantes na tentativa de descrever e compreender os locais visitados, desta forma os animais são um dos primeiros elementos a serem destacados e comparações são feitas a todo o momento para diminuir a distância entre o observador e o observado.

Uma questão abordada no capítulo anterior é sobre o comportamento das emas na presença de humanos. Saint-Hilaire nota que elas não se assustam, já Baguet as considera ariscas. O relato do primeiro data de 1821, enquanto Baguet viaja no ano de 1845, isto pode nos sugerir que estes animais tenham alterado o seu comportamento neste espaço de tempo devido à caça e a presença cada vez maior de humanos em seus habitats. É muito difícil realizarmos qualquer afirmação a este respeito, pois demandaria estudos de outras áreas do conhecimento e de outras metodologias e fontes. Os relatos ainda podem estar nos oferecendo indícios de períodos reprodutivos diferentes, regiões muito distantes e outras características que influenciam no comportamento destes animais. De qualquer modo, não deixo de destacar este tema como hipótese para futuros trabalhos e iremos ver como Dreys, Isabelle e Avé-Lallemant descrevem o comportamento das emas.

⁶⁹ Isabelle (2006, p.152) chegou a chamá-la pelo nome indígena de ñandú.

⁷⁰ *Vanellus vanellus*, ave migratória comum na Eurásia e norte da África. Seus ninhos ficam nos campos e elas o defendem com agressividade, assim como o quero-quero.

Seguindo uma ordem cronológica, temos o relato de Dreys entre os anos de 1817 e 1827. Este viajante destaca que as emas eram as maiores aves da região e que a sua distribuição geográfica ia “desde a falda da Serra Geral até as margens do Rio da Prata,..., nesses campos ajuntam-se muitas vezes com os veados, desfrutando os mesmos pastos, e em número tão crescido, que dificilmente se poderiam contar” (DREYS, 1990, p.58). As emas não se assustavam ao enxergar pessoas nas proximidades “logo que vai se aproximando, desaparece a tropa fugitiva como o relâmpago, e num instante fica o campo deserto; basta que um veado ou um avestruz se ponha a correr para todos os seguirem” (DREYS, 1990, p.58), mas não era exatamente o perigo da presença humana que fazia com que estes animais agissem assim, Dreys explica que isto ocorre “mais ao contágio do exemplo, do que à apreensão de um perigo conhecido; pois, nesses lugares remotos, onde os homens ainda são raros, acontece que, achando-se tropas de avestruzes isolados, eles mesmos vão se chegando a este inimigo natural de tudo que respira” (DREYS, 1990, p.58-59). No relato de Nicolau Dreys as emas não temem os humanos apesar de poderem por vezes se assustar com o seu movimento, o viajante e seus companheiros de viagem por vezes se viram cercados destes animais sem que estes levantassem qualquer tipo de preocupação.

Isabelle, em sua viagem entre os anos de 1834 e 1835 e Avé-Lallemant em 1858 também verificam que as emas e os veados misturam-se pelos campos sendo espécies “companheiras de campo” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.301), porém com as emas sendo muito mais desajeitadas e lerdas em comparação aos cervos. De toda maneira não era fácil caçá-los e ao tentá-lo o resultado nem sempre era o esperado, pois ambos “eram demasiadamente ariscos” (ISABELLE, 2006, p.190). Não entrando em mais detalhes, Avé-Lallemant encontra com grupos de emas de tempos em tempos e considera que elas são o “símbolo do ermo vazio de homens” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.263), dando a entender que estas viviam em locais mais afastados e longe das populações humanas. No mais ele destaca uma passagem em que um peão de Corrientes perseguiu a cavalo uma ema que conseguiu fugir, pois o seu perseguidor não estava armado de boleadeiras, uma arma indígena usada na caça de emas e também na guerra. A existência destas armas denota que a caça já era praticada pelas populações nativas antes da chegada dos europeus, mas possivelmente o impacto que esta caça exercia era muito menor do que o impacto que estava sendo gerado na primeira metade do século XIX, onde podemos supor, através destes relatos de viagem, que a presença humana em expansão e a atividade de caça para com esta espécie estavam acentuando.

Um animal que ao mesmo tempo temia e era temido era a onça, por vezes chamada de tigre pelos viajantes, que aparecia raramente nos arredores das colônias alemães próximas de São Leopoldo, em zona de Mata Atlântica, e “só ataca o homem por necessidade” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.128). Já em Rio Pardo, os ataques eram mais frequentes e se voltavam aos animais de criação como vacas e cães, mas do contato com as pessoas as onças adotavam comportamento diferente, as mesmas “fogem elas do homem e lhe cedem timidamente o caminho, embora sempre com lentidão” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.188) na visão do viajante onde “se implanta a lavoura sempre fogem esses felídeos. Com eles se vão também os jacarés, as cobras e mesmo a venenosa jararaca” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.188). Esta ideia que Avé-Lallemant busca sustentar tem raízes em uma visão de que quando o homem trás a cultura e a civilização das cidades ele afasta a selvageria dos animais silvestres que passam a se esconder cada vez mais no interior das matas e dos campos distantes. Estes animais eram:

numerosos em todo o Rio Grande, como em todas as vastas planícies da margem setentrional do Rio da Prata; eles têm deixado, é verdade, as imediações das vilas; à medida que a população se adianta, eles recuam, como as tribos selvagens, dos indígenas; eles, assim como estas, não cedem o terreno, senão passo a passo; rodeiam escondidos as habitações dos homens, e lançam-se às vezes, inopinadamente no meio deles, para surpreender e agarrar a presa (DREYS, 1990, p.61).

Pela sua quantidade e pelo perigo que estes animais apresentavam até, mesmo o governo se viu obrigado a agir contra este animal que do ponto de vista de Dreys (1990, p.60) era um concorrente do homem na missão de destruir tudo que habitava a terra. Tanto Dreys quanto Avé-Lallemant apontam uma área mais ou menos semelhante como o principal foco da presença de onças no Pampa: Entre Jaguarão e Montevideú. Era “nesses desertos” que Dreys achou “alguns currais de pau-a-pique, edificadas de propósito pela providência pública para o viajante poder se fechar durante a noite, a fim de se resguardar com a sua comitiva da voracidade do tigre” (DREYS, 1990, p.61). Estas construções construídas pelo governo demonstram a preocupação da administração em evitar os riscos que estes animais poderiam causar, mas além desta medida o governo também foi responsável pelo incentivo de caça destes animais, existindo caçadores especialistas em perseguir e matar estes felinos. O comportamento deste animal era bastante imprevisível, muitas vezes fugia ao avistar a figura humana, porém se com fome atacava e muitas vezes fazia isto de modo sorrateiro evitando dar chances às suas vítimas. O mais temido de todos era chamado de tigre sovado, era aquele

animal que já em idade muito avançada não conseguia perseguir suas presas pelos campos e acabava buscando se alimentar de animais domésticos ou de pessoas. Para escapar de ataques a população se valia de fogos e de não se distanciar da segurança e movimento dos vilarejos.

Muitas vezes navegando o rio São de São Gonçalo “ouvíamos, nas primeiras horas da noite, os estrondosos ruídos dessas feras corresponderem-se de um a outro lado do rio” (DREYS, 1990, p.61). Trago esta passagem para ressaltarmos a questão dos demais sentidos na percepção do meio, podemos imaginar qual era a sensação de estar com o barco parado na margem do rio com a noite caindo e o barulho destes animais denunciando uma perigosa proximidade, um possível encontro arriscado tanto para o grupo que seguia pelo rio quanto para estes animais. A natureza se faz sentir aqui não pelo sentido da visão, mas através de sons que nutrem a imaginação e o medo do viajante. Desta forma, os relatos de viagem devem ser mais bem explorados no sentido da percepção de quem escreve e não apenas focar na análise nas coisas vistas por estes.

Um tipo de animal que por vezes mal era percebido pelo sentido da visão, mas que facilmente se fazia presente era o inseto, ou melhor, a grande variedade e quantidade deles. Como Isabelle e Avé-Lallemant viajaram durante o verão, os insetos devem ter sido companheiros frequentes, mas nem sempre estes eram dignos de nota, como veremos mais a frente. Na região das atuais cidades de Jaguari e São Francisco de Assis, os animais “sofrem muito, por causa de um inseto conhecido no Brasil sob o nome de carrapato. É da ordem dos parasitas,..., e incomoda os homens tanto quanto os animais” (ISABELLE, 2006, p.204). Outro inseto mencionado é o moscardo ou mutuca (*Tabanidae*), uma espécie de mosca onde as fêmeas se alimentam de sangue e geram incomodo para as pessoas e também para o gado.

Dos répteis e anfíbios poucos ganham destaque, sendo as cobras as mais identificadas, os jacarés considerados comuns nos rios e o teju⁷¹ encontrado nas margens do rio Uruguai onde hoje existe o parque nacional argentino de El Palmar. Os peixes são mencionados como abundantes em diversos rios e arroios, mas a população não parece dar muita atenção a eles como fonte de renda ou de alimento. Outros mamíferos como os coelhos, as chinchilas, as viscachas⁷² e as capivaras podiam ser encontradas em certas regiões e em grande quantidade.

Por sua vez, era no céu do Pampa que se podia avistar a presença de inúmeras espécies de pássaros, alguns apenas estavam ali por alguns meses sendo migrantes enquanto outros eram símbolos da região. Os quero-queros eram “um traço característico do pontal” (AVÉ-

⁷¹ Algum representante do gênero *Tupinambis*, os maiores lagartos nativos da América.

⁷² Provavelmente um *Lagostomus maximus*. São pequenos roedores próximos das chinchilas, mas semelhantes aos coelhos. Animais típicos da Argentina.

LALLEMANT, 1980, p.105) de Rio Grande e se encontravam por diversas áreas da província, gritando “insuportavelmente por toda a parte” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.122), eles definitivamente eram “os papagaios do campo” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.193) preenchendo os campos com o seu som.

Na Lagoa dos Patos, podia-se ver “inúmeras aves que, como exércitos cobrem as margens” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.106) e “ninguém, sobretudo nenhum caçador, parecia preocupar-se com elas” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.106). Sobre a caça, o maior caçador entre os viajantes parece ter sido Arsène Isabelle, este viajante caçava diariamente no rio Uruguai, tanto com o objetivo de buscar alimento, de coletar espécies e até mesmo caçava “unicamente para matar tempo” (ISABELLE, 2006, p.176). Para se ter uma ideia da quantidade de animais mortos em oito dias caçando na beira do Uruguai, Isabelle coletou cerca de “sessenta exemplares, dos quais quarenta e dois beija-flores das duas únicas espécies que se encontram na localidade” (ISABELLE, 2006, p. 162).

Um viajante que aparentava não caçar era Avé-Lallemant. Ele escreve sobre outro assunto interessante, o cárcere de animais selvagens. Conta-nos que já havia sido vizinho de uma casa que mantinha um pássaro ferreiro ou uruponga⁷³ em cativo o que ele particularmente achava um “desleixo da polícia permitir que se tenha um pássaro engaiolado” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.134), não se sabe se ele referia-se assim para qualquer pássaro aprisionado ou se apenas no caso desta espécie que é bastante barulhenta e provavelmente o incomodava frequentemente. Em Uruguaiana, ele esteve na casa de um homem chamado Karsten que havia capturado uma jovem onça em Corrientes e a mantido presa por uma corrente esperando a hora certa de enviá-la para o zoológico de Berlim. Sobre a condição deste animal, o viajante não manifestou nenhum julgamento.

A rica biodiversidade de aves é evidenciada na grande quantidade de menções ao longo dos textos, geralmente sendo apenas apontadas a sua existência em certa localidade sem haver um desenvolvimento maior da sua influência na sociedade. De modo geral não apenas as aves, mas também todas as variedades de animais relatados dão uma noção da biodiversidade encontrada no Pampa ao longo do século XIX. Muitos destes animais podem ser encontrados até hoje na região, alguns são endêmicos e outros sofreram grande redução populacional devido à caça, à presença humana e à redução dos seus territórios.

⁷³ Conhecido como Araponga e do gênero *Procnias*, natural do bioma Mata Atlântica.

3.4. Impactos gerados no bioma Pampa

Através dos relatos de viagem podemos verificar possíveis impactos ambientais causados pelas populações humanas no bioma Pampa, bem como conhecer os principais problemas e desafios enfrentados pelas pessoas durante aquele período frente à natureza. Em certas ocasiões de calamidade pública, decisões tiveram que ser tomadas para contornar os efeitos negativos gerados por algum evento natural. Veremos a seguir alguns destes casos presentes nos relatos e que são importantes para avaliarmos como a sociedade daquela época lidou com o seu meio, para isto resgataremos algumas questões já discutidas no capítulo anterior e que se fazem presentes nos relatos de todos os viajantes.

“Não há nada novo na observação de que os assentamentos europeus transformaram a paisagem americana”⁷⁴ (CRONON, 2011, p.4, tradução nossa), esta mudança se deu em diferentes níveis de intensidade onde determinados locais lidaram com uma interferência humana mais influente do que outros. Em certo ponto, podemos até mesmo considerar os humanos como uma espécie exótica ao bioma, dependendo de que teoria adotarmos sobre a origem da espécie humana, sendo que a maioria delas coloca a origem da humanidade na África. De qualquer forma, sabemos que alguns indivíduos de nossa espécie chegaram ao Pampa ainda no período glacial, mas desapareceram devido às condições adversas do clima durante aquele período (ZARTH; GERHARDT, 2009, p.253). Em uma data mais recente, grupos indígenas como os charruas, guaranis e minuanos passaram a ocupar o bioma Pampa e ali se encontravam quando os espanhóis invadiram seus territórios. Foi

durante a colonização ibérica, [que] o território que atualmente compõe o estado do Rio Grande do Sul sofreu de um impacto ambiental nunca sentindo antes. Através dos colonos europeus organismos exóticos se instalaram e se adaptaram às novas terras, concorrendo com organismos nativos e aos poucos se naturalizando sul-riograndenses (Peixoto, 2010, p.45).

Ao longo deste período, o bioma sofreu fortes alterações, como a introdução de animais e plantas exóticas que se proliferaram de tal forma que se tornaram símbolos deste espaço mesmo não sendo originalmente parte dele. Toda a bacia do Rio da Prata sofreu um processo de mudança com a chegada dos europeus e:

⁷⁴ No original: “There is nothing new to the observation that European settlement transformed the American landscape”

de particular importância foi a introdução de novas plantas e animais que prosperaram em condições ideais nas planícies. Destes, o gado livre, tornou-se progressivamente o principal recurso da região, sustentando grande parte de sua atividade econômica e social pelo menos até a metade do século XIX. (ZARRILLI, 2013, p.43, tradução nossa)⁷⁵.

A construção de acampamentos, vilas e cidades também gerou impactos de diversas formas e mesmo com a população sendo extremamente reduzida se comparada com as grandes conglomerações urbanas atuais de Buenos Aires, Montevideu e Porto Alegre, ainda teremos efeitos negativos gerados pelos humanos ao ambiente. Para a criação e manutenção das cidades, era preciso a retirada de recursos naturais do entorno, lixo e dejetos eram gerados, o campo nativo era aos poucos substituído por plantações de gêneros alimentícios vindos do Velho Mundo. Até mesmo os grupos indígenas que estavam estabelecidos no Pampa sofreram com doenças estranhas aos seus organismos e muitos devem ter falecido neste processo. Os impactos causados pela colonização ibérica do Pampa podem parecer pequenos se comparados com a grande quantidade de lixo e poluição gerados nas últimas décadas, mas foram as alterações ainda no século XIX que auxiliam a moldar o modo de interação entre a sociedade e o meio resultando no cenário que avistamos hoje.

A biodiversidade do bioma possivelmente foi muito alterada, espécies foram introduzidas e muitas devem ter se extinguido sem nem ao menos terem sido estudadas ou registradas. Os quatro fatores principais de ameaça à biodiversidade de um bioma são definidas por Wilson (2012, p.316) como: a caça desmensurada, a destruição de habitats, a introdução de animais exóticos e as doenças que estes animais exóticos carregam. Podemos notar todos estes sinais nos relatos de viagem estudados.

Ainda segundo Wilson (2012, p.317-324), há duas formas principais de uma espécie em risco de extinção chegar ao ser derradeiro fim pelas mãos humanas, a primeira forma é através do extermínio, ou “tiro de fuzil”, onde os indivíduos da espécie são exterminados por um controle biológico ou através da caça, mas o ecossistema não sofre alterações. Já a segunda forma é a destruição do ecossistema, ou “holocausto”, onde o ataque é dirigido ao ambiente desta espécie que pela falta de abrigo, alimento ou por outro fator mingua até os últimos indivíduos restarem. Como comentamos anteriormente, é difícil encontrarmos relatos

⁷⁵ No original: “Of particular importance was the introduction of the new plants and animals that thrived in ideal conditions in the plains. On of these, free-ranging cattle, progressively became the region’s principal resource, sustaining much of its economic and social activity through at least the mid-nineteenth century”.

sobre insetos ou sobre plantas como fungos e líquens, isto se deve ao fato de que a nossa tradição cultural preza pela figura do organismo maior e mais evidenciado, a chamada espécie bandeira, como as manadas de gado e as grandes árvores – ou a ausência destas. “As pessoas costumam caçar veados e pombas, não bichos-de-conta⁷⁶ e aranhas; abrem estradas numa floresta para derrubar abetos de Douglas⁷⁷, não musgos e fungos” (WILSON, 2012, p.324). Assim, estes indivíduos mais notáveis estão propensos a sofrerem com o tiro de fuzil e serem caçados, enquanto os outros são mais suscetíveis ao holocausto, ou seja, à destruição e modificação de seus habitats. Da mesma forma, os animais e plantas maiores estão mais evidenciados nos relatos, mas não estão sozinhos. O vazio enxergado pelos viajantes, na verdade, é uma profusão de pequenas plantas, anfíbios, répteis, insetos e outros tantos organismos que fazem, ou faziam, parte do bioma Pampa.

Além dos impactos causados pela sociedade humana, a natureza apresentava certos desafios para estas populações, Isabelle indica que os períodos de seca são frequentes, enquanto Dreys presencia alguns problemas no litoral como inundações, naufrágios e a força da ação dos ventos que espalham areias por todos os lados e tornam a navegação arriscada quando sopram com intensidade. As areias das cidades de Rio Grande e de São José do Norte eram um incômodo constante, pois estavam sempre sendo espalhadas e invadindo as casas, mas não se constituía como um perigo para a população que em geral, que possuía uma saúde muito boa de acordo com Dreys (1990, p.131). Por ter morado na cidade por alguns anos, este viajante acaba focando seu relato na experiência vivida ali e nos informa de histórias interessantes que ouviu. A mais importante, no momento, talvez seja a hipótese contada a ele de

que a planície em que está edificada a cidade de Rio Grande foi a princípio agradável, rica de vegetação, coberta de árvores; mas que, no tempo da última invasão dos Espanhóis (1763-1776), chegaram estes acompanhados de tantos animais, e tanto tempo os conservaram no território para o serviço da tropa, que na retirada dela a vegetação circunvizinha se achou completamente arruinada. (DREYS, 1990, p.47)

É difícil crer que isso tenha, de fato, ocorrido, pois tal invasão durou apenas treze anos e pela paisagem de Rio Grande ser semelhante ao restante do litoral. De qualquer forma, esta passagem nos mostra que Dreys acredita na capacidade humana de alteração do ambiente e

⁷⁶ Um pequeno crustáceo terrestre (*oniscidea*), conhecidos popularmente como tatus-de-jardim.

⁷⁷ Uma grande árvore conífera (*pseudotsuga menziesii*) de origem norte americana.

podemos constatar que as pessoas daquela cidade também poderiam acreditar nisto, já que a história havia sido contada para ele. Isabelle também indica forte impacto ambiental em Porto Alegre que, após sessenta anos de fundação, já apresentava um cenário bastante diferente, antes “estava coberto de florestas sombrias, que serviam de asilo a jaguares, tamanduás, gatos-bravos e jacarés” (ISABELLE, 2006, p.239) e passou a ter um crescimento impressionante possuindo já cerca de 15.000 habitantes.

Isabelle tinha conhecimento de diversos projetos planejados para Porto Alegre, entre estes estava a construção de um cais com o objetivo de aterrar parte do lago Guaíba e assim expandir a área para ocupação da capital da província, o que acabou ocorrendo décadas mais tarde⁷⁸. Além disso, o projeto tinha como objetivo barrar o avanço das águas durante as cheias, que eram frequentes naquele período e se mantêm presentes até os dias de hoje. Isabelle comenta que no final do ano de 1833 ocorreu uma grande inundação e Dreys aponta para fortes chuvas no início do século que duraram quatro meses e deixaram a cidade de São José do Norte em grande perigo. O próprio Dreys presenciou um forte temporal na cidade de Rio Pardo que a deixou em ruínas em instantes “todas as vidraças e grande parte dos telhados caíram quebrados; paredes inteiras foram derrubadas, e outras crivadas como pela metralha; todas as árvores das quintas ficaram quase reduzidas ao tronco principal, e muito gado morreu” (DREYS, 1990, p.54). Fenômenos drásticos como este não eram comuns segundo o viajante, mas demonstravam que por vezes a natureza se fazia presente de forma destruidora causando estragos, prejuízos e mortes.

Cronon (2011) já indica que as estações do ano modificam os desafios enfrentados pela população de uma localidade. No caso do pampa, o frio e as tempestades eram companheiras de muitos viajantes durante suas jornadas pelos campos, as condições das pontes, das estradas e dos caminhos tornavam tudo mais complicado em meses de chuva. Já no período do verão, em que Isabelle e Avé-Lallemant predominantemente viajaram, os campos ressequidos pela seca e pelo sol abrasador poderiam se tornar um risco devido às queimadas. “Em todos os cantos e recantos aproveita-se o tempo seco para queimar a relva” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.258). Estes grandes incêndios que ocorriam nos campos do Pampa eram quase sempre obra da mão humana. As queimadas, ou coívaras, foram muito comuns nas zonas de Mata Atlântica brasileira, mas também ocorreram em zonas do Pampa, como podemos verificar a partir dos relatos de viagem estudados nesta pesquisa.

⁷⁸ O primeiro aterro na cidade de Porto Alegre pode ser encontrado em uma planta da cidade datada de 1862 (SOUZA, 2005), estes seguiram sendo construídos, expandindo as terras da cidade e alterando a paisagem ao longo do século XIX e XX. Estes aterramentos demonstram anos de planejamentos públicos e reflexão sobre a dinâmica da cidade e do mundo natural.

Esta prática era um “fenômeno fantástico, inteiramente estranho para o viajante europeu” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.230) que não estava acostumado com tal técnica e comumente a via como estranha. Durante e após a queimada de um campo o que se via era um quadro de completa destruição que chamava a atenção dos viajantes como o cenário vivenciado por Avé-Lallemant na zona de mata de atlântica de Santa Maria, exatamente no limite do Pampa, o local era “um terrível campo de batalha! Aqui a floresta sofreu desesperadamente do ferro e do fogo. De pé ou caídos se vêem, à esquerda e à direita, troncos carbonizados, horrível quadro da feroz destruição com que, quase em toda parte, começa a agricultura no Brasil” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.217-218). A prática realizada ainda possuía uma curiosidade, pois o fogo era criado e alastrado, mas ninguém vigiava seu avanço, parecendo até mesmo que as pessoas sabiam até aonde o fogo iria chegar e com isso poderiam deixá-lo sem qualquer tipo de supervisão, como relatado por Avé-Lallemant.

A sociedade que ocupou este espaço alterou sua paisagem e impactou a biodiversidade presente no bioma, mas também teve que vivenciar eventos da natureza que lhe foram prejudiciais e de alguma forma tentar contornar os efeitos negativos advindos de tempestades, enchentes, secas e demais acontecimentos naturais. A interação entre a sociedade e o seu meio nem sempre se deu de forma harmônica, bela e livre de erros.

3.5. Uma rápida passagem pela paisagem da fronteira

Antes de nos aprofundarmos nas questões referentes às visões de natureza de cada viajante, é importante verificarmos mais alguns aspectos sobre o Pampa e sobre a zona de fronteira presente nos relatos dos mesmos. Iremos aqui trabalhar com questões referentes aos elementos naturais, mas mais focados nas questões de paisagem, das características físicas do Pampa, das questões de espacialidade e das singularidades da viagem do que sobre a interação da sociedade com a fauna e flora.

Sobre o uso da terminologia “Pampa”, os três viajantes a utilizam recorrentemente indicando que esta palavra já era bem difundida naquele período quando se queria referir à região e suas características naturais. Isabelle diz que a origem da palavra vem do idioma quíchua e significa “praça, terreno plano, grande planície, savana” (ISABELLE, 2006, p.90).

Já Avé-Lallemant indica que “a palavra campo significa uma pastagem aberta, natural, em oposição à floresta e à montanha coberta de floresta” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.170), isto mostra que, ao menos na província do Rio Grande do Sul, as pessoas sentiam os contrastes entre os diferentes biomas e a partir destes contrastes nomeavam os lugares.

Os viajantes descrevem suas sensações sobre este território e as características que mais chamaram a atenção ao longo da viagem. A associação do Pampa como um deserto é possivelmente a primeira impressão e a mais recorrente nos relatos. Ela remete aos amplos espaços de campos sem produção, sem habitações, sem elementos que se destacassem naquele ambiente aparentemente homogêneo e que acima de tudo ainda sem contar com a presença humana de forma intensa. Esta falta de vestígios da ação do homem sobre o território gerará inúmeras passagens com tom negativo sobre a vastidão das “imensas pastagens dos Estados do Prata” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.153), veremos algumas delas.

Nada mais triste à vista do que essas margens arenosas, despojadas de árvores e de verdura, e que não oferecem mais que um imenso horizonte, sem acidentes de terreno onde se possa repousar o olhar fatigado de só ver areias e erva árida, queimada pelo sol durante quatro meses. Uma impressão de tristeza dominou-me, quando descobri essas paragens tão tristes, que imaginava enfeitadas por todos os encantos de uma natureza risonha e fértil! Tive vontade de voltar logo, de tal maneira que me senti desenganado (ISABELLE, 2006, p. 39).

Esta foi a primeira impressão do viajante francês Arsène Isabelle ao chegar à foz do rio da Prata. Sua primeira vista da região foi muito negativa, a força da ideia tropical do Novo Mundo estava tão enraizada em seus pensamentos que o choque de não ver frondosas árvores, pássaros coloridos e frutas de todos os tamanhos foi bastante impactante. A própria época do ano em que um viajante chega ao continente americano é responsável por criar uma primeira impressão positiva ou negativa, no caso de Isabelle o mesmo desembarcou em Montevideu no final do verão “quando o sol, depois de ter brilhado perpendicularmente, queimara a vegetação dando um caráter severo e agreste a esses lugares privados de árvores e de sombra” (ISABELLE, 2006, p.41). Mas o viajante contorna sua ideia inicial ao dizer que “somente aos poucos, e depois de haver penetrado para o interior, que a gente se familiariza com esses campos incultos e esses desertos sem fim chamados Pampas” (ISABELLE, 2006, p.39) passando a se acostumar com aquele cenário e as peculiaridades da região.

Para Dreys o Pampa é um espaço de “perspectivas indefinidas” (DREYS, 1990, p.17), ali a “mão da natureza aplanou as terras, rebaixando-as,..., essas superfícies planas, com suas ondulações naturais,..., essas campinas extensas entregues ao poder do homem, com sua

vegetação primária e sua força produtora, obedecendo ao trabalho e à indústria” (DREYS, 1990, p.41). Os campos mesmo que “férteis e aprazíveis, não são povoados; é menos um lugar de habitação que de trânsito” (DREYS, 1990, p.42). Ainda faltava para a região a força de trabalho e o cultivo do solo ela conta com “todos os inconvenientes das terras desertas” (DREYS, 1990, p.43), ou seja, os alimentos ainda estão misturados com venenos, há uma profusão de insetos daninhos e as aves de rapina ceifam as vidas de filhotes de animais domésticos. Porém ainda há esperança, o viajante se mostra otimista com o futuro já que para ele:

“sabe-se que basta a presença do homem para remover esses males, e se algum dia, como é de se esperar, a população tomar conta do país, a suavidade do clima, a pureza das águas e a fecundidade do solo asseguram aos habitantes uma das mais deliciosas moradas que se possam escolher no continente” (DREYS, 1990, p.43).

Desta forma, Dreys deixa a entender que a natureza local possui certos defeitos que podem ser corrigidos assim que a sociedade se estabeleça ali, catalisando as potencialidades da região e removendo seus males. Como vimos anteriormente neste capítulo, Dreys vê o Pampa como um “Saara americano” (DREYS, 1990, p.48), reforçando a ligação entre estes dois espaços na narrativa do viajante. Para Isabelle (2006, p.49) a paisagem era pitoresca apresentando uma “alternação contínua de montículos, prados, regatos e arroios arborizados” e um observador que parasse para contemplar a paisagem no sul de Buenos Aires poderia ver a “imensidade da planície que levaria nossos olhos até o oceano e até mesmo a Patagônia, se o horizonte sensível não interpusesse sua cortina vaporosa” (ISABELLE, 2006, p.86). As “planícies desertas” do Pampa ainda se estendiam até os Andes e

de longe em longe, só vereis cabanas miseráveis, que aparecem como balizas no meio de um mar cheio de perigos e reinará um tal silêncio em torno dessas pobres habitações, que ficareis surpreendidos ao ver sair do seu interior uma figura humana. Não notareis o mínimo vestígio de trabalho agrícola, nenhuma árvore, nenhuma moita, mas somente horizontes imensos, sombrios e tristes, animados, por acaso, aqui e ali, pela passagem de um avestruz⁷⁹ ou o galope de um gaúcho, que vai agrupando os animais dispersos pela seca ou pelas incursões dos índios (ISABELLE, 2006, p.89).

Quando menos perceber “estareis nos Pampas... E vos garanto que haveis de esporear vosso cavalo para sair dali o mais depressa possível” (ISABELLE, 2006, p.90), para vencer este deserto muitos imigrantes vieram com a função de “povoar esses desertos e tomar o lugar

⁷⁹ Ele se refere à Ema, como trabalhamos anteriormente era muito comum os viajantes e os colonos se referirem a um animal pelo nome errado.

dos nativos” (ISABELLE, 2006, p.178). Já Avé-Lallemant acompanha a impressão de seus antecessores. Próximo a Cachoeira do Sul ele escreve que tudo era “matas e campos, coxilhas e vales, tudo parece ondular, vendo-se aqui e ali rebanhos de gado e cavalos trotando alegremente” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.193), “mas nenhuma casa, nenhum ser humano” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.194). “Viajamos durante horas, nenhuma casa, nenhum ser humano! Rebanhos e mais rebanhos de gado dispersos ao longe, uma bonita solidão verde, mas quase demasiado erma” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.197).

Isabelle não escreve apenas sobre o Pampa argentino e brasileiro. Apesar de aparentar não ter muitas experiências em terras uruguaias ele formula parte de seu relato sobre o Uruguai, possivelmente reunindo dados coletados de histórias ouvidas durante sua estadia na América. Sobre a Banda Oriental, escreve que “só oferece à perspectiva campos quebrados, isto é, terrenos frequentemente entrecortados de pequenos vales, montículos e colinas pouco elevadas,..., só se vêem árvores ao longo dos rios e dos regatos; mas, devido à abundância destes últimos, há uma grande fertilidade” (ISABELLE, 2006, p.173). Seu relato reforça a ideia de continuidade da natureza, mesmo que esta estivesse dividida por fronteiras políticas.

Sobre estas fronteiras, elas foram constantemente reformuladas e alteradas durante o período em que estes viajantes estiveram na região. A independência colonial dos países do Prata era extremamente recente e conflituosa. Guerras e revoluções foram travadas para definir os limites territoriais enquanto diferentes projetos políticos-nacionais buscavam consolidação nesta zona fronteiriça ainda nebulosa. Para citarmos alguns dos conflitos, tivemos a Guerra contra Artigas entre 1816 e 1820, a Guerra do Prata entre 1851 e 1852, o bloqueio anglo-francês do rio da Prata entre 1845 e 1850, a revolução farroupilha entre 1835 e 1845, entre outras. O próprio Isabelle sofreu com tensões em Buenos Aires como já relatado.

Porém nem só de conflito e disputas políticas a região fronteiriça era feita. A historiografia mais antiga enfatizava o comércio e a violência da fronteira e se espelhava na teoria de Frederick Turner (1987) sobre a fronteira dos Estados Unidos, onde a expansão das fronteiras teria moldado e desenvolvido a nação norte-americana. Quem reviu as teorias de Turner nos Estados Unidos foram os membros da New Western History, muitos deles ligados ao início da história ambiental daquele país, como Donald Worster e William Cronon. Com o tempo, os estudos passaram a focar outros aspectos que rondam a fronteira como o social e o ambiental e assim a zona de fronteira pôde ser compreendida para além da instabilidade e do conflito (LOPES; ORTELLI, 2006).

A expansão da fronteira e a devida ocupação deste espaço se dá – no caso americano, no brasileiro e no argentino – sobre regiões “intocadas” pelo homem e sobre as populações

indígenas que viviam nestas zonas (MALLON, 2003). “A fronteira constituía um limite bem definido do que marcava a transição entre dois mundos e consolidava a contraposição civilização-barbárie” (LOPES; ORTELLI, 2006, p.15). Esta contraposição que era tão marcada nos relatos de viagem sobre o Pampa no início do século XIX. Foram as próprias expedições científicas e viagens patrocinadas que de certa forma auxiliaram no conhecimento deste espaço (LOPES; ORTELLI, 2006, p.22).

Sobre a fronteira meridional do início do século XIX, nos trabalhos atuais, podemos perceber que a sua “linha divisória era porosa” (FLORES; FARINATTI, 2009, p.152) que não isolava as populações e que esta fronteira “continuou permitindo um fluxo constante de pessoas, idéias e mercadorias” (FLORES; FARINATTI, 2009, p.152) ao longo dos anos. A fronteira dos estados platinos não era apenas um local de interação entre duas sociedades, mas entre inúmeros grupos étnicos, culturais e sociais extremamente diversificados. Sem falarmos da interação destas sociedades com o ambiente que era compartilhado de ambos os lados da linha da fronteira.

Na visão de Dreys, os rios auxiliavam a demarcar os limites da província do Rio Grande do Sul, sendo “marcos naturais da linha divisória da província” (DREYS, 1980, p.38) em relação à Santa Catarina. Este pensamento era comum e muitas vezes os rios demarcaram os limites entre terras, províncias e nações. O rio Uruguai separava a Argentina de seus vizinhos Brasil e Uruguai, quando Isabelle navega neste rio indo em direção a São Borja ele acaba parando em ambas as margens sem nenhum tipo de cobrança, fiscalização ou problema com os habitantes das terras em suas margens. Isto demonstra como aquela zona de fronteira estava acostumada a viver em proximidade com diferentes tipos de pessoas e culturas. “Viver em uma fronteira era uma situação que propunha problemas e possibilidades diversos para os agentes, conforme fosse a sua posição social” (FLORES; FARINATTI, 2009, p.158), havia muitas possibilidades de trocas comerciais, culturais e intelectuais.

Talvez seja neste ponto que a fronteira mais interfira na natureza, pois se poderia imaginar que governos e povos distintos utilizassem a natureza de formas diferentes, mas o que vemos no caso da fronteira no Pampa é uma troca cultural e intelectual que não apresenta grandes mudanças na forma de interagir com o ambiente. As pessoas de ambas as partes da fronteira parecem ver e lidar com o meio a sua volta de forma muito semelhante. Todavia, isto é o que podemos afirmar a partir da leitura destes relatos de viagem e provavelmente em outros períodos da História os governos adotaram medidas distintas perante o Pampa, especialmente por este ser o menor bioma do Brasil e, portanto uma pequena fração da representação da nação brasileira, enquanto é o bioma que se encontra na região mais

proeminente da Argentina e que se encontra na totalidade do território uruguaio, provocando nestes países uma aproximação indenitária nacional muito mais intensa e presente.

Independentemente de que lado da fronteira estavam, “os grupos dirigentes mostraram especial atenção na definição das fronteiras,..., com o objetivo de se imporem frente a seus vizinhos e conquistarem hegemonia regional, ao mesmo tempo em que exploravam recursos naturais, que lhes permitiriam ampliar suas bases econômicas” (LOPES; ORTELLI, 2006, p.22). A expansão e a ocupação do Pampa garantiria mais prestígio e terras para quem o conquistasse, por isto a definição de quem ficaria com cada pedaço deste espaço foi tão tumultuada e disputada.

Do ponto de vista cultural, os viajantes destacam que a vizinhança dos castelhanos contribuiu para modificar as expressões culturais da sociedade. Isabelle (2006, p.238-239) acredita que esta proximidade cultural atenuava as diferenças entre o modo de ser espanhol e o modo de ser português, percebendo, por exemplo, que as mulheres portuguesas e brasileiras possuíam mais liberdade quanto mais próximas viviam do território das antigas colônias espanholas. A dinâmica da fronteira fica bem clara quando Avé-Lallemant (1980, p.270) visita a terra de um vigário. Estas terras ficavam na margem brasileira do rio Uruguai, mas o mesmo possuía domínio sobre uma ilha fluvial que pertencia à República de Corrientes, demonstrando como era dinâmica a relação estabelecida pelas pessoas que viviam naquelas fronteiras. Muitas delas possuíam terras, negócios e relações sociais de ambos os lados da linha política imaginária que teoricamente sobre o pressuposto do nacionalismo deveria separar os destinos destas pessoas. Porém, o que se via era uma zona de fronteira onde tanto a natureza quanto os costumes eram compartilhados, o que não significa que não houvesse conflitos, diferenças e tensões ao longo dos anos. A fronteira que recortou o Pampa foi redesenhada inúmeras vezes e as pessoas que viviam na região viveram suas vidas, levando em consideração toda a peculiaridade que era se estabelecer ali, uma zona de trocas, mas também de conflitos.

Voltemos a nos ater nos aspectos físicos desta zona de fronteira. Sobre a paisagem os viajantes por vezes ficaram encantados com elas. Um ponto recorrente de observação da paisagem do Pampa ficava em Porto Alegre dali

goza-se da vista mais agradável, e mais grandiosa que se pode encontrar no país. No imenso horizonte terrestre, que se alcança dessa altura, nota-se em primeiro lugar, o porto com suas diversas e numerosas embarcações, seguindo-se o curso do Jacuí por suas multiplicadas bocas, e os vastos campos, cobertos de matos espessos, que fogem a Oeste até as imediações da Serra de São Martinho, cujos picos mais altos desenham-se sob um céu longínquo (DREYS, 1990, p.67).

É de Porto Alegre que muitos viajantes descrevem semelhante paisagem, ressaltando os inúmeros rios que se encontram para formar o Guaíba, a serra geral e os campos. Porém esta não é a única vista contemplada, algumas são familiares lembrando cenas da infância e locais visitados em um distante passado, enquanto outras revelam novas paisagens que chegam a condensar o bioma em apenas um quadro, era “uma perfeita planície pampeana, um perfeito oceano de relva” onde existe um “poder de seu efeito na alma”, neste “vasto espaço verde, não havia homem, nem habitação humana em parte alguma” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.289) só se via cavalos, vacas e veados pastando. A presença destes animais ou então a presença de campos cultivados e construções simbolizavam o progresso e a efetiva utilização daquele espaço, a paisagem ideal era aquela que fosse animada pela mão humana.

Na vila de Santiago, região central da província brasileira, era possível encontrar algumas chácaras e estâncias que estavam situadas em “um vale arborizado, onde corria um límpido regato, e alguns animais, que pastavam nas planícies onduladas, formavam uma pequena paisagem animada” (ISABELLE, 2006, p.202). Já em Restauración do lado argentino do Pampa, após passar por inúmeras palmeiras no campo.

surge uma verdadeira África. Começa um perfeito Pampa. Embora um imenso espaço se mostra a planície ainda um pouco ondulada e ao longe se formem extensas coxilhas, semelha, no entanto, vista de ponto regularmente elevado, um perfeito plano levemente inclinado aqui e ali, em cujos vales se elevam matagais, geralmente mimosas, formando muitas vezes cercas naturais. Fora disso nenhuma árvore (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.301).

Ali “o quadro de desenfreio, isolamento e selvageria [é] muito mais vivo do que na província brasileira” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.301) sendo que bastava se afastar “alguns minutos de Uruguiana, [que] já nos encontrávamos em pleno Pampa. Árvores, arbustos, pomares, plantações, habitantes, tudo desaparecera” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.312). Tudo era silêncio e tranquilidade naqueles campos.

Poder-se-ia achar que o Pampa era muito fácil de ser percorrido, já que o mesmo não apresenta grandes mudanças de altitude como as zonas montanhosas e nem lembra um labirinto como uma mata fechada, porém na prática os caminhos do Pampa poderiam ser um verdadeiro tormento para qualquer viajante, como já vimos no relato de Saint-Hilaire que se perde por diversas vezes. Uma viagem pelo Pampa podia ser “bem fatigante e monótona, para quem não é amante da natureza e admirador apaixonado de suas obras” (ISABELLE, 2006,

p.182). Muitas pessoas reclamam da falta de estradas e das condições precárias delas, além de mapas e rotas confusas que frequentemente fazem com que as expedições errem a direção, sendo que estes caminhos “estão mais na boa vontade dos que o conhecem bem do que debaixo dos pés de quem os utiliza” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.258), a própria “relva dos Pampas é às vezes mais alta que o cavalo e o cavaleiro” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.203). Para se guiar em campos intermináveis qualquer coisa poderia vir a ser um marco de orientação, servem assim “de marco um fosso, uma distante encosta de barro vermelho, uma pedra” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.192) e qualquer outro elemento natural ou edificação presente no caminho pretendido. As rotas fluviais também se valiam de marcos destacáveis pelo caminho, como era o caso de uma figueira muito grande que servia como ponto de referência na navegação do rio Camaquã (DREYS, 1980, p.32).

Notamos que a ausência de elementos demarcatórios dificultava a travessia pelo Pampa e que a presença de um ou outro elemento, por mais banal que aparentasse ser, como uma pedra, poderia auxiliar a pessoa que estava se deslocando de uma localidade a outra. Diversos autores (DOMANSKA, 2006; GUMBRECHT, 2010; JERRAM, 2013; KOSELLECK, 2014; OLSEN, 2003;) têm apontado para a importância do estudo das coisas e da espacialidade na História e nas Ciências Humanas. Eles destacam, partindo de diferentes perspectivas e bases teóricas, a importância dos objetos e da materialidade nos processos históricos, pois “a vida humana consiste na incessante e variada interação entre pessoas e uma miríade de tipos de coisas”⁸⁰ (SCHIFFER, 1999, p.2 apud OLSEN, 2003, p.87, tradução nossa).

A presença ou a ausência de certos elementos naturais eram essenciais para o estabelecimento e manutenção de cidades, o acesso a fontes de água e de madeira eram muito importantes. Procurava-se também construir as habitações em colinas com campos abertos a sua volta, para que se pudesse ter uma visão dos arredores e conseqüentemente mais segurança, assim “era possível ver o que se aproximava e defender-se com antecedência” (THOMAS, 2010, p.275). Além dos animais e das plantas que faziam parte daquele bioma ou que vieram a fazer parte dele ao longo dos anos, inúmeros objetos constituíram parte da história, da cultura e do cotidiano daqueles povos. As simples ferramentas artesanais de algum peão, os brinquedos que entretinham as crianças, o mais belo vestido da jovem que saía para uma festividade. Cada objeto tinha uma função e muitos deles simbolizavam prestígio, luto e outras tantas significações. A ausência de uma ferramenta poderia acarretar no atraso de um

⁸⁰ No original: “(the) human life consists of ceaseless and varied interaction among people and myriad kinds of things”.

trabalho e qualquer pessoa que se encontrasse com uma onça e não possuísse nenhum tipo de arma para matá-la ou ao menos afugentá-la sentiria imediatamente a ausência de um objeto que poderia ser a princípio ordinário no cotidiano daquele período.

Já a presença de algum objeto poderia estabelecer elos materiais com o passado e resgatar memórias e sentimentos diversos. Em São Borja, Avé-Lallemant procurou pela casa do viajante e botânico Aimé Bonpland, este havia sido o principal companheiro de viagem de Alexandre von Humboldt na virada do século XIX. A expedição de ambos se tornou extremamente famosa e em muito contribuiu para as futuras viagens pelo continente americano empreendidas por diversos viajantes europeus, assim como o próprio caso de Avé-Lallemant, que recebera recomendações de Humboldt. Na cidade missioneira, o viajante alemão foi informado de que Bonpland havia ido morar na Argentina depois de longos anos vivendo em São Borja, ele inclusive estava muito doente e não respondia mais as cartas de seus amigos brasileiros. Na antiga casa de Bonpland, já abandonada, Avé-Lallemant relata que “em vão busquei uma lembrança,..., nada mais havia, nem sequer as portas,..., encontrei, no chão, uma guampa,..., apanhei-a e levei-a comigo,..., como querida e valiosa relíquia do lar de Bonpland” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.269). Este objeto, uma guampa de boi, é levado por Avé-Lallemant como uma lembrança do velho viajante, de uma época diferente e que ele não viveu, de memórias de uma história que já estavam desaparecendo materialmente. As “coisas” encontradas pelo viajante e aquelas encontradas pela arqueologia são nada mais do que representações do passado, não são o passado em si, são fragmentos que continuaram a existir e podem compor nossa compreensão sobre o que ocorreu, sem conseguir, no entanto, voltar a ser o que foram.

Munido da guampa como lembrança daquele passado, Avé-Lallemant partiu em busca de notícias de Bonpland, como uma tentativa quase desesperada de dar sentido para aquela história. Ele partiu “em nome da ciência” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.306), pois foi um dos últimos europeus, um dos últimos cientistas que percorreram aqueles campos em busca de Bonpland. Ao chegar à humilde localidade de Santa’ana⁸¹ encontra o velho Bonpland em uma precária habitação (Figura 2) onde ele já “não tinha mais presente; pertencia à primeira metade do século dezenove, não à segunda” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.306), contava histórias e parecia já estar desconectado deste mundo. O médico viajante pouco pode ajudar e dezessete dias após a visita Bonpland morre aos 84 anos.

⁸¹ Hoje uma pequena cidade chamada Bonpland em Corrientes, Argentina.

Figura 2 – Estância de Santana, onde Aimé Bonpland viveu os seus últimos anos.



Fonte: (AVÉ-LALLEMANT, Robert Avé. 1859). Elaborada na famosa editora alemã de Friedrich Arnold Brockhaus, retrata a última moradia de Bonpland e faz parte da edição original do livro de Avé-Lallemant.

A presença silenciosa da natureza e dos objetos provoca em nós uma grande dificuldade de perceber a influência que sofremos deles cotidianamente. Enxergar a natureza e os objetos em nossa volta é realmente simples, porém, conseguir compreender a influência destes elementos de forma mais profunda, analisando-os, estudando-os e estabelecendo suas relações com os outros objetos e conosco é um verdadeiro desafio. O que engrandece este desafio é que as coisas do mundo material “não chamam atenção para elas próprias. Elas estão tão integradas em nossas vidas, estando ao mesmo tempo como a mais óbvia e mais escondida”⁸² (OLSEN, 2003, p.94, tradução nossa). Mesmo estando presentes em nosso cotidiano uma infinidade de objetos ou de elementos naturais nos fogem a observação menos atenta, mesmo que sua função seja vital para a manutenção das nossas vidas, como o ar que respiramos a todo instante e que nem sempre paramos para pensar sobre ele.

Atualmente a água pode ser bastante banal em nossas vidas, ou pelo menos na vida de quem tem acesso a este recurso, o que sabemos que não é todo mundo. De qualquer forma,

⁸² No original: “do not call attention to themselves – they are so integrated in our lives, being at the same time the most obvious and the best hidden”.

quando alguém sente sede basta um simples girar de torneira para saciar esta necessidade. Algo tão comum nos dias de hoje faz com que não notemos a complexidade de criar e manter um sistema de captação e distribuição de água que necessita de conhecimento e trabalho humano, mas também de uma grande quantidade de recursos, equipamentos, ferramentas e objetos para ser mantido. A falta de uma tubulação ou de uma simples torneira pode afetar a nossa interação com o espaço.

Esta ausência era mais facilmente sentida pelos viajantes e pelas pessoas que percorriam o Pampa, pois nem sempre havia uma fonte de água limpa próxima, especialmente em períodos de seca. Quando damos falta de algo, seja a arma para afugentar uma onça ou a falta de água, é quando mais sentimos a importância que aquilo pode desempenhar em nossas vidas, podendo em alguns casos ser vital para a manutenção dela. Em outros casos a ausência é muito menos impactante, mas do mesmo modo pode gerar uma grande variedade de sentimentos e de efeitos. Quando perdemos uma tesoura e não conseguimos abrir de modo algum um pacote isto pode nos irritar por certo momento; quando a infraestrutura de uma escola não oferece o mínimo de objetos e locais necessários para a execução de suas atividades, a aprendizagem dos alunos é afetada; quando um bioma apresenta diversos elementos estranhos à percepção de um viajante e ao mesmo tempo deixa de apresentar certos elementos naturais comuns as paisagens de sua terra natal, este viajante pode ficar decepcionado e desgostoso, pode também admirar aquele espaço incomum, enfim, pode ter uma variedade enorme de reações dependendo do que interagiu e como interagiu com o espaço naquela viagem e ao longo de sua vida. Em Salto, no atual Uruguai, Isabelle reflete e se entristece com a paisagem dos arredores, pois:

havíamos pensado, não sei bem por que, que, à medida que avançássemos, mais encantadores deveriam ser os lugares e as paisagens. Não será assim, afinal, que caminhamos na estrada árida e tortuosa da vida?... Desencantos sobre desencantos, mistificações sobre mistificações, até o momento em que o túmulo se abre, centuplicando talvez a soma das mistificações e dos desenganos! (ISABELLE, 2006, p.173)

Desta forma o viajante além de lamentar a falta de elementos naturais que embelezassem aquelas paisagens, nos deixa também uma mensagem pessimista sobre os caminhos percorridos e sobre a própria vida.

3.6. O macaco e o galo: o guincho primitivo e a trombeta da civilização

Certa vez caminhando por uma floresta próxima de Santa Cruz do Sul, Avé-Lallemant em pleno silêncio tem sua atenção chamada pelo canto de galo. Este canto possuía “alta significação! Anunciando a morte da floresta e a vida da civilização” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.173). O som produzido pelo galo e percebido pelo viajante indicava que alguma habitação estaria próxima, que logo a floresta acabaria e a civilização seria novamente encontrada. Em contraste ao som do galo estava o som do macaco, “cruel sempre me parece o guincho dos macacos: é o guincho do estado selvagem primitivo, da brutalidade e do desespero; não posso ouvi-lo sem sentir uma espécie de espanto” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.173). Ao ouvir os sons de um grupo de macacos, o viajante sabia que estava longe da civilização ou ao menos se aproximando da natureza das selvas do Novo Mundo.

“O canto do galo, ao contrário, não é a trombeta da civilização que se aproxima? Apenas se abre uma clareira, apenas se edifica uma cabana, lá está o galo doméstico, dentro das brenhas, soltando a plenos pulmões o seu canto apostolar” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.173). O contraste entre estes dois animais e o que representavam para o viajante simbolizam o pensamento muito frequente e muito forte encontrado no escrito destes viajantes e de muitas outras pessoas do período. Esta história reflete o contraste entre o civilizado e o incivilizado, o cultivado e o inculto, a cidade e o campo, entre o mundo humano e o da natureza. Neste trecho de capítulo iremos nos deter sobre as formas de perceber o mundo natural no relato de Avé-Lallemant, Isabelle e Dreys, veremos que a dicotomia do galo e do macaco estarão presentes nos relatos em diferentes níveis.

Dreys é o viajante mais antigo deste estudo, tendo viajado entre 1817 e 1827. Ele é também o viajante mais pragmático e seu relato é muito bem organizado e dividido. Ele buscou fazer, em seu livro, “um resumo muito diminuto das esplêndidas manifestações locais da natureza em todos os seus reinos” (DREYS, 1990, p.62), mas como ele mesmo ressalta, faltaram detalhes em seu escrito, bem como mais espaço para que ele desenvolvesse sua percepção sobre o bioma Pampa. Um texto com poucas opiniões, no qual, mesmo assim podemos identificar alguns elementos que se aproximam com uma ou outra perspectiva sobre o mundo natural.

Como trabalhamos anteriormente, temos de um lado uma visão mais arcaica, tradicional e ligada ao neo-iluminismo e outra visão mais recente, religiosa e romântica

(BAUMER, 1977; THOMAS, 2010), sem mencionarmos as cinco categorias elencadas por Pádua (2002). Dreys é o viajante que mais se aproxima do pensamento tradicional característico do século XVIII, talvez pela sua própria aproximação com este século ou por uma série de outros fatores como influências culturais e intelectuais do mesmo. Não que Dreys não admirasse a natureza e a contemplasse acreditando que a região possuísse um clima suave e agradável, um solo fecundo e fontes de água pura onde “no verão, não há nada mais alegre do que suas campinas cobertas, sem trabalho, de uma relva nutritiva, alimentada acidentalmente por algumas chuvas, e continuamente pela umidade natural do terreno; benefícios,..., de um clima temperado” (DREYS, 1990, p.51), achando bela a terra, mesmo que improdutiva.

Dreys vai além e parte para a defesa da natureza ao dizer que tudo o que a humanidade faz “na tendência da natureza é bom e durável; tudo o que se pretende em sentido oposto é precário e sem resultado” (DREYS, 1990, p. 37). Desta forma, não adianta tentarmos modificar a natureza se provocarmos danos a ela, isto não resultaria em resultados positivos para nós, mas a sociedade pode melhorar a natureza, produzindo mais e a alterando se isso não trouxer resultados ruins para ela. Ele enxergava o potencial da região, mesmo que este não estivesse totalmente desenvolvido, ainda faltavam muitos produtos na província do Rio Grande do Sul, devido “menos talvez por falta de propriedade, do que por insuficiência de trabalhadores” (DREYS, 1990, p.71).

Dreys ainda deixa registradas passagens que nos dão uma brevíssima ideia de como era o acesso e a interação da população urbana com a natureza do seu entorno ao expor que em Porto Alegre “a arte e o trabalho coligaram-se para transformar em aprazível jardim uma terra naturalmente estéril: agora distribuída, carregada de produtos, entre vários vizinhos possuidores de hortas, e de casas de recreio” (DREYS, 1990, p.68). Neste caminho muitos habitantes da cidade passeavam, mas nem todos conseguiam desfrutar daquele momento de lazer, pois apenas os que tinham recursos e disponibilidade de tempo percorriam aquele agradável caminho na beira da lagoa. Do outro lado da cidade, ao norte, se encontrava o Caminho Novo, percorrido também por Saint-Hilaire, ele ia até a proximidade do rio Gravataí e era “bordado de ricas chácaras, de jardins aparatosos, abundantes em flores, e de frutos, cujos aromas misturados na atmosfera suavizam o olfato, e despertam o apetite” (DREYS, 1990, p.68), sendo prática comum experimentar de qualquer fruto, mesmo que dentro de alguma propriedade e sem necessitar da permissão de seu dono.

Expusemos alguns trechos do relato de Dreys onde este exalta qualidades da natureza, de sua beleza e das coisas que animavam a paisagem, porém o relato de Dreys está mais fortemente relacionado ao pensamento neo-iluminista e as formas de perceber a natureza a partir do aspecto econômico-produtivista típico dos séculos anteriores ao XIX. Sua forma de escrever e sua visão de natureza são pautadas na realidade e na tentativa de escrever um texto científico buscando se aproximar de uma cientificidade e de uma possível isenção de opinião. Ele é o viajante mais próximo da ideia de que a natureza deve ser melhorada e utilizada para o progresso da sociedade chegando a acreditar que o “homem pode mais que a natureza; aonde achou impotência e miséria ele fez nascer prosperidade; pois, a cidade de S. Pedro⁸³, com suas casas suntuosas, seus ricos armazéns, seus cais regulares e seu porto retificado, pode agora concorrer com as mais notáveis cidades” (DREYS, 1990, p77) da América. Nesta mesma cidade, o naturalista, o militar e o agrônomo nada teriam “com que se ocupar” (DREYS, 1990, p.45), pois ali as areias invadem tudo e estão por todos os lados sendo um cenário de esterilidade sem nada natural para se observar.

Porém, em algumas passagens, o viajante também exhibe uma visão negativa do papel humano na natureza, para ele as pessoas são extremamente destruidoras e agressivas. Certo dia, observando uma quantidade incrível de aves reunidas pelos campos notava que elas não brigam e não se matavam, já “supondo igual multidão de homens reunidos no mesmo lugar, a morte, cada dia, juncaria a terra de suas vítimas” (DREYS, 1990, p.57). A figura humana era para ele a inimiga “natural de tudo o que respira, como o temos experimentado” (DREYS, 1990, p.59), e mais do que isso, a raça humana tem uma “missão de destruição” (DREYS, 1990, p.60) que no Pampa só encontra adversário na ferocidade das onças.

Com uma visão muito mais branda, Isabelle possuía diferentes pensamentos para diferentes momentos. Assim como Saint-Hilaire, de quem Isabelle tanto gostava, seu escrito possuía características mistas das duas formas de pensamento predominantes do período, mostrando que o processo de transição de um pensamento mais antigo e progressista para um pensamento mais romântico e religioso não se deu do dia para a noite. Este foi um processo lento que inicia no século XVIII e pode ser visto se alterando aos poucos, ao longo do XIX, nos próprios relatos de viagem. Essas novas sensibilidades surgiram mais facilmente nos leitores de literatura que viviam no conforto das cidades do que em quem trabalhava cotidianamente na terra e que geralmente preferia a uma praticidade no mundo natural que lhe poupasse trabalho e lhe rendesse mais do que uma natureza naturalmente desordenada e com

⁸³ São Pedro era o antigo nome da cidade de Rio Grande, bem como o nome da província.

fins puramente estéticos e contemplativos. Os nossos viajantes em contato com tantas realidades diferentes e com referências culturais das mais diversas, apresentam uma rica gama de percepções, sendo que alguns são mais tradicionais e outros mais modernos no que se refere ao olhar a natureza, porém todos possuem influências de todos os lados.

Isabelle trás este pensamento de domínio da natureza em certos trechos de seu texto. Ele também percebia que o Pampa não possuía muitos atrativos à primeira vista, “o aspecto de Paissandu é pouco agradável,..., uma colina desprovida de árvores,..., sua vista é monótona,..., o campo que fica a leste não pode ser mais triste, por sua nudez e sua falta absoluta de cultivo” (ISABELLE, 2006, p.155). O Pampa, como já vimos, era visto de forma negativa por não apresentar cultivo e características naturais que tornassem a paisagem tão heterogênea quanto esperada pelos viajantes. A falta de cultivo era fator de ojeriza para eles e por muita gente, pois “por toda a primeira fase dos tempos modernos prosseguiu esse labor – empurrando a lavoura colinas acima, recuperando charcos, drenando pântanos, convertendo charnecas em solo arável” (THOMAS, 2010, p.360). No século XVIII, “a ideologia do aprimoramento estava tão difundida” (THOMAS, 2010, p.361) que não era incomum ouvir os desejos de alguém por “transformar ‘as terras estéreis do reino em cultura’ e ‘cobri-las de nabos, trigos e trevos, ao invés de urzes, tojo e fetos”” (THOMAS, 2010, p.361), como o escritor inglês Arthur Young dissera. Muito deste pensamento parece estar impregnado no escrito de Isabelle, bem como dos outros viajantes.

A visão negativa sobre a região está relacionada em grande parte pelo povo que ocupava a região, já que não precisava muito esforço para cultivar a terra, pois ali “a natureza, essa mãe boa e providente, se encarregará do resto” (ISABELLE, 2006, p.222), sendo os principais culpados pelo atraso da ocupação da terra as próprias pessoas que naquele espaço viviam. Em um dia de verão, em Montevideu “só os jardins, enfeitados de plantas estrangeiras, deixavam ver uma natureza menos apagada, tintas menos sombrias,..., diante de mim uma terra árida, quase sem cultura, e um solo uniforme” (ISABELLE, 2006, p.41-42). O cultivo da terra nos jardins denota cuidado e trabalho na tentativa humana de colocar ordem à natureza caótica, a beleza da cena é ainda ressaltada pela presença de plantas de origem do Velho Mundo aos quais os olhos do viajante já estavam familiarizados. Mas o belo na cena era trazido pelo estrangeiro que colonizava a terra e colocava a ordem europeia de ocupação no solo americano.

“Uma nação industriosa como a dos norte-americanos, por exemplo, já teria aplainado as pequenas dificuldades que entravam a navegação do Uruguai e enchido esse belo rio de

embarcações a vapor, para facilitar o crescimento da população e o escoamento dos produtos” (ISABELLE, 2006, p.175). Porém o que se via era bem diferente, a população se concentrava em disputas sangrentas e em questões desimportantes que somadas à apatia dos habitantes resultava em poucos avanços, na opinião do viajante. “A preguiça e a indolência dos nativos são um obstáculo a toda espécie de inovação útil, e seria necessário que os estrangeiros dessem o exemplo” (ISABELLE, 2006, p.224), apesar da hospitalidade enorme dos brasileiros e argentinos, os homens do campo viam com maus olhos os estrangeiros que se estabeleciam no comércio e na indústria, como foi o caso do próprio Isabelle que em Buenos Aires temeu ser perseguido. Esses “homens, meio selvagens, vêm com desagrado os estrangeiros que os obrigam a sair do seu gênero de vida rústica, para que se coloquem no nível da civilização” (ISABELLE, 2006, p.225), tendo Isabelle conversado com muitos estancieiros sobre tal característica do povo.

Tomando os escritos de Saint-Hilaire como base, Isabelle relata que a agricultura no Brasil ainda não aproveitava todo o potencial do país e as técnicas utilizadas eram ainda rudimentares como a queimada e o roçado. Sobre Salto, acreditava que “o lugar, realmente, tem possibilidades de prosperar” (ISABELLE, 2006, p.175), opinião semelhante ele tem sobre diversas outras partes do Pampa. A prosperidade não se daria através da manutenção de grandes estâncias e grandes propriedades, comuns na região. Ele as critica por serem parte da ambição desmedida dos estancieiros que “quando não obtêm esses vastos terrenos, de parte do governo, a título de concessões, compram de seus vizinhos pobres as terras que os rodeiam, livrando-se assim de qualquer concorrência inoportuna,..., [isto] deve retardar consideravelmente o progresso de uma região” (ISABELLE, 2006, p.221). O governo imperial do Brasil até criou leis para controlar este “abuso” que era a acumulação das terras nas mãos de poucas famílias, mas a fiscalização era muito incipiente. “Por todas essas razões, uma grande quantidade de sítios magníficos, de terrenos fertilíssimos e próprios à cultura de cereais, algodão, açúcar, café e mandioca, ficarão ainda muito tempo habitados unicamente por bois, carneiros, mulas e cavalos” (ISABELLE, 2006, p.222), ressaltando a preferência do viajante por uma terra voltada para a agricultura e não para a pecuária.

Por fim, Isabelle ainda tem uma visão negativa sobre as matas, que estavam localizadas em maior quantidade na zona limítrofe do Pampa e ao longo dos cursos da maioria dos rios pampeanos. O viajante desenvolve uma comparação entre as florestas europeias e as do Novo Mundo. As “florestas sombrias” (ISABELLE, 2006, p.205), os “matos sombrios” (ISABELLE, 2006, p.209) e a “serra, que forma uma espécie de grande muralha sombria,

destinada a separar em duas partes, mais ou menos iguais, ao sul e ao norte, a interessante província do Rio Grande do Sul” (ISABELLE, 2006, p.216), são passagens muito comuns nos relatos dos viajantes e revelam um olhar sobre estas áreas que desde o período medieval estava presente, naquela época elas estavam associadas a coisas obscuras, religiões pagãs e abrigo para selvagens (SALE, 1992). Posteriormente, esses locais foram sendo vistos como empecilhos para o progresso, onde comunidades rudimentares viviam afastadas da luz e da razão. “Um dicionário poético de meados do século XVII sugere, com epítetos apropriados a uma floresta ‘terrível’, ‘sombria’, ‘selvagem’, ‘deserta’, ‘agreste’, ‘melancólica’, ‘desabitada’ e ‘assolada por feras’” (THOMAS, 2010, p.275).

A floresta foi considerada pela civilização europeia, por um longo período de tempo como um local considerado selvagem, um local incivilizado, rebelde, desgovernado, desordenado e que provocava as pessoas ficarem perdidas, confusas e descontroladas. Nesta visão, o dever da humanidade era civilizar o que era rude e dominar o que era selvagem, devendo exercer seu domínio sobre as terras conquistadas, seus tesouros e povos incivilizados. Indo de encontro a esta ideia, temos os pomares de laranjeiras cujas folhas verdes escuro são sempre vistas como sombrias, mas elas também contribuem “para o embelezamento da paisagem” (ISABELLE, 2006, p.216) oferecendo sombra às casas da vila de Santa Maria, que possui uma situação “bastante agradável. Os arredores são encantadores” (ISABELLE, 2006, p.216) por serem razoavelmente habitados. Assim, Isabelle demonstra que apesar de seu pensamento ainda estar ancorado em tradições muito antigas, como a ideia medieval sobre florestas, suas ideias eram muito mais brandas e menos radicais.

Este viajante via na natureza diversas situações contemplativas que o aproximavam do mundo natural para exaltar sua beleza. Isabelle constantemente escreve sobre “lindo espetáculo”, “belo crepúsculo” e os “arredores magníficos”, bem como outras situações que o levam a adjetivar positivamente alguma situação vivenciada. Ele considerava o Brasil como “a mais bela região da América” (ISABELLE, 2006, p.36) e os humanos melhores do que demais animais, mas justifica isto em tom bastante religioso “para testemunhar minha admiração e minha profunda submissão ao soberano autor de tantos atributos que nos elevam acima dos animais” (ISABELLE, 2006, p.28). A capacidade humana de superar os obstáculos impostos pela natureza como os grandes rios da região que possuem alguns entraves para a navegação “mas com um pouco de engenho será possível vencê-los facilmente” (ISABELLE, 2006, p.47), bastando um povo industrioso para realizar as melhorias necessárias e a explicação para o pouco progresso da região se deve “a causas puramente políticas”

(ISABELLE, 2006, p.49), não devendo a natureza ser cobrada, já que ela apresenta condições para no futuro ser explorada em seu potencial.

Continuando suas reclamações sobre o povo da região, ele indica que as terras reclamam “braços laboriosos para cultivá-las, uma vez que produzem em abundância” (ISABELLE, 2006, p.52). As pessoas que habitam esta terra chegavam a mostrar apatia, pois estavam acostumados com a “terra fecunda que dá frutos sem ser cultivada, só com a ajuda do céu” (ISABELLE, 2006, p.97), deixando assim de trabalhar e de se esforçar como deveria ser o correto. A Argentina pode se gabar por ser uma das regiões mais prósperas do mundo, produzindo produtos tropicais e europeus, tendo uma infinidade de cursos de água que permitem um comércio e comunicação mais baratos e eficientes, sem contar na “propagação fácil do gado [que] é uma fonte inesgotável de riquezas” (ISABELLE, 2006, p.135). “Favorecida pela natureza, como se a tivesse escolhido para se mostrar em toda a fertilidade, a Banda Oriental não é menos importante por sua situação geográfica, na embocadura do rio da Prata” (ISABELLE, 2006, p.46), mostrando elementos naturais que poderiam ser explorados futuramente e que poderiam trazer rentabilidade e prosperidade para o pequeno país.

Sobre a vegetação o viajante comenta que:

para quem nunca viu a maravilhosa vegetação do Brasil, a do [rio] Uruguai, como a do [rio] Paraná, é em verdade surpreendente: todas essas ilhas estão de tal modo cobertas de árvores diferentes, de moitas espinhentas, de plantas sarmentosas, que a gente só pode penetrar de machado ou faca em punho. Nossos olhos se deleitavam na mistura das árvores, no contraste das verduras e das flores (ISABELLE, 2006, p.153).

As matas até poderiam ser sombrias, mas elas davam um tom exótico à região, lembrando a exuberância das florestas dos trópicos. Uma paisagem muito bonita que ele encontra era a dos arredores de outro rio, o Jacuí que estava entre “algumas colinas meio arborizadas, corre entre belos prados verdes, regados por numerosos arroios, à sombra de árvores floridas, em torno das quais voejam sem cessar muitas espécies de beija-flores” (ISABELLE, 2006, p.219). Exaltando certos elementos da paisagem em um “lindo sítio do Rincón [de las Gallinas], onde a vegetação é rica e variada. Ficamos em êxtase diante de uma multidão de árvores e arbustos diferentes, e de plantas em flor,..., com uma deliciosa harmonia” (ISABELLE, 2006, p.152). Naquele lugar, as inúmeras árvores de espinilho, colmeias de abelhas e uma vegetação verde e espessa completavam o cenário, um “lindo lugar” que estava longe de estar “deserto”, pois possuía veados, emas, capivaras, gado e

muitas aves. O lugar impressionava pela sua biodiversidade e também pelos inúmeros elementos novos aos olhos do viajante que se encantava com a fauna e a flora nativa, mas também destacava a beleza das plantas e animais vindos da Europa e do Velho Mundo.

Isabelle possui muitos contrastes e ao seguir a influência de outros escritores, cientistas e viajantes mais antigos, ele acaba se aproximando das visões de natureza mais tradicionais, destacando a importância do cultivo e do trabalho humano sobre a terra. Além de geralmente relacionar as zonas de matas com um sentido negativo. Porém, talvez por expressar seus sentimentos de forma tão intensa, acaba demonstrando momentos em que se aproxima mais do pensamento romântico, exaltando a beleza de um lugar apenas pelas suas características estéticas e pelo seu valor de reflexão e contemplação. Sua crença de que Deus fez o homem e a natureza também o aproxima dos românticos, que quase sempre eram mais religiosos do que os neo-iluministas.

O movimento romântico do século XIX é um dos movimentos que impulsionam novos olhares para a natureza e aos poucos modificam as sensibilidades e o modo de interação das pessoas com o meio. Segundo Baumer (1977), este movimento era extremamente plural, mas em linhas gerais acreditavam que a natureza era uma obra divina e que ela oferecia lugares especiais onde as pessoas poderiam viver e sentir-se mais próximas de Deus e perceber a insignificância humana perante uma natureza divina, onde o conceito antropocêntrico, ao menos do ponto de vista da centralidade do homem racional e objetivo, foi aos poucos sendo quebrado. As explicações para as questões do mundo eram buscadas no inconsciente e em coisas desconhecidas, não tanto na ciência, sendo este o ponto mais distante dos viajantes analisados, já que os mesmos tem uma proximidade com a ciência que parece ser bem atuante e não demonstram acreditar no sobrenatural ou em explicações do gênero.

A variedade e a riqueza da natureza são observadas e valorizadas, os jardins e as casas de campo são elogiados e as paisagens contempladas pelos românticos. O viajante mais próximo desta perspectiva é Avé-Lallemant, talvez pelos contatos que possuía como os diversos músicos românticos amigos de seu irmão ou do próprio Von Humboldt, seu mentor e um dos principais expoentes do movimento romântico, de acordo com Thomas (2010, p.369). Mas talvez tivesse mais proximidade destes pensamentos do que os outros viajantes por ser o mais novo deles e por, possivelmente, a sociedade em que vivia ser mais romântica e menos neoiluminista do que no passado.

Para a historiadora Jacqueline Ahlert “o discurso de Avé-Lallemant vincula-se mais ao romantismo no sentido estrutural e estilístico do texto.” (AHLERT, 2012, p.37), podemos ver

este pensamento em passagens de seu texto sobre a Mata Atlântica da província do Rio Grande do Sul, “este leito de rio, selvagememente romântico” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.135), na “profunda solidão da floresta” se viu feliz ao contemplar as árvores e a cascata do rio da Cadeia, ali “guardei no meu coração a gente das picadas com sua rusticidade independente e sincera” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.136). Este pensamento está relacionado aos pensamentos românticos e rousseuniano, sendo uma clara exaltação do aspecto genuíno das pessoas rústicas relacionando-as à pureza, podemos compreender isto a partir do “contraste entre, de um lado, o campo e, de outro, a cidade e a corte: aqui natureza, lá mundanidade” (WILLIAMS, 2011, p.81). Porém nem sempre os cidadãos eram vistos como mais suscetíveis aos pecados que a civilidade trazia ou vistos como mais afastados das criações divinas. Desde os “tempos da Renascença, a cidade fora sinônimo de civilidade, o campo de rudeza e rusticidade. Tirar os homens das florestas e encerá-los numa cidade era o mesmo que civilizá-los” (THOMAS, 2010, p.345), assim, por muito tempo durante a idade moderna as cidades foram glorificadas enquanto as pessoas que viviam nas zonas rurais e a própria natureza destes locais foram menosprezados.

Thomas revela que os principais alvos dos maus olhares na Inglaterra eram as terras montanhosas, pois eram empecilhos para a expansão das fronteiras agrícolas, todavia até mesmo “os habitantes de áreas montanhosas deixaram de ser desprezados por sua barbárie; passaram a ser elogiados por sua inocência e simplicidade” (THOMAS, 2010, p.368), em um processo de mudança de percepção sobre o espaço natural e seus habitantes que na Inglaterra foi marcante durante o século XVIII e XIX. Neste período surgem exaltações as belezas das paisagens do campo, buscando a beleza ali em contraposição aos cenários urbanos, onde os problemas de explosão populacional e poluição do ar eram cada vez mais marcantes, especialmente em Londres. Assim, o campo passa a ser uma alternativa de fuga, sendo repensado e ressignificado. A tranquilidade da vida no campo torna-se alvo dos românticos, passando a ser “retratado como um lugar mais virtuoso que a cidade” (THOMAS, 2010, p.353), como Avé-Lallemant já comentará.

A idealização espiritual e estética do campo foi se tornando cada vez mais intensa na Inglaterra setecentista. Processo pelo qual a Holanda e a Itália já haviam passado e que a França de Isabelle, Dreys e Saint-Hilaire, em breve tomaria conhecimento. A idealização do campo também refletiu em uma idealização das pessoas que viviam nele, o pacato pastor passou a ser visto não mais como um ignorante, mas como um ser sem maldades. Esta visão sem um recorte social correto era uma “leitura completamente equivocada das relações

sociais” (THOMAS, 2010, p.355), os autores românticos passavam a ter contato com os pobres trabalhadores assalariados e com as tensões sociais e morais presentes naquele espaço rural, mas escreviam sobre personagens fictícios, puros e ligados a Deus.

O relato de Avé-Lallemant vai ganhando outros tons românticos e ele descreve que fazia uma “viagem maravilhosa” e que a “paisagem era belíssima e eu não cansava de viajar”, na “noite encantadora” havia uma “graciosa desordem” onde se alternavam o “silêncio e o ruído da selva” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.136-137). A ordem tão bem vista pelos neo-iluministas era aqui deixada de lado, pois a profusão de elementos desalinhados de cores, formas e tamanhos diferentes presentes na zona de Mata Atlântica próxima ao Pampa encantavam os sentidos do viajante. A noite era o mundo dos românticos, “em contraste com o dia ou a luz, significava aquilo que exaltava as pesadas asas da alma e as levava para além do mundo espaço-temporal em direção às regiões infinitas” (BAUMER, 1977, p.26), era nas sombras da noite que se escondiam os segredos tentadores e os mistérios que a luz da ciência não poderia explicar. O desconhecido e o infinito eram belos mesmo sem poderem ser compreendidos em sua plenitude, isto fascinava as pessoas.

Já no Pampa, o viajante navegando pelo rio Jacuí informa que “a medida que penetrávamos a encantadora solidão do rio, mais bela se tornava a noite” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.161), estes rios ofereciam “magníficos cenários fluviais e graciosas perspectivas de paisagem” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.162)

Sempre que vejo a mata virgem caindo a golpes de machado e a força de fogo, ocorreu-me um pensamento do Meia-de-Couro⁸⁴; acudiu-me naquela manhã. Era na alvorada do domingo. Uma estreita vereda me levava mata a dentro e em pouco me vi cercado de milhares de formas, cores e figuras, botânicas e zoológicas, da mais espessa floresta. Pingaram melodicamente as últimas gotas de orvalho das capas das árvores, onde variegados papagaios limpavam a plumagem. Muito ao longe, corriam bandos de macacos. Nas clareiras esvoaçavam grandes borboletas. Tanto silêncio, um silêncio tão dominical, que se podia ouvir a respiração das plantas. Sobre um tronco de árvore abatida, em carne e osso a imagem do Meia-de-Couro de Cooper, a quem parecia pecado atacar a ferro e fogo as magníficas florestas de Deus, como se a natureza servisse apenas para a plantação de couves e nabos. Eu próprio era o Meia-de-Couro (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.172-173).

Esta grande passagem nos aponta inúmeros traços de romantismo. O fato de citar Fernimore Cooper, um dos expoentes do romantismo na literatura e do viajante passar a se considerar o próprio personagem criado por este autor são fatores de peso para o

⁸⁴ Personagem caçador criado pelo romancista Fenimore Cooper, autor que fora citado por Alexandre Baguet como vimos no capítulo anterior.

relacionarmos ao movimento romântico. Considerava-se incapaz de fazer mal à natureza, chegando a acreditar que tal ato pudesse ser considerado um pecado, tendo aqui uma ligação religiosa, típica do romantismo. Via nas inúmeras sutilezas da natureza beleza, como no bater de asas da borboleta ou no passeio de um grupo de macacos pelas árvores. A própria narrativa desapressada para expressar essas minúcias demonstram a atenção e carinho do viajante por aquela cena. Além disso, questiona qual era o papel da natureza, acreditando que ela servisse para muito mais coisas do que apenas a produção de alimentos para sustentar a sociedade humana, haveria na natureza um sentido de existência e contemplação.

A citação de um autor romântico, o estilo de escrita, os detalhes da natureza elencados, a contemplação do mundo natural, um olhar crítico sobre a utilidade da natureza e a associação desta com divindades demonstra diversos pontos do pensamento romântico clássico da metade do século XIX, como Franklin Baumer (1977) elenca em sua obra.

Esse simples quadro campestre, em sua virginal pureza, lembra maravilhosamente o dia da criação, quando o senhor criou os animais do campo; quão pouco corresponde isso à expectativa dos que, em viagem sul-americana, só esperavam achar sangrentas histórias de onça e cenários de florestas escuras! (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.289).

Diferentemente dos outros viajantes, especialmente Isabelle e Saint-Hilaire, em que as ideias se encontram bastante misturadas, Avé-Lallemant nos apresenta um texto claramente pendente para o lado da apreciação da natureza, um texto mais poético e que expressa mais as belezas da região. “Amanhecera um dia magnífico” e “descortinara maravilhoso panorama” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.106), “graciosos vales” e “pequenas ilhas de aspecto verdadeiramente idílico” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.109), “na linda paisagem, uma aprazível cidade” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.110) chamada Porto Alegre. Logo ali “cintilava a lua entre as folhas, aves noturnas e grilos gritavam e cantavam estranhamente e em torno de nós os cavalos relinchavam; atrás da vizinha floresta sussurrava, no fundo, o Jacuí; noite singular, a um tempo encantadora e triste” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.197), a noite era carregada de mistério e símbolo do romantismo.

Uma “série de bonitas casas de campo e verdes e viçosos jardins, o espesso matagal do outro lado, através de cujas densas sombras dificilmente abrem caminho os regatos afluentes do Guaíba” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.110). A região de Porto Alegre estava “cada vez mais animada e mais navios e mais casas de campo” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.139)

compunham a paisagem, no fim “talvez seja Porto Alegre o melhor lugar do Brasil” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.160). A região era tão bonita aos olhos do viajante que ele a compara e a equipara com o norte da Alemanha, sua região de origem, “naturalmente, no norte⁸⁵ o espaço é mais modesto; o porte das árvores,..., talvez maior. Dominam no Jacuí e no Guaíba as palmeiras, acácias, bauínias e mirtas. Um olho mais arguto que o meu decidirá qual dos dois panoramas é o mais belo. Ambos me encantam” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.111).

Muito da exaltação da natureza realizada por Avé-Lallemant é em tom de propaganda para a colonização alemã da província do Rio Grande do Sul. O viajante, exalta os feitos daqueles que na região de Mata Atlântica “conquistaram o solo e os que na Alemanha eram criados tornaram-se senhores pelo direito do trabalho” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.121), assim “mesmo expostos a lutas peculiares contra obstáculos naturais, desenvolveram ainda mais determinação em resolver e em agir.” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.121) e conseguiram enriquecer em terras tão distantes da pátria mãe. Fora o trabalho que elevou a vida destes alemães, pois “a mata virgem só se vence a machadada” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.142).

Avé-Lallemant acreditava que “do caos da natureza selvagem brotará uma cultura policiada” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.172), podemos perceber que:

Nesta visão, a transformação da região selvagem denotava o plantio de um jardim,..., qualquer mudança no ambiente da Nova Inglaterra era divinamente ordenado e inteiramente positivo. Até o final do século XVIII, as metáforas para a mudança ambiental se tornaram mais humanistas do que providenciais, mas não estavam menos entusiasmados sobre o progresso que tal mudança representava.⁸⁶ (CRONON, 2011, p.5, tradução nossa).

A busca por um ordenamento do mundo natural resultaria em progresso para a sociedade e para a nação. A lógica humana deveria ser implantada na natureza que insistia em crescer desordenadamente para todos os lados e sem seguir qualquer padrão geométrico. Esta visão, mesmo que sendo rompida aos poucos ao longo dos séculos XVIII e XIX, estava de certa forma presente no relato de Avé-Lallemant, que elogiava locais onde tudo era “tão bem ordenado” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.215) e ressaltava o “belo quadro – a que ainda falta, naturalmente, qualquer expressão de cultivo e progresso” (AVÉ-LALLEMANT, 1980,

⁸⁵ Referindo-se a região em que nasceu no norte da Alemanha, Lallemant tem forte ligação com esta região e com o mar Báltico.

⁸⁶ No original: “In this vision, the transformation of wilderness betokened the planting of a garden,..., any change in the New England environment was divinely ordained and wholly positive. By the end of the eighteenth century, the metaphors for environmental change had become more humanistic than providential, but were no less enthusiastic about the progress such change represented”

p.218), reforçando os traços do pensamento mais tradicional em seu texto, mas não sobressaindo sobre o caráter predominantemente romântico de sua obra. Então sua proximidade com o romantismo de forma alguma apaga traços de outros tipos de pensamento, como ainda podemos ver na história do galo e do macaco, onde Avé-Lallemant demonstra acreditar em uma separação clara do mundo natural e do mundo civilizado da humanidade.

Em terras americanas, Avé-Lallemant aproveitou “muitas horas de solitário recreio e de contemplação” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.309) nas margens do rio Uruguai e viu na região muita terra “despida de qualquer cultura” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.319), sabia que ali “falta aquele infinito encanto que só o cultivo pode produzir” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.331) e enquanto “viajávamos através do vale e imaginava ali um vinhedo, aqui uma aldeia, lá nas alturas [da serra] um pequeno castelo e em toda a parte a abençoada cultura do solo, então, em espírito, realmente nada via mais gracioso do que o fundo do vale da Serra do Cambaí” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.331), um dos locais mais atípicos do Pampa, cheio de zonas rochosas e de altitude que se diferenciavam do aspecto de campos. “Na verdade, se a natureza não fosse tão bela em toda parte, chamaria aquele mundo silencioso o mais belo recanto apesar de sua insignificante singeleza” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.332).

E era assim que Avé-Lallemant visitara o Pampa, com diversos momentos de reflexão no silêncio dos campos e se questionando quando estava longe de qualquer lugar se “serão estas linhas lidas um dia, talvez, por uma jovem dama que se sinta infeliz por não poder ir a Paris? Pode ser. Eu gostaria de colocá-la, apenas um segundo, na coxilha de Santana, no meio deste enorme mar de relva” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p.287), assim ela seria capaz de sentir a solidão e as lonjuras que os campos silenciosos do Pampa poderiam produzir, uma terra muito longe de Paris ou dos grandes centros europeus, uma terra com muito chão para ser percorrido na companhia de um cavalo onde se tentava não perder-se em estradas inexistentes, uma terra que vivenciava a guerra, muitas vezes silenciosa, entre a natureza e a humanidade, uma terra que vivia um choque de mundos, de culturas, de biomas e de pensamentos, tudo mergulhado em infinitas histórias vividas e contadas.

CONCLUSÃO

No início do século XIX muitos viajantes percorreram o Pampa, acompanhamos o trajeto de cinco destes viajantes e através de seus relatos pudemos ter uma noção de como as pessoas interagiram com a natureza e as coisas naquele espaço. Estes viajantes desembarcaram no Pampa trazendo muito mais do que suas bagagens materiais, em seus pensamentos eles carregavam suas bagagens culturais e formas de ver a natureza que remontavam diferentes correntes da modernidade do século XVIII e do século XIX. Foi possível notar que as ideias a respeito da natureza entre os viajantes trabalhados eram bastante diversas. Além disso, verificamos que os autores não eram fiéis a uma única forma de ver a natureza, demonstrando que eram influenciados por tradições diferentes e que o estudo do pensamento ambiental é muito mais complexo e rico do que apenas encaixar cada viajante em uma única e genérica categoria, ou corrente de pensamento. Viajantes como Saint-Hilaire e Isabelle se expressaram de formas diversas ao longo de seus relatos. Dreys possuía um traço mais iluminista enquanto Baguet e Avé-Lallemant expressavam uma quantidade maior de ideias românticas, mesmo que ainda influenciados em certo grau pelos pensamentos iluministas.

A primeira metade do século XIX se mostrou como um período fértil de ideias, que conviviam juntas, ora se aglutinando ora se opondo. Podemos supor que as visões dos habitantes locais a respeito da natureza do Pampa eram tão diversas como as demonstradas pelos viajantes. Talvez as expressões de pensamento tenham sido ainda mais variadas, haja vista as influências das culturas africanas e indígenas. Todavia, nossa intenção de verificar com maior profundidade como a população local percebia o Pampa esbarra nos limites impostos pela fonte, devido aos poucos vestígios uma resposta satisfatória para esta questão não pode ser construída partindo apenas destes relatos.

Verificamos ao longo do texto uma quantidade expressiva de elementos naturais destacáveis que foram valorados ou desvalorizados por cada um dos viajantes. Dentre estes elementos, estavam representados desde animais e plantas até a própria paisagem do Pampa. O clima era de maneira geral visto de maneira positiva, mas períodos prolongados de seca e fortes temporais foram vistos como problemas sérios para serem superados. Devido estarem expostos às condições do tempo durante a viagem, diversas passagens reclamam do frio, do calor, da chuva e de outros problemas atrelados ao tempo. A sociedade que ali vivia atribuía

aos animais diferentes graus de proximidade, criando uma hierarquia de preferências, estando mais próximos do contato humano os animais que possuíam nome, que possuíam assim individualidade. Insetos, peixes e principalmente anfíbios e répteis estão pouco presentes nos relatos, ao passo que sua presença no Pampa era provavelmente muito notável. Plantas estiveram à margem dos relatos, a não ser quando o viajante possuísse gosto pela botânica, como era o caso de Saint-Hilaire, de Isabelle e de Avé-Lallemant.

Vimos que alguns elementos naturais demonstram indicadores de alterações ambientais ou possíveis impactos causados pelo avanço da população sobre aquelas terras. A introdução de diferentes espécies de gado e a proliferação de plantas exóticas invasoras, como o cardo, são exemplos contundentes de que a região passou tanto por fortes alterações ambientais quanto por alterações culturais, muito antes do início do processo industrial.

Os diversos locais percorridos e visitados estavam cheios de coisas. Eram elementos da natureza como uma miríade de pequenas plantas ou animais pequenos como insetos, anfíbios e répteis. Todos, quase sempre invisíveis à percepção e ao registro de presença por parte dos viajantes, que insistiam na ideia de vazio enquanto ao seu redor um mundo de coisas compunha a paisagem. Um conjunto de pedras na beira de um rio, objetos do cotidiano, ruínas jesuíticas, habitações isoladas no meio de um campo, produtos importados da Europa e outras tantas coisas eram parte de cada localidade, sua existência era o que fazia o Pampa. Com este trabalho pretendemos que possamos passar a ver estes elementos como parte do processo histórico e que a relação estabelecida entre eles e a humanidade não seja naturalizada pela historiografia como mera interação banal e cotidiana.

Ressaltamos que os relatos de viagem são textos construídos, pensados e editados. Existe uma seleção elaborada pelo sujeito, e possivelmente por outros agentes, que percebe o mundo a sua volta para deixar registrado aquilo que ele quer que seja relatado para a posterioridade. Muitas opiniões e reais impressões de viagem podem ter sido perdidas para sempre por não estarem no texto final. O viajante possui sobre o documento o papel ativo de elaboração e transmissão de informação, sendo o elo que nos liga com a natureza, com as coisas e com as situações ocorridas no passado.

Esperamos que este trabalho contribua para melhorar e tornar mais complexo nosso entendimento sobre o período histórico em questão. Além de contribuir para os estudos sobre a interação natureza e sociedade. Acreditamos que o tema tenha um potencial muito amplo a ser explorado por futuras pesquisas, não apenas de História, mas de outros campos do saber.

Esperamos ainda que este estudo possa vir a motivar outros pesquisadores para os temas tratados aqui.

Compreender como este espaço foi percebido, julgado, pensado e alterado é importante para refletirmos como deve ser a nossa atitude perante ele e para que a partir disso se pense em como conservá-lo enquanto o estivermos habitando e conseqüentemente fazendo parte deste bioma.

REFERÊNCIAS

- AHLERT, Jacqueline. Surpreendente e melancólico. Reminiscência missioneira: o olhar de Robert Avé-Lallemant (1858). In: CONSTANTINO, Nuncia Santoro de. (Org.). **Relatos de Viagem como fontes à História**. 1ªed.Porto Alegre: EDIPUC RS, 2012, v. , p. 33-44.
- AMARAL, Marise Basso. **Histórias de viagem e a produção cultural da natureza: a paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.
- ARMANI, Carlos Henrique. Reflexões sobre o contexto na história intelectual: entre a virada linguística e o novo materialismo filosófico. In: **Tempos Históricos** (EDUNIOESTE), v. 19, p. 80-102, 2015.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)**. São Paulo: USP, 1980.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Reise durch Süd-Brasilien im Jahre 1858**. Leipzig: Brodhaus, 1859.
- BAGUET, Alexandre. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.
- BAUMER, Franklin. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Pampa**. Brasília. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/pampa> Acesso em: 28-04-2017
- CARDO DE LAS PAMPAS. In: Pinterest (Paula Mourin). Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/348114246171610703/>. Acesso em: 28-04-2017.
- CESCO, Susana. Meio Ambiente e Fronteira: a exploração dos recursos naturais nas fronteiras Brasil-Argentina-Uruguai. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, Florianópolis. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015.
- CEZAR, Temístocles. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre a historiografia e relatos de viagem. In: **Almanack Braziliense**. São Paulo, nº11, p.26-33, 2010.
- CILIBERTO, Maria Valério; DUPUY, Andrea; PRINCIPI, Andrea. Relatos de viajeros e historiografía: paisaje rural y sociedad urbana en el Buenos Aires de la primera mitad del siglo XIX. In: **Aedós**. Revista do corpo docente do Programa de Pós-Graduação da UFRGS. V.1 n.1, 2008.
- COMISSOLI, Adriano. A circulação de informações e o sistema de vigilância portuguesa da fronteira do rio da Prata (século XIX). IN: **Revista eletrônica: documento/monumento**. V.13, 2015, p.23-40.

CORRÊA, Dora Shellard. Descrições de paisagens – construindo vazios humanos e territórios indígenas na capitania de São Paulo ao final do século XVIII. In: **Varia História**. UFMG – vol.24, nº39, 2008

COUTINHO, Leopoldo Magno. **O conceito de bioma**. Acta Bot. Bras., São Paulo, v. 20, n. 1, p. 13-23, Mar. 2006.

CRONON, William. **Changes in the land: Indians, Colonists and the Ecology of New England**. Ebook, 2011.

CROSBY, Alfred. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DEAN, Warren. **A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil Colonial e Imperial**. IN: Instituto de Estudos Avançados da Universidade Federal de São Paulo, 1992.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1990.

DREW, David. **Processos Interativos Homem-Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

DOMANSKA, Ewa. The material presence of the past. In: **History and Theory**, n.45, oct., p.337-348, 2006.

ECKARDT, Isadora. A perspectiva científica da literatura de viagem do século XIX: Auguste de Saint-Hilaire. In: **Revista Estação Literária**, v. 4, 2009.

ESPINOLA, Luis; JULIO JUNIOR, Horácio Ferreira. **Espécies invasoras: conceitos, modelos e atributos**. Caracas: INCI, v. 32, n. 9, 2007.

FARINATTI, Luís Augusto. Domesticação, técnica e paisagem agrária na pecuária tradicional da Campanha Rio-Grandense (século XIX). In: COSTA, Benhur; Dieckel, Mara (Orgs.). **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

FLORES, Mariana; FARINATTI, Luís Augusto. A fronteira manejada: apontamento para uma História social da fronteira meridional do Brasil, século XIX. In: **Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma História comparada da América Latina**. Org. HEINZ, Flávio. São Leopoldo: Oikos, 2009.

GERBI, Antonello. **O novo mundo: História de uma polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GERHARDT, Marcos. **História Ambiental da Erva-Mate**. Tese (Doutorado em História) – PPGH-Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Alexander Baguet**. Elaborado e editado pelo autor. 2016. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-30.2740696,-56.9547317,6z/data=!3m1!4b1!4m2!6m1!1s1fHWg3rbR5KHRKJ-O6aYEGJDo8-E>. Acesso em 29-05-2016.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Arsène Isabelle**. Elaborado e editado pelo autor. 2016. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&authuser=0&mid=1Sh1D11C5JO37OjgrWAvJ-6iP8P4&ll=-31.624459802848133%2C-54.45583820000002&z=6>. Acesso em 06-02-2017.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Auguste de Saint-Hilaire**. Elaborado e editado pelo autor. 2016. Escala: 100 Km. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-31.5103246,-56.7211471,6z/data=!3m1!4b1!4m2!6m1!1szS2w0GxXKNBM.kZGxz0M5GPIY>. Acesso em 29-05-2016.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Nicolau Dreys**. Elaborado e editado pelo autor. 2016. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?hl=pt-BR&authuser=0&mid=1Sh1D11C5JO37OjgrWAvJ-6iP8P4&ll=-31.624459802848133%2C-54.45583820000002&z=6>. Acesso em 06-02-2017.

GOOGLE MAPS. **Mapa de viagem de Robert Avé-Lallemant**. Elaborado e editado pelo autor. 2016. Escala: 50 Km. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1fh9oz26DCIEItxi-b8PFMR8VBM0&ll=-27.584372118625872%2C-50.296007599999996&z=6>. Acesso em 06-02-2017.

GUAZZELLI, Cezar Augusto Barcellos. **O horizonte da província: a República rio-grandense e os caudilhos do Rio da Prata**. Porto Alegre: Editora Linus, 2014.

GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Para além do mundo do sentido: posições e conceitos em movimento**. In: Produção de presença. Rio de Janeiro: Contraponto/ed. PUC-RJ, 2010, p.75-117.

HASENACK, Heinrich. et.al. **Remanescentes de vegetação do Bioma Pampa**. 2006.

HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IBGE. **Mapa da vegetação do Brasil e Mapa de Biomas do Brasil**. 2004.

ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul**. Brasília: Senado Federal, conselho editorial, 2006.

JERRAM, Leif. Space: a useless category for historical analysis? In: **History and Theory** n.52, 2013.

KOSELLECK, Reinhardt. Teoria da história e hermenêutica. In: _____. **Estratos do tempo**. Rio de Janeiro: Contraponto: 2014.

KURY, Lorelai Brilhante. **Auguste de Saint-Hilaire**: viajante exemplar. Rio de Janeiro: Intellèctus, Ano 2, n.3, 2003.

LOPES, Maria Aparecida; ORTELLI, Sara. **Fronteiras Americanas**: entre interações e conflitos, séculos XVIII-XX. Estudos de História, Franca, v. 13, n. 2, 2006.

MÄDER, Maria Elisa. Civilização, barbárie e as representações espaciais da nação nas Américas no século XIX. In: **História Unisinos**. São Leopoldo, 2008.

MALLON, Florencia. Las Sociedades Indígenas frente al nuevo orden. In: VASQUEZ, Josefina Zoraida, et. Al. **Historia general de América Latina**: La construcción de las naciones latinoamericanas, 1820-1870. UNESCO, 2003.

MINUZZI, João Davi Oliveira. O Pampa visto pela História ambiental: Contribuições e possibilidades para o estudo deste bioma através da História. In: **Anais do I Congresso Internacional do Pampa**. Santa Maria: Anais do I Congresso Internacional do Pampa e III Seminário de Sustentabilidade da Região da Campanha. Santa Maria, 2016.

NOGAR, María Luciana; NOGAR, Ada Graciela; JACINTO, Guilhermina. Transformaciones y fragilidades ambientales em la Pampa argentina. In: **Revista Latino-Americana de História**. Vol.2, nº8, 2013.

OLSEN, Bjørnar. Material culture after text: re-membering things. In: **Norwegian Archaeological Review**, v. 36, n.2, 2003, p. 87-104.

OVERBECK, Gerhard; et. Al. Fisionomia dos Campos. In: PILLAR, Valério De Patta; LANGE, Omara. **Os Campos do Sul** – Porto Alegre : Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015, p.31-42.

OVERBECK, Gerhard; et. Al. Os Campos Sulinos: um bioma negligenciado. In: PILLAR, Valério De Patta; et al. **Campos Sulinos** - conservação e uso sustentável da biodiversidade – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.

PÁDUA, José Augusto. As bases teóricas da História Ambiental. In: **Estudos Avançados** nº 24, 2010.

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição**: Pensamento político e critica ambiental no Brasil escravista (1786-1888). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

PEIXOTO, Dilson. **Do gado as matas**: O impacto ambiental no rio grande do sul a partir da memória de viajantes (1808-1822). Santa Maria: Unifra, 2010.

PEIXOTO, Dilson Vargas; MORAES, Taciane Umpierre de. Visões d natureza do Rio Grande de São Pedro: Relatos de viajantes sobre a utilização dos recursos na província (1808-27). In: PEREIRA, Elenita Malta; RÜCKERT, Fabiano Quadros; MACHADO, Neli Galarce. **História Ambiental no Rio Grande do Sul**. Lajeado: Editora Univates, 2014.

PERLIN, John. **História das florestas**: a importância da madeira no desenvolvimento da civilização. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.

PHILIPPSEN, Andressa Frizzo. **Caracterização fitoquímica e atividades biológicas de *Xylosma ciliatifolium* Clos (Eichler) Flacourtiaceae (Salicaceae sensu lato)** / Andressa Frizzo Philippsen- Curitiba, 2010.

PILLAR, Valério De Patta; LANGE, Omara. **Os Campos do Sul** – Porto Alegre : Rede Campos Sulinos – UFRGS, 2015

ROSA, Lilian da. O complexo ervateiro na Província do Rio Grande do Sul oitocentista visto sob as impressões de viajantes. In: **Anais do 7º Encontro de Economia Gaúcha**, 2014.

ROSSI, Esther Mayara Zamboni; MORETTO, Samira Peruchi. Os Campos de Altitude do Brasil Meridional nos relatos dos viajantes Nicolau Dreys e Robert Avé-Lallemant. In: **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social**, 2013, Natal, 2013.

RUNDVALT, Darcio. **Para além do cenário, do palco ou do pitoresco: a paisagem dos Campos Gerais no Paraná nos relatos de viagem do século XIX ?** Auguste de Saint-Hilaire, Thomas P. Bigg-Wither e Visconde de Taunay. Ponta Grossa: UEPG, 2016.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ERUS, 1987.

SALE, Kirkpatrick. **A conquista do paraíso: Cristóvão Colombo e seu legado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

SCHWARTSMANN, Leonor. **Olhares do médico-viajante Giovanni Palombini no Rio Grande do Sul: 1901-1914**. Porto Alegre: EPIPUCRS, 2008

SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Marcelo Dutra da. Bioma Pampa um sistema ameaçado. **Diário Popular**, Pelotas, 08 de jul. 2009.

SOUZA, Augusto. **A construção do porto de Porto Alegre 1895-1930: modernidade urbanística como suporte de um projeto de estado**. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SOUZA, Fábio Feltrin de. O Pampa argentino e a conquista do deserto: uma relação discursiva. In: **Dimensões**, v. 35, jul.-dez. 2015. p.110-127.

SUERTEGARAY, Dirce; SILVA, Luís Alberto Pires. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: PILLAR, Valério De Patta; et al. **Campos Sulinos - conservação e uso sustentável da biodiversidade** – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2009.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TURNER, Frederick. **El Significado de la frontera em la historia americana**. Secuencia, n.7, 1987.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade:** na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WITT, Marcos. **Visões Litorâneas:** O litoral norte do Rio Grande do Sul sob o olhar de Saint-Hilaire, Seidler e Roquette-Pinto. Porto Alegre: Estudos Ibero-Americanos, v.38, 2012.

WORSTER, Donald. Para fazer História Ambiental. In: **Estudos Históricos** vol. 4, n. 8, 1991.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História. In: **Ambiente & Sociedade**, vol. V, n. 2, 2003.

ZARTH, Paulo Afonso; GERHARDT, Marcos. Uma História Ambiental do Rio Grande do Sul. In: TEIXEIRA FILHO, Althen (Org.). **Lavouras de destruição:** a imposição do consenso. Pelotas: Livraria mundial, 2009.